



instituto
fazendohistória



FAZENDO MINHA HISTÓRIA



FAZENDO MINHA HISTÓRIA
Guia de ação para abrigos e colaboradores

FAZENDO MINHA HISTÓRIA

Guia de ação para abrigos e colaboradores



instituto
fazendohistória

Pai conta historinha?

Era com esse pedido insistente que esperava meu pai chegar, todas as noites, todos os dias da semana, por toda a minha infância. Mesmo cansada, já passando da hora de dormir, mantinha os olhos bem abertos, para que pudesse com suas histórias, embalar o meu sono e alimentar os meus sonhos. O cavalinho alado, o gato pintor, o peixe tenor e uma série de personagens e roteiros estimulavam a minha imaginação e aguçavam minha curiosidade sobre o mundo, os afetos e as relações “humanas”.

Já minha mãe, se responsabilizava por me contar uma outra história - sem criaturas fantásticas nem roteiros espetaculares, era com ternura que me dizia, sempre no mesmo tom: “Fiquei nove meses de repouso para você nascer e na maternidade, contei os dedos dos seus pés e mãos para ver se meu bebezinho tinha nascido perfeito. De alegria, beijei um por um!” Essa era a minha história. E por ser a minha, era tão mais desejada quanto temida. Não era mais sobre gatos, cavalos ou peixes que eu me perguntava, mas sobre o que minha mãe sentia por mim, o meu lugar em minha família e no mundo. Tenho certeza de que essas histórias, reais e fictícias, foram fundamentais na minha formação e nos sonhos que ainda menina, projetei para o meu futuro.

Muitos anos depois, tive a oportunidade de conhecer de perto instituições de abrigo e, notei que em algumas delas, muito pouco se sabia e menos ainda se dizia sobre as histórias das crianças que acolhiam. Essa realidade me assustava: tinha a sensação de estar diante de “crianças sem história”. Infelizmente, aquelas crianças com seus rostinhos, personalidade, dificuldades e encantos tão diversos acabavam reduzidas ao genérico “crianças de abrigo”.

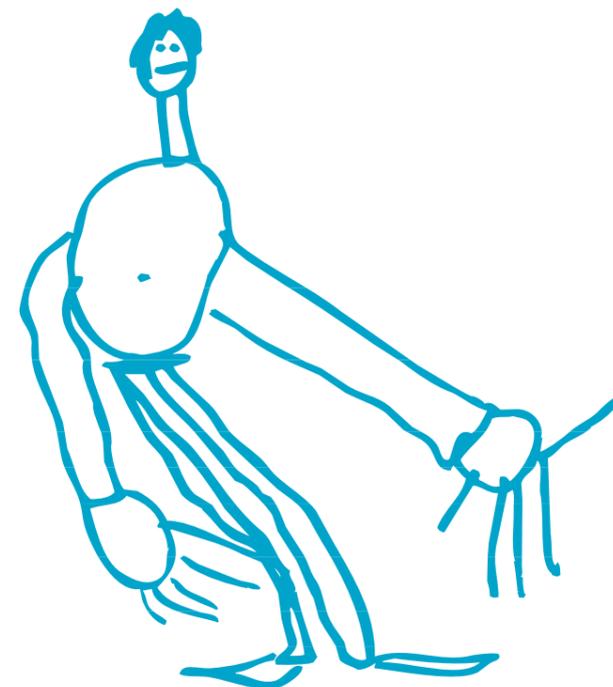
Fui descobrindo ao poucos, que eu não era a única a me incomodar diante desta realidade: colegas, professores e os próprios funcionários e técnicos dos abrigos, compartilhavam desta inquietação. Descobri também que não era por descaso ou falta de interesse das instituições que isso acontecia, mas por que lidar com as histórias de vida dessas crianças é uma tarefa complexa e delicada, um grande desafio.

Foi do encontro de pessoas sensíveis à realidade destas crianças e instituições que nasceu o Instituto Fazendo História. Hoje, o Instituto tem diversos programas, mas começou com o “Fazendo Minha História” e dele, se originou aquilo que norteia nossas ações e embasa nossos demais programas: a convicção de que as histórias dessas crianças precisam de um olhar atento e cuidadoso.

Sabemos que há diversos motivos para que essas histórias fiquem escondidas, não ditas. A insuficiência das informações vindas do Fórum, a falta de tempo dos educadores e técnicos para ler os prontuários, o medo de que a criança fique “rotulada”, etc. Razões importantes, mas que muitas vezes, servem de disfarce para outra, ainda maior: um profundo temor em conhecer e lidar com histórias tão difíceis.

Não é à toa. Como dizer a uma criança que não vê mais a sua mãe, porque é demasiadamente cruel ou violenta com os filhos? Que seu pai está preso por ter atentado contra a vida de alguém? Que seus parentes não estão dispostos a se responsabilizar por ela? Falar com a criança sobre esses fatos, não seria impingir a ela um sofrimento ainda maior? Não estaríamos, de alguma forma, repetindo a violência vivida?

Além do mais, como lidar com o sofrimento que estes enredos causam a nós mesmos? O abandono, a negligência e a agressão, vinda daqueles de quem mais precisamos é certamente, o maior de nossos receios, um terror que habita em todos nós. E estar com estas crianças nos coloca diante dele.



Não é tarefa fácil, portanto, lidar com a história desses pequenos. Mas temos certeza de que apesar de difícil, realizá-la não só é possível, como imprescindível nos cuidados das crianças abrigadas em instituições.

Acreditamos que acompanhar uma criança no olhar e reflexão sobre a própria história é o que torna possível que esta, por mais difícil que seja, possa se transformar no ponto de partida para a construção de outra: a história que será sonhada e realizada pela própria criança. Conhecer e compreender o passado para projetar desejos e sonhos futuros.

Neste guia, você vai encontrar a nossa experiência de trabalho com as histórias de vida das crianças em instituições de abrigo. A maneira que encontramos de sensibilizá-las para o universo dos livros e ajudá-las a falar e ouvir sobre as suas próprias histórias. Ao longo dos anos, percebemos que a confecção de um álbum próprio, único e feito com a ajuda de um adulto é uma ferramenta preciosa de crescimento e autoconhecimento para as crianças. Cria um espaço de interlocução e confiança entre a criança e o adulto que permite que aquilo que é mais próprio e íntimo possa ser compartilhado.

Percebemos que chegou o momento de ampliarmos o nosso alcance e compartilharmos essa experiência que rendeu ao longo dos anos, tantos frutos. Estamos verdadeiramente felizes por colocar nosso trabalho organizado neste guia, e esperamos que ele possa lhe ser útil.

Convidamos você a se apropriar do que encontra aqui da maneira que lhe for interessante e que, esta leitura venha enriquecer o seu trabalho, o seu cotidiano, os seus projetos. Que ele lhe desperte reflexões, novas descobertas e horizontes. E que a partir dele, você também construa com as “suas crianças” um jeito próprio e único de usá-lo: fazendo a sua própria história!

Clarissa de Toledo Temer
Presidente do Instituto Fazendo História

ÍNDICE

O PROJETO

1. O Instituto Fazendo História	10
2. Projeto Fazendo Minha História	12
3. Por que participar?	16
4. Quem faz o projeto	20
5. Como acontece	22

FUNDAMENTOS

1. Princípios e concepções	26
2. Triângulos da metodologia	32
2.1 Vínculo, livros e álbum	33
2.2 Produto, processo e procedimento	36
2.3 Formação, estrutura e gestão	37

AO INICIAR O TRABALHO

1. Sensibilização	40
2. Formação	42
3. Organizando a rotina	44
4. Preparando os encontros	45
5. Primeiros encontros	46
6. Compreendendo o desenvolvimento infantil	48

LIVROS: DESCOBERTA DAS HISTÓRIAS

1. Montagem da biblioteca	60
2. Mediação de leitura	62
3. Cardápio de livros	65

ÁLBUM: REGISTRO DA PRÓPRIA HISTÓRIA

1. Mitos e medos	78
2. Montar o álbum	80
3. Cardápio de atividades	84
4. Parâmetros para um bom álbum	96
4.1 O que registrar	96
4.2 Estética do álbum	98
4.3 Organização	99
5. Magia das fotos	100
6. Ainda bebês	104
7. Para além do álbum	108
8. Registro do trabalho	111

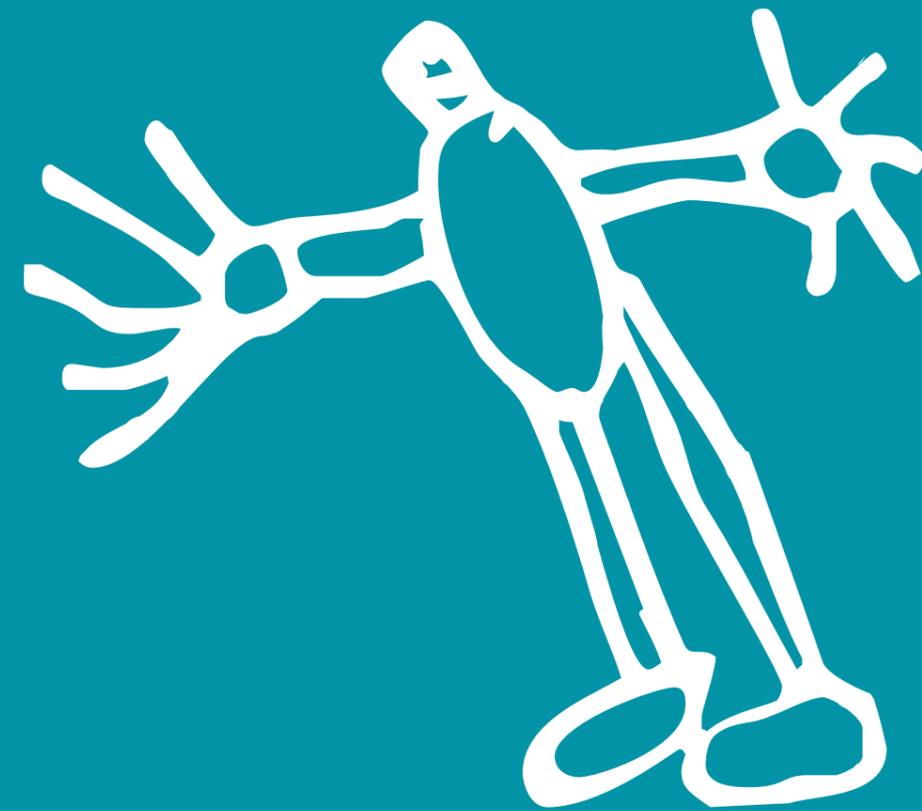
FECHAR O CICLO

1. Atividades de finalização	115
2. O que fica com cada um	117
3. Avaliação	118

Para saber mais	120
-----------------	-----

Créditos	122
----------	-----

Agradecimentos	123
----------------	-----



O PROJETO

1. O Instituto Fazendo História

Estima-se que no Brasil existam mais de 20 mil crianças e adolescentes vivendo em abrigos por motivo de abandono, negligência, orfandade, violência e miséria*. Garantido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente como medida excepcional e provisória, o abrigo deve oferecer proteção, saúde, educação e lazer, criando um espaço educacional e de acolhimento para que as crianças e adolescentes se desenvolvam de forma integral. É um papel desafiador, para o qual o abrigo precisa se preparar, se renovar e se articular com a rede de atendimento à infância continuamente.

O Instituto Fazendo História, sediado em São Paulo, participa desse movimento, constituindo um núcleo de trabalho e produção de conhecimento sobre abrigos.

Nossa missão

Colaborar com a formação da identidade das crianças e adolescentes que estão nos abrigos, trabalhando com sua rede social para melhorar a qualidade de vida e incentivar cada um a construir e transformar a própria história.

* A miséria/pobreza não é considerada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente um aspecto que justifique o abrigamento. Nesses casos, outras medidas devem ser tomadas.



**instituto
fazendohistória**

Nossos programas

Além do Fazendo Minha História, o Instituto desenvolve as seguintes iniciativas:



Com Tato

Oferece atendimento psicológico a crianças e adolescentes que moram em abrigos. Os psicoterapeutas que atuam neste programa são voluntários selecionados por nossa equipe, que se aprimoram constantemente por meio de supervisões semanais oferecidas por profissionais com larga experiência na área, que também trabalham voluntariamente.



Oferece aos abrigos um serviço de aprimoramento profissional, criando um espaço de reflexão sobre o trabalho exercido nas instituições. Entre outras possibilidades de intervenção, destacam-se: grupos de discussão sobre a prática da equipe do abrigo; supervisão de projetos técnicos com os coordenadores e gestores dos abrigos; supervisão institucional.



Trabalha a aquisição de autonomia dos adolescentes, criando oportunidades de autoconhecimento e conhecimento da comunidade ao seu redor, em busca de um desabrigamento bem-sucedido.



Contribui para a melhoria do atendimento oferecido aos bebês que moram em abrigos; o trabalho é desenvolvido em parceria com os educadores e as mães por meio de diversas oficinas.

2. Projeto Fazendo Minha História

O Fazendo Minha História tem como objetivo proporcionar meios de expressão para que cada criança e adolescente que vive nos abrigos possa entrar em contato e registrar sua história de vida.

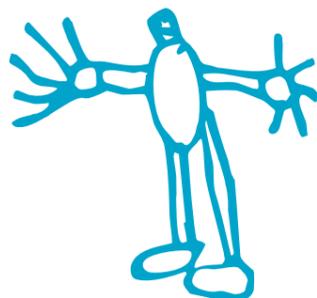
Com início em 2002, o projeto foi a primeira ação desenvolvida pelo Instituto Fazendo História. A idéia surgiu da necessidade de garantir um espaço para as histórias de vida das crianças e adolescentes que, muitas vezes, se perdem no dia-a-dia das instituições.

O Fazendo Minha História proporciona meios de expressão através de um olhar individualizado, no qual cada um pode entrar em contato com as necessidades, medos e desejos que fazem parte de sua trajetória de vida. Desde cedo, a criança tem uma história para contar ou a necessidade de que a contemos para ela. Todas têm uma origem, pertencem a uma família e a um grupo social e cultural.

O conhecimento, a possibilidade de atribuir outros significados e compreender a sua história são fundamentais para a formação da identidade e para um desenvolvimento psíquico saudável.

O trabalho sempre acontece em parceria com o abrigo. Além de assumir a gestão do projeto no dia-a-dia, a instituição vai percebendo a importância de registrar e valorizar as histórias das crianças e adolescentes. Ao mesmo tempo, uma parceria importante é estabelecida com o colaborador que se dedica semanalmente, durante uma hora, a realizar um trabalho individualizado com cada criança envolvida no projeto.

O vínculo entre esse colaborador e a criança ou adolescente é, ao mesmo tempo, uma das principais estratégias e fonte de resultados do Fazendo Minha História. Baseado no respeito e afeto, o convívio entre os dois possibilita momentos de troca e aprendizado sobre si mesmo - seu presente, passado e futuro.



Nasce o projeto

Minha primeira experiência em abrigo foi na Sampaio Viana, uma unidade da FEBEM que atendia até 400 crianças antes do reordenamento dos abrigos de São Paulo. Era um trabalho de sensibilização, com um voluntário por criança, semanalmente.

Trabalhei com a Natalie, de onze meses, durante um ano. Me lembro que entrei numa sala grande com inúmeras crianças e diversas fraldas para trocar. Muita criança, mas pouca história.

Essa era a minha inquietação: quem é essa criança? Às vezes, uma educadora não sabia algum nome e tinha que perguntar para outra. Estavam lá, tentando colocar etiquetas nos berços.

Faltava individualidade.

Quando a Natalie foi desabrigada, fiquei com a sensação de que tudo que vivi ali com ela também seria esquecido. Quem poderia lhe contar o que aconteceu? Como ela iria saber que só foi andar aos dois anos porque tinha medo de pôr o pé no chão já que ficava demais no berço?

Aí eu pensei: cada criança é uma. Precisa ter a sua história garantida. E, assim, nasceu o projeto.

Cláudia Vidigal

Psicóloga, fundadora e coordenadora do Fazendo Minha História

Quero contar

O Wellington um dia me falou: - Hoje eu quero contar a minha história. Então, ele sentou e começou: - Eu nasci... E contou a história dele inteira, a ida para o abrigo, a saída de lá, o encontro com a Lúcia (mãe social), a adoção e tudo mais. Foi contando, contando e, no final, ele olhou e escreveu: esse Wellington tem futuro!

Cristiane Laloni

Colaboradora voluntária do Fazendo Minha História

Minha história

Ele pegava o álbum e falava: - Quero fazer o álbum porque vou dar para a minha mãe, vou dar para quem me adotar. Ele criou um vínculo muito legal e, no final, apareceu uma tia, ele foi desabrigado e tinha o que levar... Geralmente, as crianças saem com uma mão na frente e a outra atrás; a única coisa que levam é o álbum, que é a história delas.

Cristiane Lamas Damiam

Colaboradora voluntária do Fazendo Minha História

Nessa conquista, os livros são grandes aliados. Conhecer e se envolver com as histórias da literatura se revelou um ótimo caminho para estimular a criança a falar de si, facilitando assim a produção de um registro de sua história pessoal. Cada abrigo recebe uma biblioteca com 150 títulos da literatura infanto-juvenil para que sejam incorporados no seu dia-a-dia.

Ao iniciar o projeto, cada criança ou adolescente recebe um álbum em branco, com muitas páginas a serem recheadas com seus textos, fotos e desenhos. Elaborado em parceria com os colaboradores, ele se torna um lugar de registro e preservação da sua história de vida, com informações importantes sobre a sua família, seu tempo no abrigo, seus amigos, sua escola, suas perspectivas e sonhos para o futuro. Ele pertence ao menino ou à menina e irá acompanhá-lo na saída do abrigo.



Nossos objetivos

- OFERECER CONDIÇÕES PARA QUE AS CRIANÇAS E ADOLESCENTES SE APROPRIEM, COMPREENDAM E REGISTREM SUAS PRÓPRIAS HISTÓRIAS;
- OFERECER CONDIÇÕES PARA QUE O POTENCIAL DE RELACIONAMENTO DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES SEJA DESENVOLVIDO POR MEIO DE VÍNCULOS DE RESPEITO, CUIDADO E CONFIANÇA COM OS COLABORADORES;
- AMPLIAR O REPERTÓRIO CULTURAL DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES POR MEIO DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL;
- DISCUTIR E REFLETIR COM OS ABRIGOS OS DESAFIOS DE LIDAR COM AS HISTÓRIAS DE VIDA DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES.



Vem ver!

Quando cheguei ao abrigo, essa foi a primeira referência que as crianças me passaram: - Você quer saber a minha história? Está registrada aqui! Para todos que chegam - profissionais, voluntários, visitas - a primeira coisa a que eles se referem é o Fazendo História: - Tia, venha ver o meu álbum! Parece que faltam venha me conhecer!

Ana Lívia Palmeira Mota dos Santos
Educadora, Casa Semeia

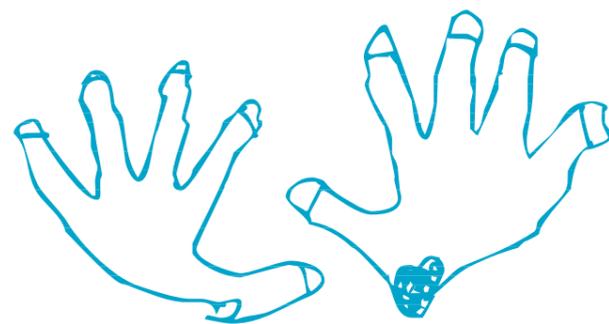
3. Por que participar?

Para o abrigo, acreditamos que a proposta traga diferentes oportunidades:

- Conhecer e registrar a história das crianças e dos adolescentes;
- Compreender as singularidades de cada um e situações que acontecem no cotidiano;
- Fortalecer a identidade, auto-estima, autonomia e potencial de cada um;
- Promover a prática da leitura e da escrita;
- Propiciar a integração da equipe do abrigo com outros profissionais e colaboradores.

Para o colaborador, a experiência do projeto tem permitido:

- Contribuir com o desenvolvimento das crianças e adolescentes em situação de abrigo;
- Conhecer a realidade social dos abrigos;
- Desenvolver novas habilidades;
- Interagir com a equipe do abrigo e outros colaboradores.
- Engajamento social com responsabilidade e acompanhamento técnico especializado.



Orgulho geral

As crianças pedem: – Tira uma foto comigo, tia! Eu tenho fotos com todas. Elas se orgulham e eu mais ainda. Quero estar lá. Para mim, é um trabalho muito importante com as crianças e comigo mesma.

Sofia Aparecida de Almeida

Educadora do Lar 4 do Educandário Dom Duarte

Para além da diversão

Sempre procurei um projeto para fazer parte, mas só encontrava aqueles nos quais você vai, brinca, diverte a criança e vai embora. Não existe nenhum vínculo com aquela criança, fica sempre faltando alguma coisa. Soube então do Fazendo Minha História e, finalmente, me achei. Há um vínculo, um processo e um objetivo.

Beatriz Ramos Carneiro

Colaboradora voluntária do Fazendo Minha História



Trabalho voluntário

O trabalho do colaborador pode ser voluntário e, nesse caso, somam-se novas questões. Vale perguntar: o que faz uma pessoa sair de casa para realizar um trabalho não remunerado?

Voluntário, segundo estudo realizado pela Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança, é o “ator social e agente de transformação que presta serviços não remunerados em benefício da comunidade; doando seu tempo e conhecimentos, realiza um trabalho gerado pela energia de seu impulso solidário, atendendo tanto às necessidades do próximo ou aos imperativos de uma causa, como às suas próprias motivações pessoais, sejam estas de caráter religioso, cultural, filosófico, político ou emocional”.

Ao analisar os motivos que mobilizam alguém em direção ao trabalho voluntário, percebemos, entre outros, dois componentes fundamentais. O primeiro é a realização pessoal, que se traduz na doação de tempo e esforço como resposta a uma inquietação interior. O segundo é a tomada de consciência dos problemas a serem enfrentados na realidade, o que leva à luta por um ideal e ao compromisso com uma causa. Em ambos os casos é um ato de solidariedade.

No Fazendo Minha História, várias razões têm levado as pessoas a se interessarem pelo trabalho:

- O público atendido – crianças e adolescentes em situação de risco social;
- O conteúdo do projeto – trabalhar com histórias de vida;
- A estratégia – contar e registrar histórias;
- Amigos e parentes já envolvidos no projeto.



Adoro crianças

Sempre gostei muito de criança. Cursei engenharia, mas não me satisfiz dentro de uma empresa. Tive, então, a chance de trabalhar numa escola e fiquei feliz da vida, achei meu canto. Só que sentia que devia fazer um trabalho social. Aí, conheci o Fazendo Minha História, que caiu como uma luva por causa do tempo que eu tinha para me dedicar. Além do mais, ele possibilita o que para mim é o mais importante: a proximidade real com as crianças.

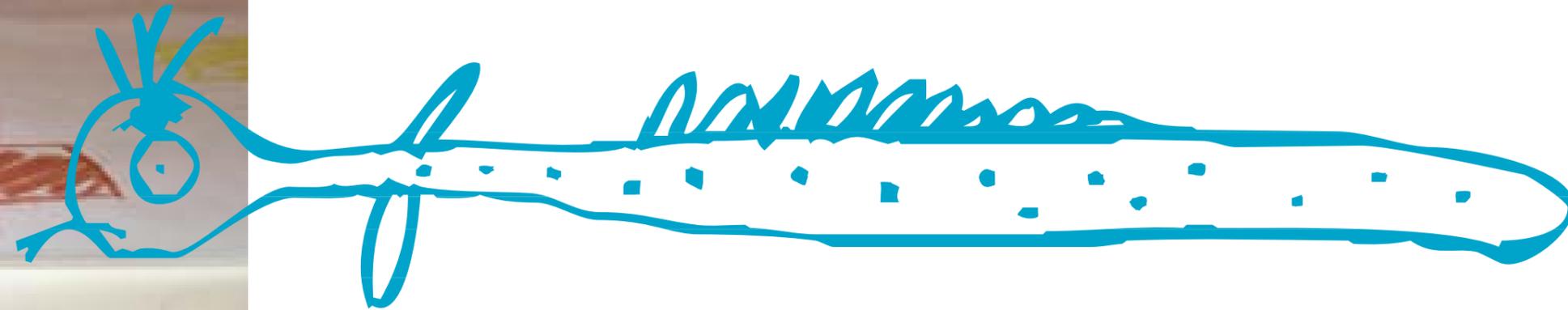
Lia Olival

Colaboradora voluntária do Fazendo Minha História

Compromisso

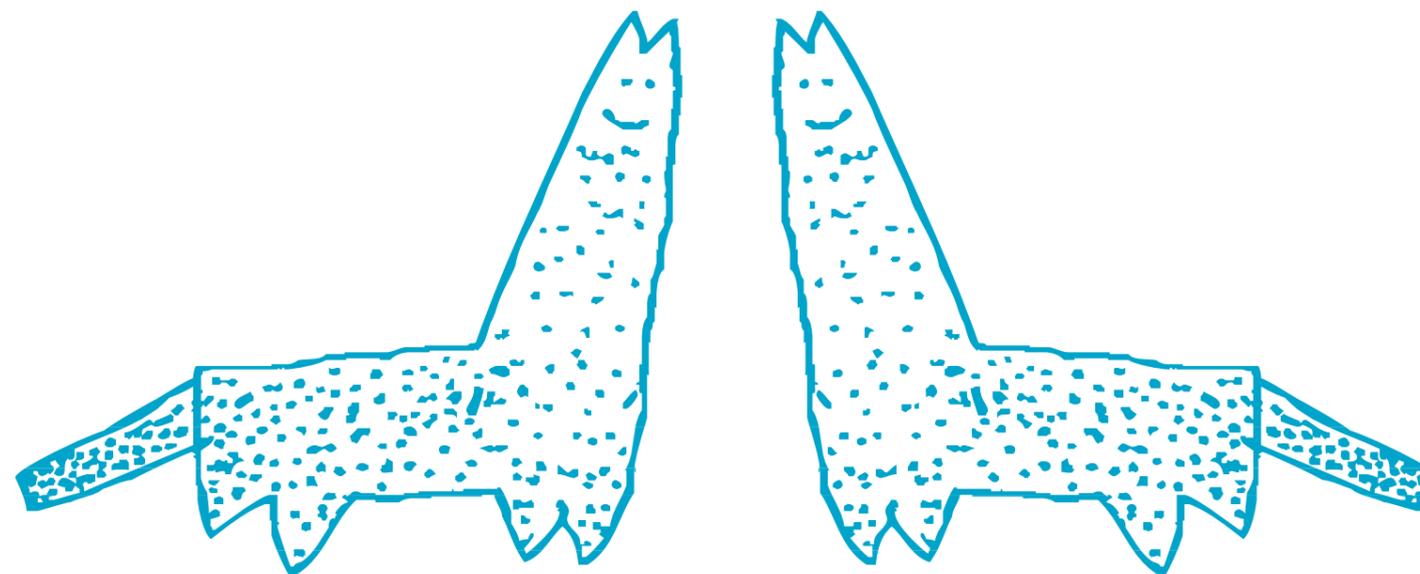
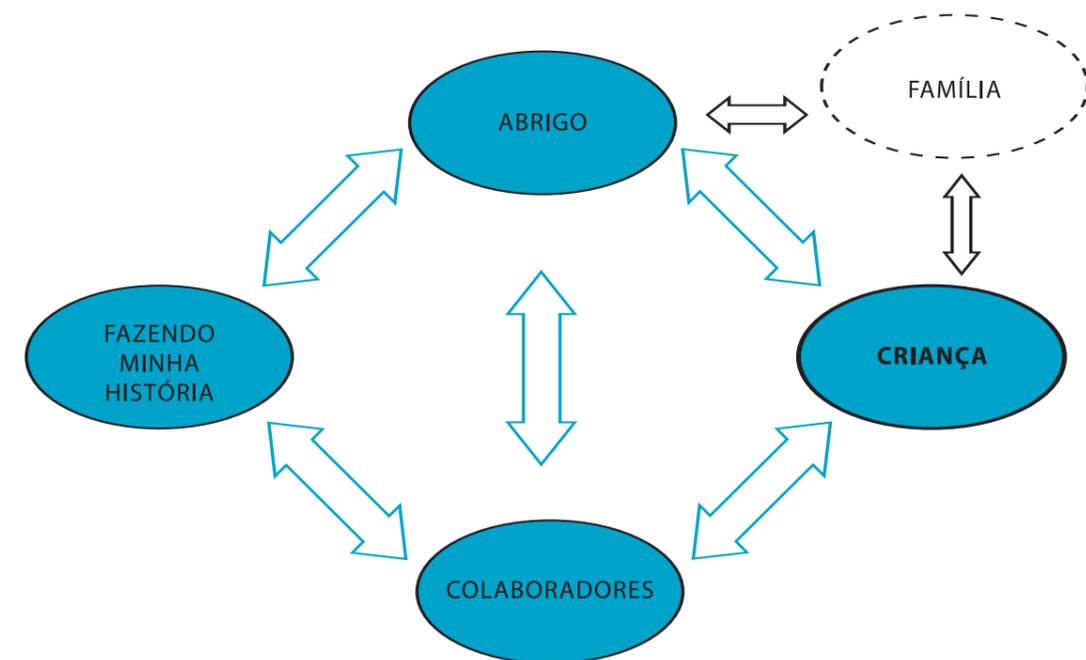
O colaborador deve ter consciência do compromisso assumido com a criança. Afinal, pelo menos um aspecto da sua história já é conhecido: aquele menino ou menina viveu uma ruptura muito importante ao ser afastado da família. E, portanto, é fundamental o cuidado para não repetir a experiência estabelecendo um vínculo que pode ser rompido rápida ou bruscamente.

Inicia-se, então, uma relação que exige cuidado e respeito. Só deve começar no projeto quem sabe que poderá levar o compromisso adiante. É importante estimar a dedicação de tempo necessária e esclarecer todas as dúvidas em relação ao propósito e perfil das atividades antes de assumir o compromisso e conhecer a criança ou adolescente.



4. Quem faz o projeto

O Fazendo Minha História é uma parceria entre a equipe técnica do Instituto Fazendo História, a coordenação e os profissionais do abrigo, os colaboradores, as crianças e adolescentes e, quando é o caso, suas famílias.



Relação de parceria

É um processo vivo e permanente que, para dar certo, se baseia em algumas posturas:

Ter claro o objetivo em comum: o desenvolvimento das crianças e dos adolescentes através da valorização de suas histórias;

Ter clara a existência de um desejo mútuo entre as partes: "quero estar aqui", "vocês me querem aqui";

Estar aberto para reconhecer a individualidade de cada organização, construir uma relação e rever posições e valores.

O que cada um faz?

A. O Instituto Fazendo História disponibiliza a metodologia e a formação para o desenvolvimento do projeto. Há sempre um profissional acompanhando e apoiando o desenvolvimento da iniciativa em cada abrigo parceiro.

B. O abrigo assume a gestão do projeto, providenciando as condições necessárias para a realização das atividades no dia-a-dia. Espera-se, também, que ele se aproprie do trabalho com as histórias de vida para que isso se torne uma prática cotidiana. Um profissional da equipe do abrigo deve ser o interlocutor e a referência para o projeto. Além desse gestor, os educadores são parceiros fundamentais, já que acompanham as crianças em seu cotidiano e as conhecem melhor.

C. O colaborador é quem realiza o trabalho diretamente com a criança ou adolescente. Em encontros semanais, lê histórias, monta o álbum, entre outras ações. Participa também das atividades de formação e avaliação do projeto. Ele pode ser um educador do abrigo, um estagiário de Psicologia, um profissional contratado ou um voluntário sem formação específica.

D. A criança ou adolescente é o protagonista do projeto. Cada um decide se quer ou não participar, afinal, será ele o autor do álbum e das histórias.

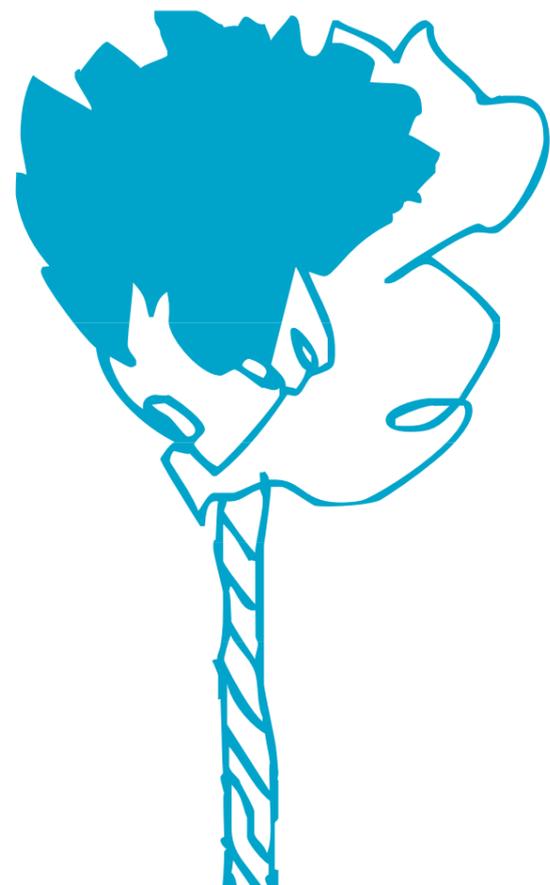
5. Como acontece

Há um prazo fixo para a duração do projeto. A experiência tem mostrado que 12 meses é o tempo médio para que o colaborador desenvolva o trabalho.

O prazo fixo garante para a criança e para o colaborador a segurança de que, como todas as experiências da vida, esta também tem um começo, um meio e um fim. Para as crianças, especificamente, o contrato bem estabelecido desde o início é muito importante.

É fácil perceber que o projeto não segue uma linha reta. Em alguns aspectos, o desenvolvimento do trabalho varia de abrigo para abrigo e, até mesmo, de pessoa para pessoa. Entretanto, de forma geral, podemos dizer que ele segue o percurso abaixo, detalhado no decorrer deste guia:

1. Parceria entre o Fazendo Minha História e o abrigo.
2. Preparação da equipe do abrigo.
3. Formação dos educadores.
4. Sensibilização das crianças e dos adolescentes.
5. Formação inicial dos colaboradores.
6. Primeira visita dos colaboradores ao abrigo.
7. Implementação da biblioteca.
8. Desenvolvimento do trabalho com as crianças e os adolescentes.
9. Finalização do trabalho.
10. Avaliação e planejamento de continuidade.





FUNDAMENTOS

1. Princípios e concepções

Infância e adolescência vividas plenamente

O **Estatuto da Criança e do Adolescente** substituiu em 1990 a legislação anterior (o Código de Menores, de 1979) e trouxe mudanças significativas na história dos direitos da criança e do adolescente no Brasil. Ele coloca em prática um novo paradigma: a Doutrina da Proteção Integral. Agora, todas as crianças e adolescentes são vistos como sujeitos de direito.

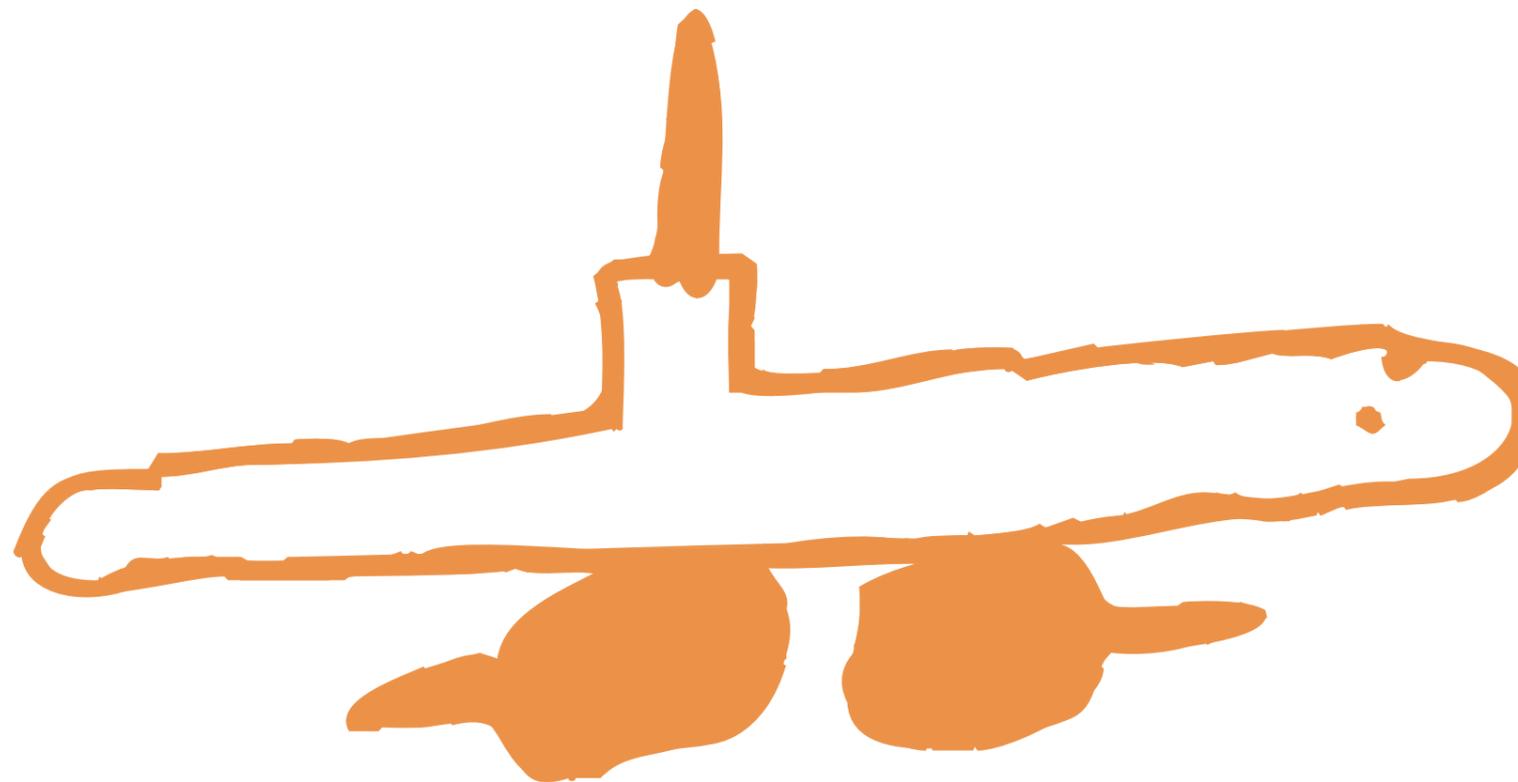
Art. 4º – *É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.*

Fica difícil imaginar como viver bem a infância ou a adolescência sem a presença de adultos que cuidem, protejam e estimulem as descobertas e os aprendizados. Pessoas da família, da comunidade ou, quando é o caso, do abrigo são as responsáveis por estimular e contribuir para esse desenvolvimento.

As crianças que estão abrigadas precisaram de uma intervenção do Estado para garantir o bom curso de suas vidas. E, apesar do desafio institucional ser grande, acreditamos que o abrigo pode ser um espaço alternativo de proteção e desenvolvimento integral. É nesse sentido que o Fazendo Minha História se propõe a contribuir.

Essas crianças e adolescentes viveram situações de orfandade, abandono, violência ou negligência e necessitam de atenção e trabalho especializado. Acima de tudo, são crianças em toda a complexidade dessa fase e vivem um tempo de fantasias e brincadeiras, bem como de fantasmas e medos. É essencial lidarmos com as diferenças sem estigmas, preconceitos ou idealizações.

Uma criança que mora em abrigo é como todas as outras – vai chorar, viver faltas, frustrações e precisar de limites. Certamente, ela tem fatos e vivências sofridas em seu passado, mas sua identidade não se restringe apenas a isso. Todos têm potencial para crescer, se desenvolver e elaborar sua história de vida.



Abriço como espaço de desenvolvimento

Durante décadas, o abrigo – antigo orfanato, educandário ou colégio interno – ficou conhecido como espaço de abandono. Funcionando como grandes instituições fechadas, isolados da comunidade e atendendo muitas crianças ao mesmo tempo, os abrigos chegaram a ser chamados de “depósitos” de crianças.

Com o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), as grandes instituições deixaram de ter respaldo legal e nasceram os pequenos abrigos com a proposta de proteger e educar. Foram estabelecidos novos parâmetros de atendimento como a restrição ao número de crianças, a não separação de irmãos, a integração à vida comunitária, a preservação dos vínculos familiares quando possível ou a busca por uma família substituta.

ANTIGO ORFANATO	ABRIGO
REGULAMENTADO PELO CÓDIGO DE MENORES.	REGULAMENTADO PELO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE.
ESTADIA PERMANENTE	ESTADIA PROVISÓRIA
AMBIENTE INSTITUCIONAL, COM ATENDIMENTO EM GRANDES GRUPOS	AMBIENTE DE ACOLHIMENTO-ATENDIMENTO EM PEQUENOS GRUPOS
TRABALHO ASSISTENCIAL DE ATENDIMENTO À CRIANÇA, SEM FOCO NO RETORNO DA CRIANÇA AO AMBIENTE FAMILIAR.	TRABALHO EDUCACIONAL QUE BUSCA A REINserÇÃO FAMILIAR.
CENTRALIZAÇÃO DE SERVIÇOS NO LOCAL DA MORADIA, SEM UMA VISÃO MAIOR DE INserÇÃO COMUNITÁRIA	UTILIZAÇÃO DA REDE DE SERVIÇOS DA COMUNIDADE, COMO ESCOLA, CENTROS COMUNITÁRIOS DE BAIRRO, ONG, POSTOS DE SAÚDE LOCAIS, COMO FORMA DE PROMOVER A INserÇÃO COMUNITÁRIA.

Estatuto da Criança e do Adolescente



Art. 98 – As medidas de proteção à criança e ao adolescente são aplicáveis sempre que os direitos reconhecidos nessa Lei forem ameaçados ou violados.

I – por ação ou omissão da sociedade ou do Estado;

II – por falta, omissão ou abuso dos pais ou responsável;

III – em razão de sua conduta.

O abrigo deve ser um espaço no qual as crianças e os adolescentes se sintam protegidos e criem vínculos de confiança. Ele existe para ser um lugar de acolhimento e socialização, que favoreça o desenvolvimento da autonomia e da criatividade. Para tanto, se faz necessário o olhar atento à individualidade da criança, que necessita ser compreendida a partir de sua história, dentro de seu contexto sócio-cultural, e respeitada em sua etapa de desenvolvimento.

Art. 92 – As entidades que desenvolvem programas de abrigo deverão adotar os seguintes princípios:

I – preservação dos vínculos familiares;

II – integração em família substituta, quando esgotados os recursos de manutenção na família de origem;

III – atendimento personalizado e em pequenos grupos;

IV – desenvolvimento de atividades em regime de co-educação;

V – não desmembramento de grupos de irmãos;

VI – evitar, sempre que possível, a transferência para outras entidades que abriguem crianças e adolescentes;

VII – participação na vida da comunidade local;

VIII – preparação gradativa para o desligamento;

IX – participação de pessoas da comunidade no processo educativo.

Parágrafo único. O dirigente de entidade de abrigo é equiparado ao guardião, para todos os efeitos de direito.



Atualmente, o abrigo busca se renovar - e inovar - para cumprir um papel social extremamente desafiador e que, às vezes, parece contraditório. Apesar de ser uma medida provisória, ou seja, “não definitiva”, o abrigo também não pode ser “improvisado”. Precisa proporcionar um atendimento qualificado, com projeto político-pedagógico, para lidar com situações complexas de abandono, violência ou negligência. Ele não se confunde com a família, mas é um espaço de vínculos e afeto. Deve investir na saída das crianças, porém, enquanto isso não acontece, precisa promover uma experiência de vida rica e significativa. Nesse sentido, é também necessário dizer que cada abrigo é único e que o tempo de permanência nele depende da história particular de cada criança ou adolescente.

É IMPORTANTE CADA UM PODER CONTAR A SUA HISTÓRIA

Todas as pessoas têm uma história única e singular. Poder conhecê-la, preservá-la e contá-la é, portanto, fortalecer quem você é, quem quer ser e qual a sua trajetória e lugar no mundo.

Todo ser humano é o protagonista da sua vida e ter a oportunidade de se apropriar da autoria da sua história significa construir subjetividade.

Podemos definir **história de vida***, como a narrativa construída a partir do que cada um guarda seletivamente na memória. Isso corresponde ao modo como organizamos e traduzimos para os outros parte daquilo que vivemos e conhecemos.

* segundo concepção do Museu da Pessoa.

Em especial, as crianças e adolescentes que estão nos abrigos precisam falar, elaborar e organizar as experiências de perda, abandono ou violência que os levaram para aquela situação, além de lembrar, valorizar e resgatar as boas e importantes vivências que precederam esse momento. Olhar para o passado é fundamental para enfrentar o futuro.

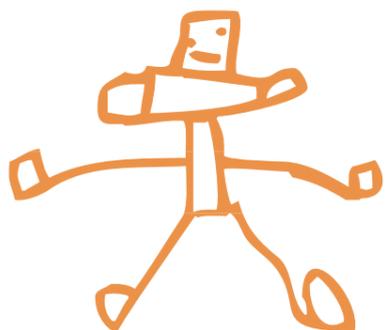
É próprio do ser humano “não ter memória consciente” de acontecimentos precoces da sua vida. A criança precisa de testemunhos (uma foto, a fala dos adultos) para “recuperar” essa fase que faz parte da sua história/identidade. Os pais e familiares costumam desempenhar esse papel, mas, na sua ausência, é importante oferecer uma alternativa para que parte dessa história não desapareça.

Registrar a vivência durante o abrigamento também pode evitar que este se torne um período silenciado e nebuloso. Quanto mais a criança ou adolescente (e futuro adulto) souber como foi a experiência, melhor conseguirá entendê-la como uma fase integrada à sua vida.

RESPEITAR E VALORIZAR A SINGULARIDADE E A HISTÓRIA DE CADA UM

Se cada criança ou adolescente é único, não podemos esperar que todos participem e reajam ao projeto da mesma forma. Por isso, a singularidade de cada um deve guiar o desenvolvimento do trabalho. Não por acaso, o álbum do Fazendo Minha História é entregue totalmente em branco, sem “formulários” a serem preenchidos. Mantendo o propósito do projeto, os colaboradores precisam respeitar o ritmo, as necessidades e os desejos da criança ou adolescente.

A história de cada participante (sua origem, família, amigos, a comunidade e suas vivências no abrigo) precisa ser ouvida e acolhida sem julgamentos. É necessário manter uma postura de abertura e respeito, sem idealizar, julgar ou manipular o que cada um traz. Sentimentos conflituosos e contraditórios podem aparecer às vezes e não devem ser negados, mas trabalhados com a equipe do projeto.



Rumo inesperado

Uma das crianças foi no primeiro dia, mas saiu dizendo que não queria mais e realmente não voltou. Conversei muito com a coordenação do Fazendo Minha História no abrigo, que me disse: - Se ele não está querendo ir, conversa e explica que não precisa.

Então, o procurei e disse: - Você não precisa participar, não é obrigado. Teria que ser uma coisa que você gostasse, que quisesse, para contar a sua história. Não vou ficar chateada e nem triste. Mas, a partir daí, ele decidiu participar faltando de vez em quando.

Apesar disso, entre todas as crianças, ele é o que mais se preocupa se eu vou ou não. Mesmo quando não vai fazer o álbum, ele quer saber se eu estou lá. Da última vez que avisei que ia sair de férias, ele ficou muito triste e me deu um livro para que lhe contasse a história na volta.

Cristiane Lamas Damiam

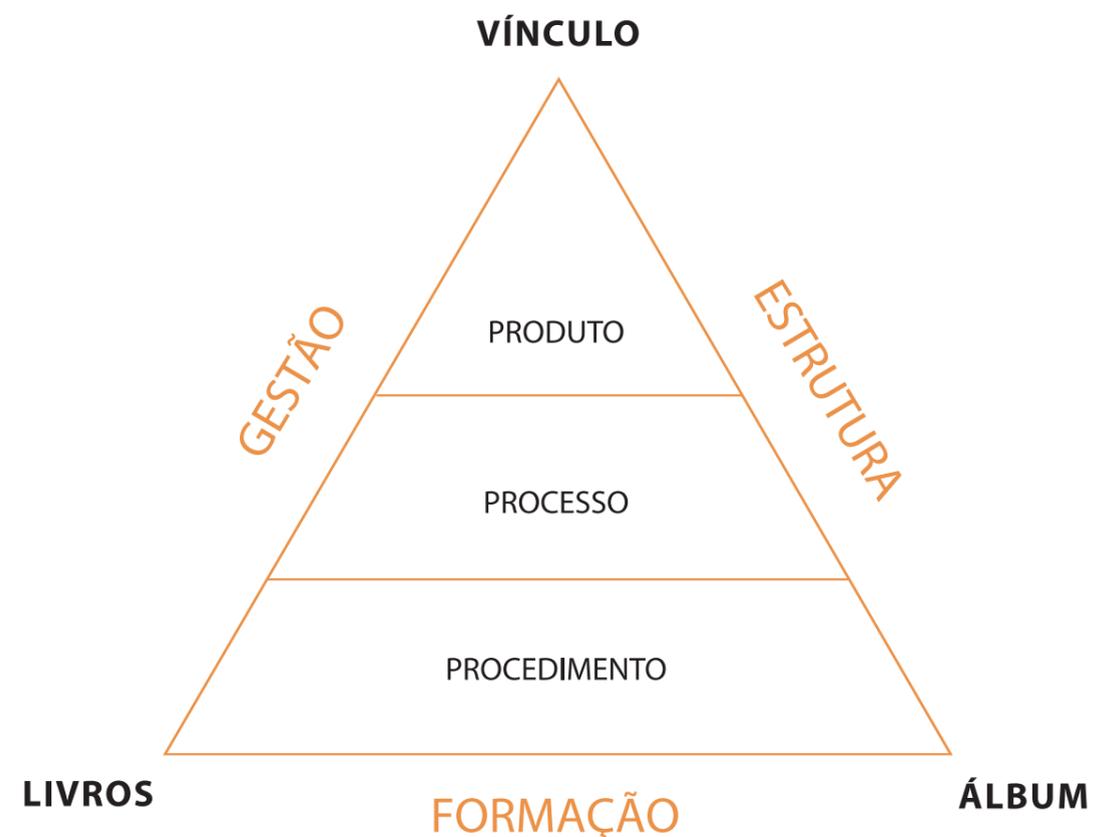
Colaboradora voluntária do Fazendo Minha História



2. Triângulos da metodologia

A metodologia do Fazendo Minha História pode ser desenhada na integração de três triângulos:

- **Vínculo, Livros e Álbum** - Ferramentas essenciais no trabalho com a criança;
- **Produto, Processo e Procedimento** - Dimensões integradas no desenvolvimento do trabalho;
- **Formação, Estrutura e Gestão** - Pilares que dão sustento ao trabalho.



2.1. Vínculo, livros e álbum

VÍNCULO

A construção de uma relação entre o colaborador e a criança ou adolescente é o ponto de partida e a base de todo o trabalho. Através dos encontros, busca-se construir um vínculo de afeto, respeito e confiança. Nessa conquista, contam a constância da presença do colaborador e o cumprimento dos acordos. Espera-se que ele compareça pontualmente a cada semana no horário combinado. Deixar o outro esperando, não dar notícias sobre atrasos ou faltas geram frustrações que podem ser vividas pelas crianças como a repetição do abandono.

LIVROS

“No encontro com a literatura, os homens têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida em grau e intensidade não igualados por nenhuma outra atividade”. (Coelho, Nelly Novaes, 2000)

O universo da literatura infantil e juvenil é a principal ferramenta de acesso às histórias pessoais das crianças. As narrativas funcionam como organizadoras do mundo interno; com as histórias, elas são capazes de se reinventar e vislumbrar o futuro. Abre-se, assim, a possibilidade de trabalhar diversos temas: amor, morte, separação, amizade, rejeição, crescimento, sexualidade, entre outros. Além de revelar uma diversidade de oportunidades, o trabalho com os livros, portadores de cultura e conhecimento, busca garantir o direito de acesso à literatura.

Muitas vezes, os livros trazidos pelo projeto são os primeiros existentes no abrigo. A biblioteca surge como uma novidade na rotina do grupo e da própria casa. Espera-se que os coordenadores e educadores da instituição percebam a importância dos livros, deixando-os acessíveis a todos, cuidando da sua preservação e usando-os no cotidiano do abrigo.

O trabalho do colaborador é cativar as crianças e adolescentes para o mundo das narrativas. Não se espera que os participantes sejam “contadores de histórias” profissionais, mas que atuem como mediadores, despertando o interesse e o prazer pela leitura. Adiante, há um capítulo dedicado ao tema.

Construindo vínculo

Chegaram duas meninas no abrigo em que eu trabalhava. A mãe havia abandonado o pai, que ficou com as meninas e começou a abusar delas como forma de descontar tudo o que a mãe havia feito. Elas eram ariscas, você chegava perto e elas fugiam, tinham medo. Era uma reação a adultos em geral. De repente, me vi ali diante das duas com o desafio de iniciar um vínculo e construir suas histórias. Foi difícil, mas pouco a pouco fomos estabelecendo uma relação de maior proximidade. Essa foi uma história que levei para a minha casa, contei para as minhas filhas e, até hoje, elas me perguntam das duas. Atualmente, elas são outras meninas, bem mais calmas...

Lia Olival

Colaboradora voluntária do Fazendo Minha História

Até os pequeninos

Você começa a contar para um e vai chegando mais um, depois outro e, quando você vê, já tem meia dúzia para ouvir aquela história. Hoje, vejo que eles sentem prazer na leitura. Até os pequenininhos, que não sabem ler, são mais interessados pelas figuras e cores, já pedem os livros. Eles vêm logo dizer: – Chegou livro novo! Vamos ler este aqui?

Jailma Gomes de Araújo

Educadora do Lar 3 do Educandário Dom Duarte

ÁLBUM

A partir dos livros infantis, as crianças e adolescentes vão se motivando a escrever suas próprias histórias. Nesse momento, eles encontram um grande álbum em branco, com capa dura, a ser recheado com seus textos, desenhos e fotos; poder tirar e guardar suas próprias fotos é um grande atrativo para as crianças. De diferentes modelos, o álbum não precisa ser sofisticado, mas sempre resistente, bonito e passível de uma identificação positiva.

Ele é um elemento concreto, representa um espaço de expressão e registro da vida de cada um sobre o presente, passado e futuro. É um objeto de identificação, reconhecimento e significação da história de cada criança.

É essencial enfatizar com a criança a importância do álbum. Ele deve ser cuidado e preservado, sempre com a responsabilidade assumida também pelos adultos da casa. E quando a criança ou adolescente é desabrigado (volta para a família, é adotada ou completa 18 anos e conquista vida própria), deve levá-lo.

A produção das histórias, fotos e desenhos ocorre em co-autoria com o colaborador, que atua como um “facilitador”, propondo temas, ajudando na feitura dos textos, nas colagens e na escolha das imagens. Cabe a ele, como adulto, zelar pela qualidade e propósito do produto, garantindo, por exemplo, a diversidade de componentes e conteúdos e estimulando o capricho no acabamento.



Caçar cobra

Uma vez, o Zé me contou um monte de histórias lá da Bahia, disse que eles iam caçar cobra e tal. Foi super legal e a gente digitou. Depois de um ano, li a história para ele, que se espantou: – Eu falei isso? E se diverti com a história.

Isso é muito interessante, pois eles vão crescendo e, agora, têm um lugar no qual as histórias ficam registradas. Acho que o álbum vai ser muito bom no futuro. Quando eles tiverem filhos vão poder dizer: – Olha, eu tenho uma história para contar para vocês!

Lia Olival

Colaboradora voluntária do Fazendo Minha História



2.2. Produto, processo e procedimento

O produto final do trabalho do colaborador é o registro da história da criança no álbum. O processo diz respeito à relação de confiança que se estabelece e às atividades desenvolvidas ao longo dos encontros. O procedimento, por sua vez, consiste em todo o conjunto de práticas para a realização do trabalho: organização do espaço e do material, cumprimento dos horários, preservação do álbum e dos livros, etc. São três aspectos complementares e dependentes entre si; um não é considerado mais importante do que o outro na busca pelos objetivos do projeto. O processo e os procedimentos, por exemplo, não são importantes apenas para garantir a realização do produto, mas têm um papel fundamental no desenvolvimento do trabalho. Da mesma forma, o produto não é apenas um pretexto material para o encontro: é um resultado esperado. Portanto, é no entrelaçamento desses três aspectos que a expressão da subjetividade da criança ou do adolescente acontece e possibilita a elaboração de sua história.



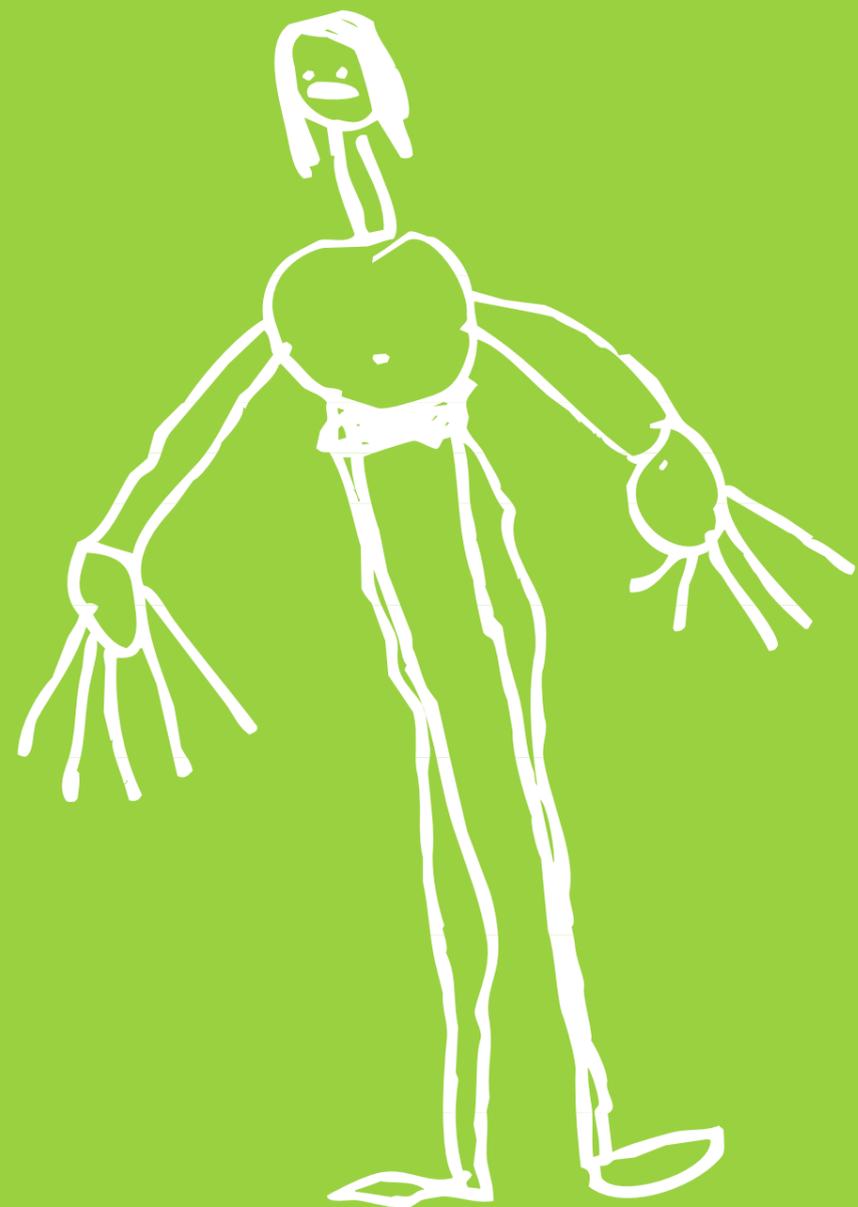
2.3. Formação, estrutura e gestão

Este triângulo entrelaça três aspectos complementares dos bastidores do trabalho com a criança.

A formação de todos os envolvidos é fundamental para garantir a qualidade da intervenção. A equipe do Projeto Fazendo Minha História se encarrega de promover momentos de trocas e aprendizados. É um processo contínuo, que conta com alguns momentos-chaves como, por exemplo, os encontros de formação inicial, os de capacitação e as reuniões de supervisão.

Ao mesmo tempo, é necessário garantir a estrutura material para a realização do trabalho. Dependendo do contrato estabelecido com a instituição parceira, o projeto pode providenciar tudo o que é necessário (livros, álbuns, filmes e máquina fotográfica). Porém, é responsabilidade do abrigo e dos colaboradores zelar pelo bom uso e conservação deste material e também buscar formas de ampliar o acervo.

A gestão desses recursos, por sua vez, é realizada pelo abrigo, que designa uma pessoa para a função. O gestor garante, por exemplo, a organização do horário e do espaço para o trabalho do colaborador, além de se responsabilizar pelo envolvimento da família, quando for o caso, e por guardar e encaminhar os álbuns das crianças, entre outras coisas.



AO INICIAR O TRABALHO

1. Sensibilização

Firmada a parceria entre o Projeto Fazendo Minha História e o abrigo, todos começam a “preparar o terreno” para o trabalho:

Preparação da equipe do abrigo

A proposta é apresentada aos educadores e demais profissionais do abrigo. Essa fase inclui uma oficina de mediação de leitura, dedicada à importância e às possibilidades de trabalho com a literatura.

Sensibilização das crianças e adolescentes

O projeto é apresentado a todos, que são convidados a participar, bem como a conhecer os livros da biblioteca e o álbum no qual será registrada a história de cada um. A adesão é sempre uma escolha da criança, pois entendemos que ela deve manifestar o desejo de olhar para a sua história.

Formação inicial dos colaboradores

Os colaboradores interessados no projeto participam de encontros de formação inicial (com duração total de seis a oito horas), quando é apresentado o trabalho; é necessário aprender sobre o universo dos abrigos, a metodologia e as responsabilidades de se assumir esse compromisso com as crianças e adolescentes.

Primeira visita do colaborador ao abrigo

Caso não seja integrante da equipe do abrigo, o colaborador faz uma visita inicial para conhecer a casa, seus profissionais e as crianças e adolescentes.

Envolvimento das famílias

Logo no início do projeto, as famílias (quando há contato) recebem do abrigo informações sobre a proposta e as atividades do projeto. Sempre que possível, elas são envolvidas na elaboração do álbum durante as visitas, participando com fotos e relatos.



2. Formação

Atividades	Conteúdos
<p>ENCONTROS PREPARATÓRIOS</p> <p>São dois encontros de três horas cada, nos quais são esclarecidos conceitos teóricos e práticos sobre o trabalho. Trata-se de um alinhamento conceitual de todos os colaboradores. No caso de abrigos fora de São Paulo, é realizado um único encontro de formação, com duração maior, a ser combinado.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O que é um abrigo e qual a realidade dessas instituições no Brasil; • O que é o Projeto Fazendo Minha História; • Estrutura material do projeto; • Definição de papéis no projeto; • Premissas e concepções de trabalho; • Contar histórias/mediação de leitura – O que/Quem/Como/Quando/Onde; • A importância de registrar e contar a própria história; • Situações específicas no abrigo com as crianças e com os adolescentes; • Tempo de trabalho e cronograma; • Conteúdo do álbum; • Definição de grades de horários de trabalho.
<p>ENCONTROS DE CAPACITAÇÃO</p> <p>São realizados trimestralmente ao longo do ano na cidade de São Paulo. Educadores, técnicos dos abrigos e colaboradores se reúnem para compartilhar experiências e crescer. São convidados profissionais para apresentar ou aprofundar novas ferramentas de trabalho, como contadores de histórias, psicólogos, artistas plásticos, autores infantis e outros.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Literatura infantil; • Mediação de leitura; • Memória e história – conceitos e ferramentas; • Artes plásticas e estética; • A fotografia como ferramenta de registro e forma de expressão; • Psicologia infantil: fantasia e realidade; • Brincadeira como linguagem; • Outros, de acordo com a demanda dos colaboradores.

Atividades	Conteúdos
<p>REUNIÕES DE SUPERVISÃO</p> <p>A cada 45 dias, os colaboradores se encontram com a equipe de coordenação do projeto. No caso de abrigos fora de São Paulo, essa supervisão é realizada com a equipe técnica e/ou responsável do abrigo também a cada 45 dias. Neste caso, é importante que o abrigo designe alguém para a função.</p> <p>As supervisões com a equipe técnica do Fazendo Minha História acontecerão de acordo com o contrato firmado entre as partes.</p> <p>As reuniões com grupos de colaboradores auxiliam o coordenador do projeto no abrigo e permitem a troca de experiências.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Supervisão técnica; • Dúvidas no trabalho com as crianças e adolescentes; • Situações delicadas que possam ocorrer na relação com a criança/adolescente e/ou no registro das histórias; • Temas específicos que despertaram interesse e necessidade de reflexão dos colaboradores; • Questões práticas e logísticas do projeto.
<p>PLANTÃO E ACOMPANHAMENTO</p> <p>Contatos por telefone, e-mail ou pessoalmente podem acontecer, sempre que necessário, entre o coordenador do projeto e os colaboradores.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Relacionamento com a coordenação da casa e funcionamento geral do projeto; • Auxílio para colaboradores no cotidiano.

3. Organizando a rotina

Cabe ao abrigo reservar tempo para a gestão e avaliação do projeto. Entre outras atividades, destacam-se os encontros de formação e as reuniões de acompanhamento. No dia-a-dia, é necessário cuidar dos horários dos colaboradores, da organização dos livros e da revelação das fotos.

Um espaço físico adequado às atividades garante aconchego, tranquilidade e privacidade. Entendemos que a existência desse espaço dentro do ambiente institucional contribui para um modelo de atendimento mais individualizado e acolhedor.

O colaborador, por sua vez, dedica uma hora por semana ao encontro. Entretanto, é necessário somar o tempo do deslocamento até o abrigo e o do planejamento das atividades. Os horários devem ser combinados e respeitados. O atraso ou falta pode ser uma grande frustração para a criança, remetendo-a à vivência do abandono ou à separação inexplicada já existente em sua história. Assim sendo, telefonemas para o abrigo e para a criança avisando e justificando qualquer falta são imprescindíveis. Criar uma rotina ajuda muito na configuração de uma atividade especial, que acontece, por exemplo, sempre às “quartas-feiras, logo depois do almoço.” O ideal é escolher um horário que favoreça o andamento tranquilo da atividade e, para isso, é importante conhecer a rotina do abrigo e da criança que se está acompanhando.



PARA O COLABORADOR PENSAR

Chego ao abrigo no meu horário de trabalho e a educadora nos diz que atrasou e que as crianças só estarão prontas para me encontrar dentro de 45 minutos. Não deu tempo de dar banho e nem de limpar o quarto no qual irei trabalhar.

Como lidar com os imprevistos que podem acontecer na rotina do abrigo? A tolerância deve existir, é claro, mas quando situações de desorganização se repetem, é importante que haja uma conversa com o coordenador do projeto para que ele possa, junto com o gestor do abrigo, encontrar soluções e reforçar o combinado entre todos. A constância é uma condição para que o vínculo se constitua em uma relação.

4. Preparando os encontros

Os encontros com as crianças e adolescentes são o momento de ouro do projeto. Todos trabalham para garantir que sejam significativos e cabe ao colaborador ficar atento a alguns cuidados valiosos:

Planejar os encontros

A cada semana, é importante que o colaborador vá ao abrigo já sabendo o que pretende propor e havendo se preparado para a atividade. Antes de contar uma história, por exemplo, faz toda a diferença já tê-la lido previamente.

Com as brincadeiras e atividades de conteúdo não é diferente. Tentar descobrir o que cada criança ou adolescente gosta, o que não faz muito sucesso, e pensar em atividades adequadas para aquela faixa etária contribuem muito para o êxito dos encontros. Para completar, vale a pena listar e preparar os materiais necessários para o trabalho idealizado.

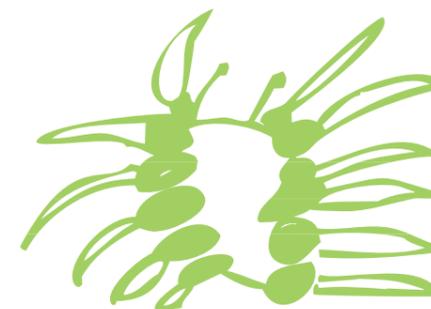
O planejamento, entretanto, nunca pode ser uma camisa-de-força. É necessário garantir espaço para surpresas e imprevistos. Portanto, flexibilidade e criatividade são sempre bem-vindas.

Debaixo do sofá

Quando comecei estava com mais duas colaboradoras e trabalhávamos com quatro meninos. A gente chegava e eles ficavam embaixo do sofá. Tínhamos mil idéias, mas na hora nada dava certo e nem saía como a gente queria. Então, decidimos mandar uma carta para eles com uma foto nossa recortada. Eles tinham que colar a foto no álbum. Foi a primeira vez que um deles participou para valer. Ficou no cantinho dele, mas abriu o álbum, colou e gostou.

Beatriz Carneiro

Colaboradora voluntária do Fazendo Minha História



5. Primeiros encontros

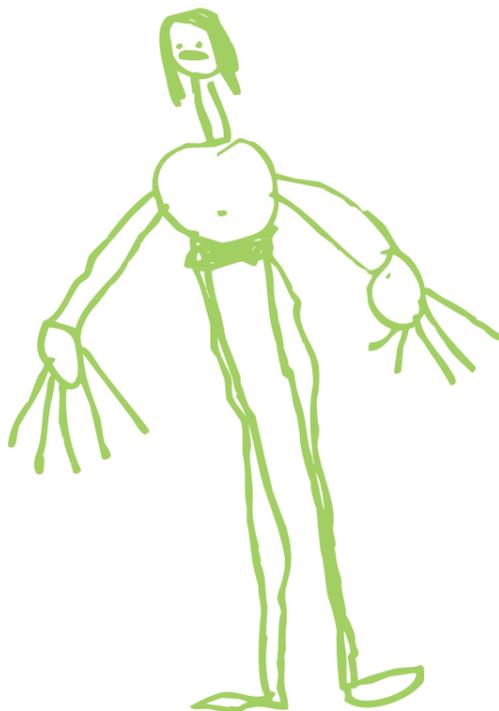
O primeiro encontro é o dia da dupla – colaborador e criança/adolescente – se conhecer. É o início de uma relação de confiança, troca e afeto. Geralmente, há muita expectativa e ansiedade dos dois lados; todos querem começar bem, mas vale lembrar que as crianças reagem de diferentes maneiras nesse momento. Algumas são receptivas, porém, outras podem se mostrar desconfiadas e apreensivas, afinal, a proposta de olhar e falar sobre suas histórias é um desejo, mas também um desafio para muitas delas.

Apresentação do projeto

Para começar, é importante o colaborador dizer por que está ali: o que é o projeto, como ele funciona e como serão os encontros. É hora de explicar que estarão juntos para ler histórias e fazer um álbum com os acontecimentos importantes de sua vida e outras coisas que ela gostaria de se lembrar quando crescer. Vale dizer que se encontrarão uma vez por semana durante uma hora. É o momento de combinar com a criança a frequência, dia, horário e duração dos encontros. Para marcar o que foi decidido, pode ser firmado um contrato que simboliza a confirmação de sua compreensão e o desejo de participar do projeto.

Apresentação pessoal

Depois que a criança souber por que o colaborador está ali, é hora de ambos começarem a se conhecer melhor. Confira as propostas do nosso Cardápio de atividades.



Apresentação dos livros da biblioteca

Para completar, faltam os livros. O colaborador pode selecionar alguns títulos (dez é uma boa quantidade) e espalhar pelo chão criando um ambiente agradável. A ideia é convidar a criança ou o adolescente a escolher uma obra e ouvir a história, afirmando que, como irão fazer um livro juntos, é interessante conhecer antes outros autores e diferentes formas de escrever e ilustrar. Os livros desses primeiros encontros devem ser curtos e, preferencialmente, conhecidos pelo colaborador. Uma dica é já escolher, junto com a criança, a história que será contada no encontro seguinte.

Apresentação do álbum

O colaborador deve mostrar o álbum no qual irão escrever e chamar a atenção para o fato de que na capa há espaço para uma foto dela, afinal de contas, a criança é o principal personagem dessa história. Desde o início, vale ir construindo o sentido e a importância desse álbum como lugar que guarda sua história e que irá acompanhá-la pela vida, o que significa que deve ser algo bem cuidado.

Muitas vezes, já no primeiro encontro, a criança quer deixar sua marca no álbum. Escrever o nome, desenhar, identificá-lo como seu de alguma forma. O nome na capa de trás é uma forma eficiente de atender a essa necessidade. Atenção e cuidado no começo são fundamentais, pois a criança quer se expressar, mostrar quem é. Sugerimos utilizar folhas sulfite para que o álbum não seja preenchido logo no início com desenhos, muitas vezes, pouco significativos de sua história. A Carteira de Identidade é uma excelente sugestão para esse começo (ver Cardápio de Atividades).

Vale esclarecer que, ao longo dos encontros, muitas atividades serão feitas, mas nem todas precisam estar no álbum. Há, inclusive, no final dele um envelope no qual podem ser guardados desenhos e fotos que ainda não se sabe se farão parte das páginas oficiais.

6. Compreendendo o desenvolvimento infantil

Crianças de zero a um ano

- **A criança começa a emitir sons em tom de brincadeira;**
- **Segura e aperta objetos;**
- **Aprecia coisas em movimento;**
- **Percebe a ausência e a presença de elementos;**
- **Demonstra curiosidade pelos objetos que a cercam e, ao tocá-los, coloca-os na boca;**
- **Fascínio e medo em relação aos animais;**
- **Grande interesse por coisas que emitem sons.**

Nesta idade, a criança está começando a explorar o mundo ao seu redor e o está conhecendo através da manipulação. A curiosidade pelos objetos que estão ao seu alcance é muito grande e ela brinca com eles testando suas possibilidades: segura e aperta, joga no chão para o adulto pegar e devolver repetidas vezes, brinca de esconde-esconde, etc.

A música e os sons em geral despertam a atenção e a curiosidade dos pequenos, que podem acompanhar com palmas, sons produzidos pela boca, batendo em objetos que façam barulho ou, até mesmo, “dançando”, mexendo seu corpo conforme o ritmo.

Levando em conta estas características, é importante proporcionar um ambiente cheio de recursos para despertar a curiosidade da criança. Objetos, cores e pessoas a estimulam a observar o que está a sua volta. A história pode ser contada com ênfase nos sons, modulação da voz, contato corporal e introdução e exploração de objetos para desenvolver a fala e, posteriormente, o vocabulário da criança. É importante a relação face a face e atenção às reações da criança enquanto a história está sendo contada. Sorrisos, sons e expressão facial irão, aos poucos, nomear o que está acontecendo com ela.



Crianças de um a três anos

01 ANO:

- Ao brincar, gosta de explorar o ambiente que a cerca;
- Aprecia vivenciar as mesmas seqüências de atividades;
- Ainda não tem noção de tempo. Permanece pouco em cada atividade;
- Quer sempre satisfazer sua necessidade e interesse imediato. Assim, quando brinca com outra criança, é por pouco tempo;
- Explora as utilidades e possibilidades dos objetos, fazendo os “interessantes” se tornarem brinquedos;
- Ao brincar, a criança expressa os sentimentos e as experiências interiores;
- Adquire a linguagem por imitação.

02 ANOS:

- Começa a se relacionar com os objetos e pessoas que estão à sua volta de maneira mais explícita, facilitando a troca com quem está próximo;
- Improvisa brinquedos com objetos domésticos;
- Pode ter medo na hora de dormir. “Descobre” monstros e bruxas em seu quarto;
- Está muito interessada em se comunicar, a linguagem está em desenvolvimento;
- Faz muitas perguntas para tentar entender como o mundo funciona.

03 ANOS:

- Brinca criando mundos de faz-de-conta;
- Comunica-se com maior clareza, está em processo de aquisição e ampliação do repertório verbal;
- Começa a andar e a correr equilibradamente; sobe e desce escadas;
- Suas brincadeiras envolvem força física e coordenação motora global (empurrar, puxar, correr, pular, etc);
- Brinca individualmente; está começando a procurar parceiros para as atividades;
- Segue regras de convivência em grupo, porém, ainda não é capaz de interiorizá-las;
- É muito curiosa, tem grande interesse em saber como as coisas funcionam.



As crianças brincam muito e sua saúde pode ser medida pela qualidade das atividades. Enquanto brinca, a criança está aprendendo sobre o mundo que a cerca, sobre as representações sociais, está descobrindo a maneira como as pessoas e coisas se comportam, experimentando diferentes papéis e exercitando aptidões. As atividades divertem e ajudam a construir bases para um viver criativo. Ao brincar, as crianças criam oportunidades para lidar com emoções e situações que viveram ou vivem no cotidiano.

Ao contar histórias para crianças de 1 a 3 anos é importante levar em conta que esta atividade pode ser entendida como mais uma brincadeira, um momento de prazer. Nessa idade, elas gostam muito de ouvi-las, entretanto, se estão fazendo algo importante (brincando, por exemplo), é fundamental levar isso em consideração para que a atividade não se torne algo imposto, obrigatório.

É interessante que o adulto, ao contar uma história, seja companheiro da criança na aventura que o livro está trazendo, ou seja, que ele se envolva e participe da narrativa. Ao fazer isso, o contador dá vida à história, tornando-a presente naquele momento.

O livro deve estar no campo de visão das crianças para que a observação das figuras possa ser compartilhada. É importante que o adulto defina o título que será lido, pois crianças dessa faixa etária possuem um repertório de escolha pequeno e precisam de ajuda para ouvir histórias de qualidade gráfica e textual. É importante também para a formação de vínculo considerar e valorizar as escolhas que, por ventura, sejam feitas diante de uma biblioteca, por exemplo.

É comum que elas façam perguntas e comentários ao longo da narrativa. É fundamental que o contador ouça e considere aquilo que a criança está dizendo, pois é dessa forma que ela se apropria daquilo que ouve, mesmo que, aparentemente, não tenha conexão com o conteúdo do texto.

Outra sugestão que pode ser interessante é trabalhar com as crianças melodias que contam/cantam uma história. Geralmente, elas gostam muito e se envolvem facilmente com esse tipo de atividade. A narrativa contada através da música fica gravada na memória e pode ser explorada de diversas maneiras. A utilização de objetos e recursos (fantoques, instrumentos musicais, etc) é sempre bem-vinda.

Crianças de quatro a sete anos

04 ANOS:

- A criança adquire maior autonomia para despir-se e vestir-se;
- Já é capaz de comer sozinha, sem o auxílio de um adulto;
- Começa a ter noção de tempo (dia da semana, estações do ano);
- Começa a relacionar causa e efeito e aumenta sua capacidade de compreensão;
- Está aprendendo a diferença entre o mundo da realidade e o da imaginação;
- Preocupa-se com questões da existência humana: de onde viemos? Para onde vamos?
- Experimenta brincar com outras pessoas e, juntas, inventam regras de acordo com seus interesses e necessidades, mas ainda é um desafio interiorizar regras de convivência social. O adulto precisa repetir muitas vezes a mesma regra;
- Mostra interesse pelos jogos com música e brincadeiras de roda.

05 ANOS:

- Aumento relativo da capacidade de concentração nas atividades;
- Já percebe diferenças entre realidade e fantasia;
- É capaz de tolerar um número maior de frustrações;
- Brinca mais em grupo do que sozinha;
- Mostra interesse pelos jogos com música e brincadeiras de roda;
- Está aprendendo as regras de convivência.

06 ANOS:

- Está sendo alfabetizada;
- Faz perguntas sobre como e por que as coisas acontecem;
- Gosta de livros que tenham construção e estrutura clara – começo, meio e fim;
- As crianças começam a se separar em grupos do mesmo sexo.

07 ANOS:

- É capaz de se concentrar em diversas atividades por um período maior de tempo;
- Desenvolve a noção de tempo e espaço (compreende ontem, hoje e amanhã, os dias da semana, localiza-se melhor);
- Está na fase final do processo de alfabetização (desde que estimulada);
- Expressa-se com facilidade;
- Apresenta os jogos com regras como a atividade de maior desafio;
- Questiona a existência de seres imaginários como Papai Noel, Coelho da Páscoa, etc.



Dos quatro aos sete anos de idade as crianças já adquiriram um bom repertório de experiências. Dessa forma, ao ouvir uma história, elas são capazes de fazer diversas relações entre o que aparece na narrativa e o que habita o seu mundo (físico, social e imaginário). Ao contar histórias, estamos colocando algumas novidades ao seu alcance e dando possibilidades para que organizem o que já faz parte de seu repertório.

Nesse período, principalmente entre os seis e sete anos, as crianças estão aprendendo a ler e escrever, o que provavelmente aparecerá durante a atividade de ouvir histórias. É possível que elas peçam para ler o livro junto para se exercitar. Geralmente, crianças que estão aprendendo a ler têm extremo interesse pela leitura e costumam tentar decifrar tudo o que está ao seu alcance. Nesses casos, pode ser interessante escolher uma história mais simples, com textos mais curtos, para facilitar o acompanhamento. Vale lembrar que é fundamental intercalar os dois momentos: tanto o de escutar um leitor experiente, quanto o de ler para alguém ou compartilhar a leitura com um adulto.

É interessante explorar as preferências e curiosidades das crianças através das narrativas (e também de conversas e brincadeiras), pois assim elas se sentem participantes do processo e o contador terá mais elementos para desenvolver sua proposta.

Crianças de oito a 12 anos

08 E 09 ANOS:

- Gosta de jogos com regras e em grupo;
- Está interessada em ampliar suas fontes de conhecimento;
- Gosta de praticar esportes;
- Demonstra interesse por música, TV, livros, revistas e gibis;
- Consegue organizar suas coisas; procura o adulto para orientações gerais, dicas e rumos a seguir;
- Possui certa independência, mas busca limites claros e previsíveis e referências estruturais (o que pode e o que não pode fazer).

10 A 12 ANOS:

- Anda de bicicleta, corre, nada, joga bola, pula. Faz muito bem essas atividades;
- Procura fazer regras ou entender o que está oculto nelas;
- Estabelece estratégias para resolver problemas (levanta hipóteses);
- Lê, escreve e calcula com facilidade;
- Gosta e procura participar de jogos e competições que envolvam desafios;
- Inicia o desenvolvimento de caracteres sexuais. Nas meninas, este salto da puberdade acontece mais cedo.



As crianças entre oito e 12 anos querem ampliar o conhecimento sobre as coisas que existem ao seu redor. Elas se interessam pelo mundo da música, da arte, da ciência, dos esportes, da escrita e da leitura. A busca por esses conhecimentos pode acontecer através de pesquisas, visitas a diferentes lugares, leituras, etc. As vivências trarão novas experiências.

Ao contar histórias para essas crianças, é interessante escolher livros que não sejam muito infantis. Existem diversas obras juvenis que abordam assuntos que estão dentro do seu campo de interesse, embora seja comum gostarem e escolherem os de idades anteriores.

As crianças já têm uma boa noção de sua história de vida e algumas narrativas podem remetê-las a acontecimentos do passado, o que é interessante para a confecção do álbum Fazendo Minha História. Através dessas lembranças e contato com os livros, elas poderão começar a contar suas histórias e é importante estar atento para ouvi-las e auxiliá-las (se necessário) no registro.

Devido ao desenvolvimento dos caracteres sexuais e início da puberdade, é possível que algumas histórias suscitem dúvidas a respeito da sexualidade. Quando isso acontecer, é fundamental esclarecer todas as dúvidas e não se esquivar do assunto devido à dificuldade de abordá-lo.



LIVROS:
DESCOBERTA DAS HISTÓRIAS

Os livros são a porta de entrada para o mundo das histórias. Muitas vezes eles ainda não fazem parte da rotina dos abrigos, nem das crianças e adolescentes, o que torna necessário cativar a leitura. As crianças têm curiosidade em manusear os livros e devem ser convidadas a conhecer, usar e cuidar deles. Cabe aos adultos da instituição assumir a biblioteca montada pelo projeto, cuidar da preservação das obras e pensar em alternativas de uso como, por exemplo, na hora de dormir. A cada semana, a presença do colaborador irá contribuir para essa aproximação. Cabe a ele introduzir a criança no mundo mágico da literatura, oferecendo a oportunidade de ler e reler histórias.



Decorou?

A curiosidade pelos livros ajuda a alfabetizar. Uma das meninas começou ouvindo. Ela sabia repetir, queria dez vezes a mesma história. Depois, começou a tentar ler, até que conseguiu. Daí eu falei: – Você já decorou a história.

Então ela correu, pegou outro livro e leu. Não tinha decorado, estava lendo!

Colaboradora voluntária do Fazendo Minha História



1. Montagem da biblioteca

A realização do projeto é marcada pela montagem de uma biblioteca dentro do abrigo. São doados 150 títulos selecionados para garantir a diversidade de temas e estilos.

A biblioteca pode ser organizada em diferentes espaços da casa. O importante é que favoreça a interação das crianças e adolescentes com as obras, propondo um ambiente tranquilo e aconchegante para a leitura. Não vale deixar os livros trancados ou fora do alcance de todos; é importante que fiquem acessíveis para que cada um tenha autonomia e liberdade para explorá-los e, assim, descobrir que tem condições de buscar conhecimento sozinho.

O sentido maior da biblioteca é o uso constante. A melhor maneira de cuidar desse espaço é mantê-la viva, com todos interessados pelas obras. É necessário que as crianças e adolescentes se sintam “donos” do acervo. Só assim, os livros serão verdadeiramente cuidados: não por meras regras e procedimentos, mas porque são importantes para o grupo.

Alimentando a biblioteca

Oferecer novidades é fundamental para o sucesso do trabalho, pois, a partir do momento em que as crianças começam a se interessar pelos livros, querem mais e devemos atender e estimular esse interesse. Por essa razão, a doação das obras para o abrigo é feita de forma gradual, ou seja, não são todas entregues de uma só vez. Fora isso, as instituições são estimuladas a criar estratégias de aquisição de novos títulos e de reposição, pois, com o manuseio e o tempo, os livros se deterioram.

Alguns colaboradores gostam de sugerir obras ou, até mesmo, de fazer doações. É uma boa maneira de ampliar a biblioteca, mas as indicações devem sempre ser acompanhadas pela pessoa responsável pelo projeto, garantindo a qualidade do acervo.

Empréstimos

Os colaboradores e educadores podem – e devem – levar livros para casa. É essencial que possam conhecer e utilizar cada vez mais o acervo. Vale organizar um procedimento simples de empréstimo, como criar uma lista, afixada ao lado da biblioteca, para registro das retiradas e devoluções. O limite de dois livros por vez ajuda a não desfaltar o acervo.

Hora de dormir

Todas as crianças pequenas foram dormir, mas uma delas estava muito agitada e não conseguia pegar no sono. A educadora chegou e falou para uma das crianças: – Michele, você quer me ajudar? – Eu quero tia. – Então vamos lá no quarto. O que você quer fazer? – Vou contar uma história para eles dormirem. Ela foi para a cama do irmão, começou a passar a mão na cabeça dele e falou: – Era uma vez... E, quando a educadora voltou, estavam todos dormindo.

Mirian Cristina da Conceição

Educadora do Lar 3 do Educandário Dom Duarte



2. Mediação de leitura

A metodologia utilizada para o trabalho com os livros é a mediação de leitura, ou seja, o ato de ler em voz alta para uma ou mais crianças e/ou adolescentes. O mediador de leitura é a pessoa que dá vida à biblioteca, que conduz os ouvintes ao mundo da imaginação e está presente e disponível para acolher a participação de cada um, suas associações, comentários e perguntas.

Qualquer pessoa pode ser um mediador de leitura, basta ter interesse e vontade. A idéia é que não só colaboradores, mas também todos aqueles que trabalham no abrigo estejam preparados para se envolver nessa atividade e incorporar esses momentos na rotina da casa. No decorrer do projeto, todos são convidados a participar de uma oficina de mediação de leitura que visa a sensibilizar e capacitar as pessoas para exercer essa função.

O universo dos livros enriquece o cotidiano das crianças e dos adolescentes, que encontram nas histórias muitas perguntas e respostas para os assuntos da vida. A leitura em voz alta os estimula a se expressar, a falar de si e de suas histórias e auxilia a dar novos significados a antigas vivências e sentimentos, nomeando aquilo que até o momento não foi nomeado. O espaço da leitura acolhe essas histórias e, por isso, tem função afetiva na relação com cada um, favorecendo a criação de vínculos de respeito e confiança.

Mediação de leitura é o “ato de ler para as crianças, jovens ou adultos de maneira livre e prazerosa. O mediador se propõe a compartilhar com eles o prazer de ler, conhecer e descobrir o que os livros têm a oferecer. Ele aproxima o livro e a criança, deixando-a fazer suas escolhas, lendo o texto, mostrando as ilustrações, ouvindo atentamente seus comentários, respondendo às perguntas, observando e respeitando suas reações. A leitura de um texto é infinita, mas o momento em que o mediador compartilha com a criança a leitura e a troca de experiências é único por incluir o vínculo ali estabelecido.”

Fonte: Projeto Biblioteca Viva,
Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança e do Adolescente



Quem conta um conto, respira um ponto Regina Machado

A arte de contar histórias é uma paisagem com rios, colinas, vales e tesouros embaixo de árvores. Quero falar de um aspecto dessa paisagem que tem a ver com o que acontece muitas vezes quando converso com professores. Alguém me diz: - “Não sei contar histórias, por causa da minha timidez”. Ou: - “É só abrir um livro e ir contando”. Penso que essas falas não têm sentido. Qualquer pessoa pode descobrir um jeito de narrar, vivo e verdadeiro, se passear pela paisagem de uma história. As crianças perguntam ou fazem comentários? É seu modo de participar, não são interrupções. Faz parte da arte da narração saber acolher sua fala “sem perder o fio da meada”. Esse fio é a respiração do conto que nos guia até o fim. E como terminar? Existem muitos finais na tradição popular, é só procurar nos livros dos folcloristas brasileiros. “O que era de vidro quebrou-se, o que era de papel molhou-se, entrou por uma porta, saiu pela outra, o rei meu senhor que lhe conte outra”. E outros que podemos inventar, com estribilhos, um livro que se fecha lentamente, uma pergunta no ar, uma dança que fazemos juntos. É como se guardássemos aquele momento precioso de um modo especial, recolhendo as palavras que acabamos de pronunciar. Para que as crianças saibam que de novo podemos abri-lo, curiosos: que paisagem vamos visitar na próxima história? Assim cultivamos o maior de todos os segredos, um tesouro escondido nas profundezas da paisagem dos contos: quando percorremos uma boa história, passeamos pelos tesouros da nossa paisagem interior. Então ouviremos, caminhando pela história adentro, a nossa verdadeira voz. Mais do que nunca, hoje em dia, precisamos de vozes verdadeiras, que entoem para nossas crianças a cadência universal dos contos tradicionais, sábio sonho de um mundo melhor.

Regina Machado é Professora Doutora da ECA-USP (Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo)

Lugar para leitura

Não existe um padrão de espaço físico para o desenvolvimento da mediação de leitura. O importante é que seja um ambiente gostoso e acolhedor, onde todos se sintam à vontade. A atividade pode acontecer num espaço externo da casa, no quarto, na biblioteca ou num cantinho que todos escolham e permaneçam espontaneamente, sentindo-se confortáveis para se expressarem e serem ouvidos.

Escolha dos títulos

O mediador tem seu gosto, mas é importante apresentar às crianças uma variedade de títulos para que elas próprias possam fazer suas escolhas. Depois de alguns encontros, ele é capaz de perceber o tipo de livro que agrada, encanta e prende a atenção de cada ouvinte. O conhecimento das obras é importante para que ele possa fazer escolhas significativas, ou seja, apresente às crianças histórias que façam sentido naquela ocasião. Os momentos de leitura não devem ser obrigatórios, pois nosso objetivo é despertar o prazer de ler.

Na hora de ler

Ler o livro como ele está escrito garante a permanência da história, tendo assim a possibilidade da releitura. Vale lembrar que as crianças gostam de escutar várias vezes o mesmo conto; a repetição dá segurança, pois elas conhecem o enredo e o final da trama.

Ao ouvir uma história, a criança ou o adolescente pode querer se expressar, ou seja, compartilhar o que pensou e sentiu. É importante acolher a sua participação, assim como respeitar o seu silêncio durante a leitura.

Cardápio de livros

O acervo de livros no abrigo deve ser amplo, com diversidade de temas, estilos e autores. Essa variedade é fundamental para que as crianças e os adolescentes possam ter acesso a diferentes formas de expressão e possibilidades de reflexão. Os contos de fada, a poesia, os livros de imagem e os contos populares são exemplos de estilos que compõem um acervo de qualidade. Vale lembrar que a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) – www.fnlij.org.br – divulga anualmente uma seleção de obras de qualidade.

No Fazendo Minha História, propomos a lista a seguir como acervo inicial para a biblioteca do abrigo.

Livros para o início do trabalho



Pedro e Tina

AUTOR • Stephen Michael King
EDITORA • Brinque-Book
TEMA • Amizade



Patrícia

AUTOR • Stephen Michael King
EDITORA • Brinque-Book
TEMA • Amizade



Bililico

AUTOR • Eva Furnari
EDITORA • Formato
TEMA • Amizade



O trem da amizade

AUTOR • Wolfgang Slawski
EDITORA • Brinque-Book
TEMA • Amizade



A árvore generosa

AUTOR • Fernando Sabino
EDITORA • Record
TEMA • Amizade



Guilherme Augusto Araújo Fernandes

AUTOR • Mem Fox
EDITORA • Brinque-Book
TEMA • Amizade



A verdadeira história dos três porquinhos

AUTOR • Jon Scieszka
EDITORA • Companhia das Letrinhas
TEMA • Diversão



Cabumm

AUTOR • Heinz Janisch e Helga Bansch
EDITORA • Companhia das Letrinhas
TEMA • Diversão



O sapo bocarrão

AUTOR • Keith Faulkner
EDITORA • Companhia das Letrinhas
TEMA • Diversão



Da pequena toupeira que queria saber quem tinha feito cocô na cabeça dela

AUTOR • Werner Holzwarth e Wolf Erlbruch
EDITORA • Companhia das Letrinhas
TEMA • Diversão



Zoom

AUTOR • Istvan Banyai
EDITORA • Brinque-Book
TEMA • Diversão



Oh!

AUTOR • Josse Goffin
EDITORA • Martins Fontes
TEMA • Diversão



Não confunda

AUTOR • Eva Furnari
EDITORA • Moderna
TEMA • Trocadilho



Você troca?

AUTOR • Eva Furnari
EDITORA • Moderna
TEMA • Trocadilho



Bruxa, bruxa, venha à minha festa

AUTOR • Arden Druce
EDITORA • Brinque-Book
TEMA • Medo



Chapeuzinho Amarelo

AUTOR • Chico Buarque
EDITORA • José Olympo Editora
TEMA • Medo



Será que vai doer

AUTOR • Ruth Rocha e Dora Lorch
EDITORA • Ática
TEMA • Medo



Abrindo caminho

AUTOR • Ana Maria Machado
EDITORA • Ática
TEMA • Diversidade



Vizinho, vizinha

AUTOR • Graça Lima, Mariana Massarani e Roger Mello
EDITORA • Companhia das Letrinhas
TEMA • Diversidade



O ponto

AUTOR • Peter H. Reynolds
EDITORA • Martins Fontes
TEMA • Singularidade



Rápido como um gafanhoto

AUTOR • Audrey Wood
EDITORA • Brinque-Book
TEMA • Singularidade



A velhinha que dava nome às coisas

AUTOR • Cynthia Rylant
EDITORA • Brinque-Book
TEMA • Sentimento



O pote vazio

AUTOR • Demi
EDITORA • Martins Fontes
TEMA • Sentimento



A floresta

AUTOR • Claire A. Nivola
EDITORA • Martins Fontes
TEMA • Sentimento



Tenho medo mas dou um jeito

AUTOR • Ruth Rocha e Dora Lorch
EDITORA • Ática
TEMA • Sentimento

Livros que abordam temas importantes



O Homem que amava caixas

AUTOR • Stephen Michael King
EDITORA • Brinque-Book
TEMA • Família



Agora não, Bernardo

AUTOR • David McKee
EDITORA • Martins Fontes
TEMA • Família



Ana e Ana

AUTOR • Célia Godoy
EDITORA • Difusão Cultural do Livro
TEMA • Família



Filho

AUTOR • Guto Lins
EDITORA • Brinque-Book
TEMA • Família



Pedro está encolhendo

AUTOR • Miriam Latimer
EDITORA • Girafinha
TEMA • Família/Sentimento



Belinda Bailarina

AUTOR • Amy Young
EDITORA • Ática
TEMA • Auto-estima



Conta de novo

AUTOR • Jamie Lee Curtis
EDITORA • Salamandra
TEMA • Adoção



Então você chegou

AUTOR • Anette Hildebrandt
EDITORA • Companhia das Letrinhas
TEMA • Adoção



Esta é Silvia

AUTOR • Jeanne Willis e Tony Ross
EDITORA • Salamandra
TEMA • Diversidade



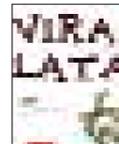
Mamãe botou um ovo!

AUTOR • Babette Cole
EDITORA • Ática
TEMA • Sexualidade



Vó Nana

AUTOR • Margaret Wild
EDITORA • Brinque-Book
TEMA • Morte



Vira-lata

AUTOR • Stephen Michael King
EDITORA • Brinque-Book
TEMA • Sentimento

Outros livros para o trabalho

A arca de Noé

AUTOR • Vinicius de Moraes
EDITORA • Companhia das Letrinhas
TEMA • Trocadilho

A bela adormecida no bosque

AUTOR • Tatiana Belinky
EDITORA • Martins Fontes
TEMA • Conto de fadas

A bolha de Raquel Pimentel

AUTOR • Amy MacDonald
EDITORA • Brinque-Book
TEMA • Diversão

A bruxa Salomé

AUTOR • Audrey Wood
EDITORA • Ática
TEMA • Diversão

A casa sonolenta

AUTOR • Audrey Wood
EDITORA • Ática
TEMA • Diversão

A fada que tinha idéias

AUTOR • Fernanda Lopes de Almeida
EDITORA • Ática
TEMA • Diversão

A festa no céu

AUTOR • Angela Lago
EDITORA • Melhoramentos
TEMA • Diversão

A formiga Aurélia

AUTOR • Regina Machado
EDITORA • Companhia das Letrinhas
TEMA • Diversidade

A gata borralheira

AUTOR • Perrault
EDITORA • Martins Fontes
TEMA • Conto de fadas

A ilha do mistério

AUTOR • Paul Adthead
EDITORA • Brinque-Book
TEMA • Diversidade

A ilha perdida

AUTOR • Maria José Dupré
EDITORA • Ática
TEMA • Juvenil

A terra dos meninos pelados

AUTOR • Graciliano Ramos
EDITORA • Record
TEMA • Juvenil

Ah, os lugares aonde você irá

AUTOR • Dr Seuss
EDITORA • Companhia das Letrinhas
TEMA • Diversidade

Ana, Guto e o gato dançarino

AUTOR • Stephen Michael King
EDITORA • Brinque-book
TEMA • Amizade

Antenor Tapir

AUTOR • Laurence L., Jean Baptiste Baronian
EDITORA • Martins Fontes
TEMA • Diversidade

Aprenda a se vestir com Camila

AUTOR • Aline de Pétigny e Nancy Delvaux
EDITORA • Larousse
TEMA • Diversão

As aventuras de Benjamim - O Muiraquitã

AUTOR • Camila Franco e Marcela Catunda/Blandina Franco
EDITORA • Companhia das Letrinhas Juvenil
TEMA • Aventura

As férias da bruxa Onilda

AUTOR • E Larreula e R. Capdevila
EDITORA • Scipione
TEMA • Diversão

As memórias da bruxa Onilda

AUTOR • E. Larreula e R. Capdevila
EDITORA • Scipione
TEMA • Diversão

As tranças de Bintou

AUTOR • Sylviane Diouf
EDITORA • Cosac Naify
TEMA • Auto-estima

Assim, assado

AUTOR • Eva Furnari
EDITORA • Moderna
TEMA • Trocadilho

Barulho. Barulhinho. Barulhão

AUTOR • Arthur Nestrovski
EDITORA • Cosac Naify
TEMA • Diversão

Bem-te-vi

AUTOR • Lalau e Laurabeatriz
EDITORA • Companhia das Letrinhas
TEMA • Poesia

Bisa Bia, Bisa Bel

AUTOR • Ana Maria Machado
EDITORA • Salamandra
TEMA • Juvenil

Bolinha vai ao circo

AUTOR • Eric Hill
EDITORA • Martins Fontes
TEMA • Diversão

Bom dia, Marcos

AUTOR • Marie-Louise Gay
EDITORA • Brinque-Book
TEMA • Diversão

Bom dia todas as cores

AUTOR • Ruth Rocha
EDITORA • Quinteto Editorial
TEMA • Diversão / Singularidade

Branca de Neve e os sete anões

AUTOR • Tatiana Belinky
EDITORA • Martins Fontes
TEMA • Conto de fadas

Bruxa Onilda vai a festa

AUTOR • E Larreula e R. Capdevila
EDITORA • Scipione
TEMA • Diversão

Capitães da Areia

AUTOR • Jorge Amado
EDITORA • Record
TEMA • Juvenil

Chapeuzinho Vermelho

AUTOR • Emmanuele de Lesseps
EDITORA • Scipione
TEMA • Conto de fadas

Chuva de manga

AUTOR • James Rumford
EDITORA • Brinque-Book
TEMA • Diversão

Cinderela

AUTOR • Coleção pom-pom
EDITORA • Caramelo
TEMA • Conto de fadas

Como é que eu era quando eu era bebê

AUTOR • Jeanne Willis e Tony Ross
EDITORA • Brinque-Book
TEMA • Família

Como os dinossauros diziam boa noite

AUTOR • Jane Yolen e Mark Teague
EDITORA • Globo
TEMA • Diversão

De onde viemos

AUTOR • Peter Mayle e Arthur Robins/Paul Walter
EDITORA • Nobel
TEMA • Sexualidade

Desenhando com os dedos

AUTOR • Ed Emberley
EDITORA • Panda Books
TEMA • Diversão

Devagar, devagar, bem devagar

AUTOR • Eric Carle
EDITORA • Brinque-Book
TEMA • Singularidade

Dito e feito

AUTOR • Jennifer Armstrong e Kimberly Bulcken Root
EDITORA • Brinque-Book
TEMA • Diversão

Djô

AUTOR • Gilles Eduar
EDITORA • Martins Fontes
TEMA • Diversão

É só gostar

AUTOR • Isabella Barbosa
EDITORA • Difusão Cultural do Livro
TEMA • Família

Em casa

AUTOR • Heinz Janisch e Helga Bansch
EDITORA • Brinque-Book
TEMA • Sentimento

Em cima e embaixo

AUTOR • Janet Stevens
EDITORA • Ática
TEMA • Diversão

Era uma vez, três!

AUTOR • Rosane Pamplona
EDITORA • Moderna
TEMA • Trocadilho

Estela, a fada da floresta

AUTOR • Marie-Louise Gay
EDITORA • Brinque-Book
TEMA • Família/Amizade

Estela, a princesa do céu

AUTOR • Marie-Louise Gay
EDITORA • Brinque-Book
TEMA • Família/Amizade

Feliz por obrigação

AUTOR • Chris Wormell
EDITORA • Ática e Giramundo
TEMA • Sentimento

Frida

AUTOR • Jonah Winter
EDITORA • Cosac Naify
TEMA • Diversidade

Halibut Jackson

AUTOR • David Lucas
EDITORA • Martins Fontes
TEMA • Sentimento

Histórias para acordar

AUTOR • Diléa Frate
EDITORA • Companhia das Letrinhas
TEMA • Diversidade

Irrq!

AUTOR • Mike Janulewicz
EDITORA • Brinque-Book
TEMA • Diversão

João e Maria

AUTOR • Tatiana Belinky
EDITORA • Martins Fontes
TEMA • Conto de fadas

Kipper e Rocambole

AUTOR • Mick Inkpen
EDITORA • Salamandra
TEMA • Diversão

Leo e Albertina

AUTOR • Christine Davenier
EDITORA • Brinque-Book
TEMA • Amizade

Leonardo Da Vinci

AUTOR • Tony Hart e Susan Hellard
EDITORA • Callis
TEMA • Arte

Liga-desliga

AUTOR • Camila Franco, Jarbas Agnelli e Marcelo Pires
EDITORA • Companhia das Letrinhas
TEMA • Diversão

Lilás

AUTOR • Mary Whitcomb
EDITORA • Cosac Naify
TEMA • Singularidade

Lobinho na escola de enganação

AUTOR • Ian Whybrow
EDITORA • Companhia das Letrinhas
TEMA • Juvenil/Diversão

Lúcia já vou indo

AUTOR • Maria Heloísa Penteado
EDITORA • Ática
TEMA • Singularidade

Macaco danado

AUTOR • Julia Donaldson e Axel Scheffler
EDITORA • Brinque-Book
TEMA • Diversão

Mamãe é grande como uma torre

AUTOR • Brigitte Schar e Jacky Gleich
EDITORA • Cosac Naify
TEMA • Família

Mamãe, você me ama?

AUTOR • Bárbara M. Joosse
EDITORA • Brinque-Book
TEMA • Família

Mania de explicação

AUTOR • Adriana Falcão
EDITORA • Salamandra
TEMA • Sentimento

Marcelo, Marmelo, Martelo

AUTOR • Ruth Rocha
EDITORA • Salamandra
TEMA • Juvenil

Marilú

AUTOR • Eva Furnari
EDITORA • Martins Fontes
TEMA • Trocadinho/Diversão

Menina Nina

AUTOR • Ziraldo
EDITORA • Melhoramentos
TEMA • Família/Sentimentos

Menino do Rio Doce

AUTOR • Ziraldo
EDITORA • Companhia das Letrinhas
TEMA • Juvenil

Meu avô Apolinário

AUTOR • Daniel Munduruku
EDITORA • Studio Nobel
TEMA • Família

Mig, o descobridor

AUTOR • Ana Miranda
EDITORA • Record
TEMA • Trocadilho

Minha mãe é um problema

AUTOR • Babette Cole
EDITORA • Companhia das Letrinhas
TEMA • Família/Singularidade

Moby Dicky

AUTOR • Herman Melville
EDITORA • Melhoramentos
TEMA • Juvenil

Nasrudin

AUTOR • Regina Machado
EDITORA • Companhia das Letrinhas
TEMA • Juvenil

Nestor

AUTOR • Quentin Gréban
EDITORA • Brinque-Book
TEMA • Amizade

Ninguém gosta de mim

AUTOR • Raoul Krischanitz
EDITORA • Brinque-Book
TEMA • Sentimento

Ninoca vai nadar

AUTOR • Lucy Cousins
EDITORA • Ática
TEMA • Diversão

O anjo da guarda do vovô

AUTOR • Jutta Bauer
EDITORA • Cosac Naify
TEMA • Família

O beijo

AUTOR • Valérie D’Heur
EDITORA • Brinque-Book
TEMA • Sentimento

O casamento da bruxa Onilda

AUTOR • E. Larreula e R. Capdevila
EDITORA • Scipione
TEMA • Diversão

O casamento de Porcolino

AUTOR • Helme Heine
EDITORA • Ática
TEMA • Diversão

O catador de pensamentos

AUTOR • Monika Feth e Antoni Boratynski
EDITORA • Brinque-Book
TEMA • Singularidade

O circo catástrofe

AUTOR • Benjamin Chaud
EDITORA • Salamandra
TEMA • Diversão

O filho do Grúfalo

AUTOR • Julia Donaldson e Axel Scheffler
EDITORA • Brinque-Book
TEMA • Diversão

O gato de botas

AUTOR • Tatiana Belinky
EDITORA • Martins Fontes
TEMA • Conto de Fadas

O giz vermelho

AUTOR • Iris Van der Heide e Marije Tolman
EDITORA • Martins Fontes
TEMA • Amizade

O grande rabanete

AUTOR • Tatiana Belinky
EDITORA • Moderna
TEMA • Diversão/Família

O Grúfalo

AUTOR • Júlia Donaldson
EDITORA • Brinque-Book
TEMA • Diversão

O jardim da Bruxa

AUTOR • Lidia Postma
EDITORA • Ática
TEMA • Diversão

O livro da família

AUTOR • Todd Parr
EDITORA • Panda Books
TEMA • Família

O livro do papai

AUTOR • Todd Parr
EDITORA • Panda Books
TEMA • Família

O livro dos medos

AUTOR • Diversos Autores
EDITORA • Companhia das Letrinhas
TEMA • Sentimento

O macaco pensador

AUTOR • Jeanne Willis e Tony Ross
EDITORA • Brinque-Book
TEMA • Sentimento

O menino maluquinho

AUTOR • Ziraldo
EDITORA • Melhoramentos
TEMA • Juvenil

O movimento da vida

AUTOR • Carlos Alberto de Mattos Ferreira
EDITORA • Brinque-Book
TEMA • Diversidade

O nabo gigante

AUTOR • Aleksei Tolstói e Niamh Sharkey
EDITORA • Girafinha
TEMA • Diversão

O patinho feio

AUTOR • Tatiana Belinky
EDITORA • Martins Fontes
TEMA • Conto de fadas

O pequeno manual de monstros caseiros

AUTOR • Stanisiav Marijanovic
EDITORA • Companhia das Letrinhas
TEMA • Diversão

O pequeno papa-sonhos

AUTOR • Michael Ende e Annegert Fuschuber
EDITORA • Ática
TEMA • Diversão

O pequeno príncipe

AUTOR • Antoine de Saint-Exupéry
EDITORA • Agir
TEMA • Juvenil

O que cabe num livro?

AUTOR • Ilan Brenman e Fernando Vilela
EDITORA • Difusão Cultural do Livro
TEMA • Diversão

O Ratinho, o Morango Vermelho Maduro, e o Grande Urso Esfomeado

AUTOR • Don e Audrey Wood
EDITORA • Brinque-book
TEMA • Diversão/Amizade

O rei Bigodeira e sua banheira

AUTOR • Audrey Wood
EDITORA • Ática
TEMA • Diversão

O sítio do Pica-pau amarelo

AUTOR • Monteiro Lobato
EDITORA • Brasiliense
TEMA • Família/Amizade/Sentimento

O urso que queria ser pai

AUTOR • Wolf Erlbruch
EDITORA • Companhia das Letrinhas
TEMA • Família

Olhos brilhantes

AUTOR • Jane Cabrera
EDITORA • MINC
TEMA • Diversão

Olívia

AUTOR • Anne Schwartz Book
EDITORA • Globo
TEMA • Diversão

Os músicos de Bremem

AUTOR • Jacob e Wilhelm Grim
EDITORA • Martins Fontes
TEMA • Amizade

Os sapatinhos vermelhos

AUTOR • Imme Dros & Harrie Geelen
EDITORA • Ática
TEMA • Sentimento

Ou isto ou aquilo

AUTOR • Cecília Meireles
EDITORA • Nova Fronteira
TEMA • Poesia

Pequeno Azul e Pequeno Amarelo

AUTOR • Leo Lionni
EDITORA • Berlendis e Vertecchia Editores
TEMA • Amizade

Picasso

AUTOR • Tony Hart e Susan Hellard
EDITORA • Callis
TEMA • Arte

Pinóquio

AUTOR • Tatiana Belinky
EDITORA • Martins Fontes
TEMA • Conto de Fadas

Porquinho está feliz

AUTOR • Nick Inkpen
EDITORA • MINC
TEMA • Sentimento

Portinari

AUTOR • Nadine Trzmielina e Angelo Bonito
EDITORA • Callis
TEMA • Arte

Quando mamãe virou um monstro

AUTOR • Joanna Harrison
EDITORA • Brinque-Book
TEMA • Família

Quem canta seus males espanta

AUTOR • Theodora Maria Mendes de Almeida
EDITORA • Caramelo
TEMA • Trocadilho

Quem mora... Na casa

AUTOR • Abcpres
TEMA • Bebê

Quem mora... Na fazenda

AUTOR • Abcpres
TEMA • Bebê

Quem mora... Na floresta

AUTOR • Abcpres
TEMA • Bebê

Quem tem medo de que?

AUTOR • Ruth Rocha
EDITORA • Global
TEMA • Medo

Rodolfo, o carneiro

AUTOR • Rob Scotton
EDITORA • Rocco
TEMA • Diversão

Salada, saladinha

AUTOR • Maria José Nóbrega e Rosane Pamplona
EDITORA • Moderna
TEMA • Parlendas/Poesia

Sapo Gustavo e a bruxa Abigail

AUTOR • Elza César Sallut
EDITORA • Brasil S/A
TEMA • Diversão

Seis histórias de animais

AUTOR • Sarah E. Heller
EDITORA • Companhia das Letrinhas
TEMA • Conto de Fadas

Sentimentos

AUTOR • Núria Roca
EDITORA • Caramelo
TEMA • Sentimento

Sete contos russos

AUTOR • Tatiana Belinky
EDITORA • Companhia das Letrinhas
TEMA • Contos

Sete histórias para sacudir o esqueleto

AUTOR • Angela Lago
EDITORA • Companhia das Letrinhas
TEMA • Medo

Solange e o Anjo

AUTOR • Thierry Magniere e Georg Hallensleben
EDITORA • Cosac Naify
TEMA • Amizade

Todo mundo sente medo

AUTOR • Jane Bingham
EDITORA • Girassol
TEMA • Sentimento

Todo mundo sente raiva

AUTOR • Jane Bingham
EDITORA • Girassol
TEMA • Sentimento

Tudo bem ser diferente

AUTOR • Todd Parr
EDITORA • Panda Books
TEMA • Diversidade

Um dia, um ganso

AUTOR • Claudio Galperin
EDITORA • Brinque-Book
TEMA • Amizade

Um monstro debaixo da cama

AUTOR • Angelika Glitz e Imke Sonnichsen
EDITORA • Martins Fontes
TEMA • Medo

Um número depois do outro

AUTOR • José Paulo Paes e Kiko Farkas
EDITORA • Companhia das Letrinhas
TEMA • Diversão

Uma letra puxa a outra

AUTOR • José Paulo Paes e Kiko Farkas
EDITORA • Companhia das Letrinhas
TEMA • Diversão

Uma rua como aquela

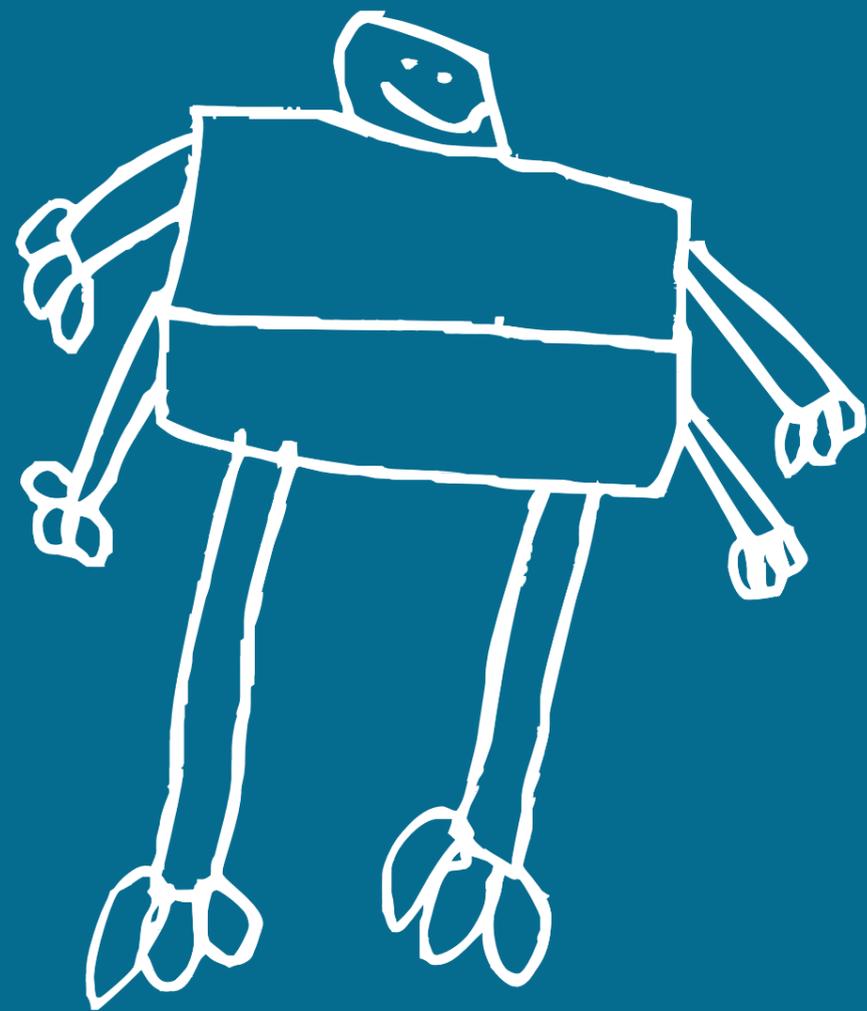
AUTOR • Lucília Junqueira de Almeida Prado
EDITORA • Record
TEMA • Juvenil

Você não consegue dormir, ursinho?

AUTOR • Martin Wadd e Barbara Firth
EDITORA • Brinque-Book
TEMA • Medo

Winnie, a feiticeira

AUTOR • Korky Paul e Valerie Thomas
EDITORA • Martins Fontes
TEMA • Diversão



ÁLBUM:
REGISTRO DA PRÓPRIA HISTÓRIA

O Fazendo Minha História faz um importante convite para cada criança: contar e registrar a sua história em um grande álbum. Com o apoio do colaborador, ela é estimulada a falar de seu presente, passado e futuro desejado. Registrar as experiências é importante para que não se percam e possam ser compartilhadas com os educadores, outros abrigados, amigos ou familiares, no presente e no futuro. Cabe ao colaborador facilitar esse processo. Vale lembrar que cada voluntário e cada criança são únicos e o resultado do projeto varia de caso para caso. Durante o trabalho, é criada também uma relação com a equipe da instituição, que passa a ser uma importante interlocutora sobre a história das crianças. Essa troca é essencial para que se possa compreender melhor a criança e seus atos. É possível, por exemplo, que uma criança fale algo de sua história que não queira registrar; é importante respeitar essa escolha, afinal, o álbum é dela. Lembramos que ele deverá acompanhá-la quando sair do abrigo.

Matilda ou Ninoca?

Faço o álbum de dois irmãos: a Júlia e o André. Era feriado, Dia de Finados, e fui encontrá-los. Eles são órfãos de mãe só que, até então, nunca tinham me falado. Tinha planejado começar a ler para eles o livro que mais gostei quando era pequena: Matilda. Só que era uma história que ia demorar para contar, portanto, a idéia era lermos em capítulos. Cheguei e comecei a ler o primeiro, mas eles estavam irrequietos, agitados.

Então pegaram o livro da Ninoca e me pediram para ler. Eu olhava para ele e falava: - Mas esse livro é para crianças de um ano de idade. Eles me pediram a Ninoca e eu querendo ler a Matilda! Então, me dei conta: - Eles estão pedindo colo, querem uma coisa de criança, pois estão num momento difícil.

Começamos a conversar depois da leitura: - Hoje é dia dos mortos, né? E eu respondi: - É, hoje é um dia em que a gente lembra das pessoas que já morreram. Aí contei dos meus dois avós que tinham morrido e eles me falaram sobre a mãe. Contaram como foi e o que sentiram. Peguei-os no colo e eles choraram. Teve um momento em que eu já estava quase chorando junto, daí falei: - Pronto, vamos fazer o jogo da memória. Tinha um pouco a ver com o que a gente estava falando e achei que era uma forma mais fácil de lidar com aquilo que eles estavam trazendo.

Depois que fui embora, falei com a coordenadora do Fazendo Minha História: - Não sei o que fazer com tudo isso que eles me trouxeram. E ela me deu a idéia de escrever uma carta para eles.

Escrevi contando como tinha sido aquele encontro, o que eu tinha sentido dos dois. Foi muito legal. Depois fomos escrever a página da mãe e, hoje, essa história aparece no álbum.

Maria Lacombe Pires

Colaboradora voluntária do Fazendo Minha História



1. Mitos e medos

As histórias são muito tristes

Uma história nunca é exclusivamente triste. Além de buscar as alegrias, conquistas e sonhos que fazem parte da narrativa, é necessário também dar espaço para a criança ou adolescente falar das tristezas.

Quem está no abrigo não gosta de falar de suas histórias

Quando podem escolher o que, quando, como falar e são ouvidos com respeito e atenção, todos gostam de falar da sua história ou de uma parte dela.

O período de abrigamento é temporário e triste, não precisamos registrar

O abrigamento é um período da vida que não deve ser negado. Quanto mais clara e consciente for a relação com essas lembranças, menor a chance de se criar fantasmas. Além do mais, o abrigo traz vivências positivas e significativas de proteção e acolhimento que certamente merecem ser registradas.

O futuro é muito incerto, não há como falar a respeito

A incerteza quanto ao amanhã não precisa ser motivo para não sonhar. Ao contrário, é necessário estimular uma visão positiva do futuro e ajudar a criança ou adolescente a se apropriar e, se necessário, transformar a sua trajetória.

Os adultos estão despreparados para lidar com as histórias

Contadas ou não, as histórias desafiam os adultos continuamente e não podem ser negadas. Portanto, é melhor criar oportunidades cuidadosas para falar sobre elas, sempre na medida e no ritmo de cada criança. As conversas dos colaboradores com a equipe do abrigo e a coordenação técnica do projeto existem para acolher as dúvidas e angústias e encontrar caminhos em parceria.



PARA O COLABORADOR PENSAR

João (8 anos) diz insistentemente que tem duas mães: a mãe biológica e a mãe social (pessoa que cuida dele no abrigo).

O que é importante entender sobre essa situação é o respeito pelas versões das histórias das crianças. Para João, há duas pessoas que cuidam dele e exercem o papel da maternidade e AMBAS devem estar presentes no álbum. É importante dar lugar para a percepção da criança sobre a sua vida, além do registro da “história oficial”.

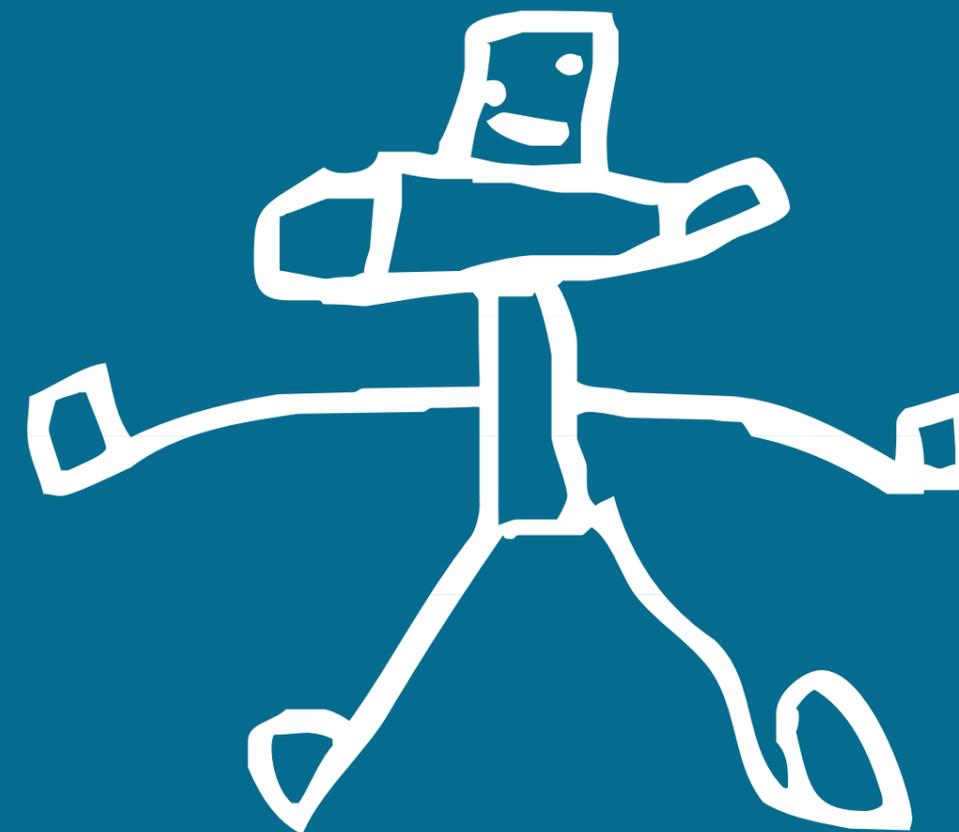
Conversando de sentimentos

Ao retomar o que havíamos feito, ele olhou para a foto da mãe e contou que ela estava internada no hospital para uma cirurgia (que já estava programada). Começamos a conversar sobre isso e propus escrevermos. Ele aceitou: “minha mãe está internada e estou triste e com medo que ela morra (...) Gosto muito dela, quando vem aqui e quando vamos para a casa e ela deixa brincar na rua (...) Sinto saudades quando ela está longe e fico triste e com medo dela desmaiar e morrer.” Fomos conversando sobre tudo isso: do medo de ficar sem a mãe, de como seria e daí ele disse que ia rezar e pediu para eu pensar nela também. Escreveu, ainda, sobre um menino que saiu do abrigo com 8 anos e foi para a Itália depois de perder a sua família e, em seguida, a frase: “eu vou voltar pra casa com 8 anos”.

Conversamos sobre isso também. No fim, ele escreveu: - “A Julia vai ficar comigo, eu gosto dela”. Colamos o papel no álbum e ele disse: - “Chama identidade né?”. Eu disse que poderia ser identidade de sentimentos e expliquei o que são sentimentos. Então, ele falou que queria chamar de “identidade de sofrimento” e pediu para eu escrever. Nos abraçamos forte e ele disse que queria escrever sua história todo dia.

Julia Eid

Colaboradora do Lar 2 do Educandário Dom Duarte



2. Montar o álbum

O álbum é elaborado no decorrer dos encontros entre a criança e o colaborador. Outros adultos, como os educadores, podem ser convidados a participar da construção incluindo fotos, relatos e outros conteúdos. Cada álbum é tão único quanto a história de cada uma das crianças ou adolescentes.

Organizar atividades

O conteúdo do álbum é produzido a partir de atividades planejadas pelo colaborador. A ideia é trazer estímulos para a criança ou adolescente contar e registrar a sua história de maneira diversificada, criativa e consistente. No decorrer do programa, construímos um bom cardápio de atividades que podem servir de referência.

Começar pelo presente

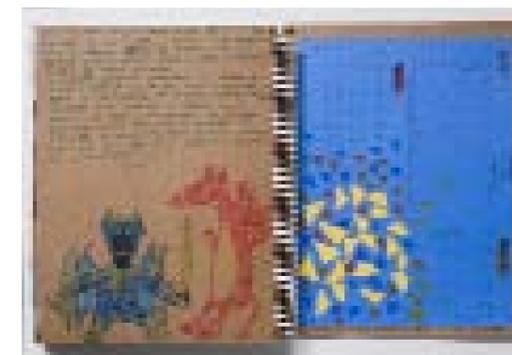
Aprendemos que é mais fácil começar falando do presente. Ele abre as portas para o passado e para o futuro de acordo com a possibilidade e o desejo de cada um. Com a construção do vínculo com o colaborador, a criança sente mais confiança para falar sobre o passado. É importante respeitar o seu tempo. Em alguns casos, ela fala espontaneamente da sua história pessoal logo nos primeiros encontros; é preciso estar preparado caso isso aconteça.

Tenho que participar

A criança ganha, por exemplo, um brinquedo ou alguma coisa importante e, às vezes, naquela loucura, a gente nem consegue dar atenção. Deveríamos registrar e colocar no álbum. Sei que estou ajudando a fazer a história das crianças.

Sofia Aparecida de Almeida

Educadora do Lar 4 do Educandário Dom Duarte



Vôo imaginário

Li "O homem que amava caixas" e depois a gente construiu caixas para eles guardarem as coisas mais importantes. Na sequência veio "O Passarinho Engaiolado". Nesse dia, pedi que eles fechassem os olhos e imaginassem para onde voariam se fossem um passarinho numa gaiola aberta. A Júlia logo foi para o Hopi Hari e o André foi encontrar com a namorada na floresta. Depois, eles registraram a história que estavam me contando, desenharam o passarinho e colocamos tudo no álbum.

Maria Lacombe Pires

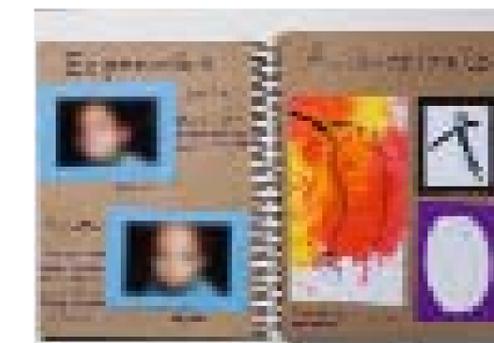
Colaboradora do Fazendo Minha História

Muita risada

Eu me divirto muito, esqueço da vida. Uma vez, a gente não conseguia colar aquelas cantoneirinhas que se põe nas fotos. Não dava certo. Daí, a imaginação é tudo: ele colocou um daquele no dedo. "Nossa, que legal." Ficou um chapeuzinho, daí fiz olhinho, boquinha e nariz no dedo dele e no meu, colocamos o chapéu e ficamos conversando, brincando. Ele chorava de rir, adorou.

Maria Isabel Arnoni

Colaboradora do projeto no ABCD Nossa Casa



Auto-retrato

Fiz uma atividade de auto-retrato muito legal. Usamos duas folhas de papel, um papel carbono e desenhamos com um lápis sem ponta. Era um desenho mágico: eles se olhavam no espelho e desenhavam. O Felipe fez muitas caretas engraçadas e depois se desenhou como se fizesse várias caricaturas. Como tinha o carbono, saíram várias cópias do desenho que ele fez dele mesmo.

Marta Mursa

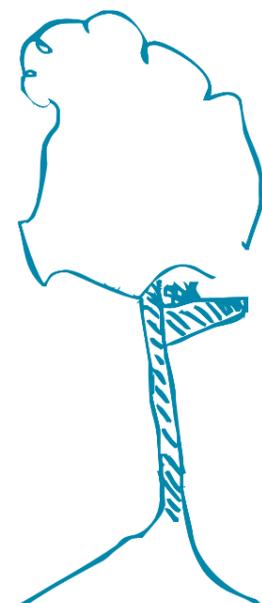
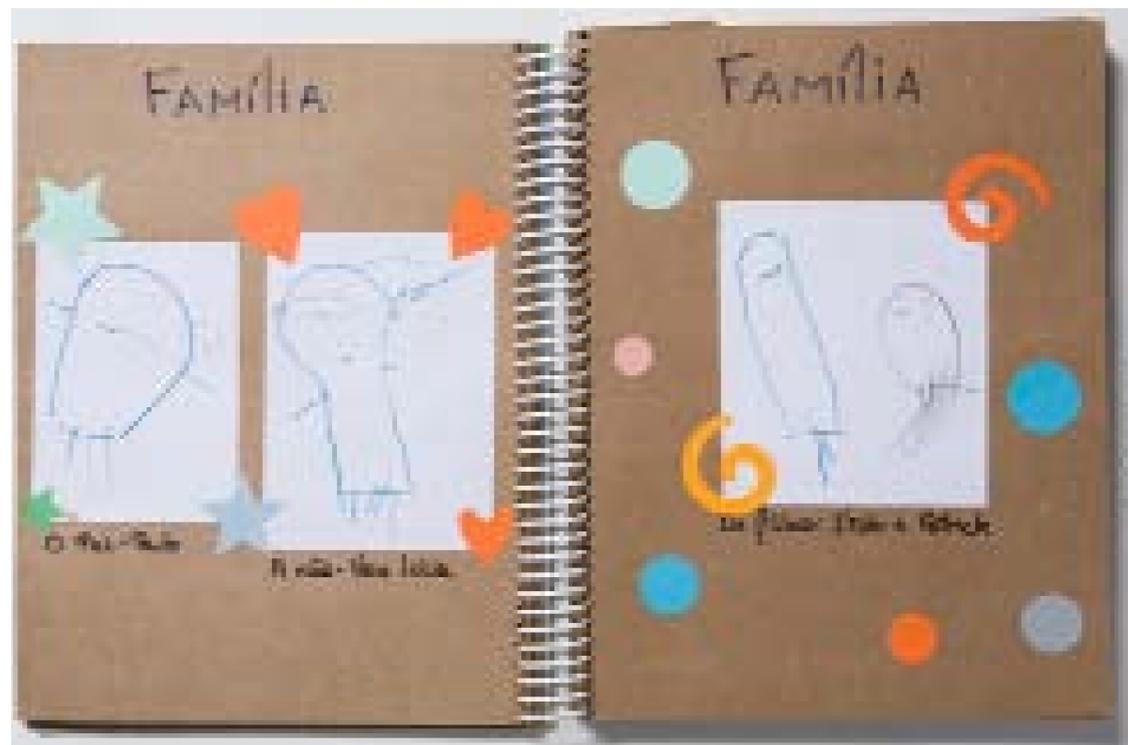
Colaboradora do projeto no ABCD Nossa Casa



PARA O COLABORADOR PENSAR

Flávio faz questão de escrever em seu próprio álbum. Nota-se que ele não está completamente alfabetizado e o que escreve nem sempre é compreensível. Como fazer o registro neste caso?

O álbum é da criança e é importante que ela possa participar e escrever nele. Há soluções para fazê-lo sem que se perca o conteúdo. Por exemplo: o colaborador pode sugerir que escreva primeiro em uma folha de papel à parte, para treinar o que será registrado no álbum. Pode ainda deixar que a criança escreva "do jeito dela" e depois, ao lado, escrever da maneira que desejar. O importante é fazer isso com delicadeza para não inibir a sua participação e estimular que experimente a escrita.

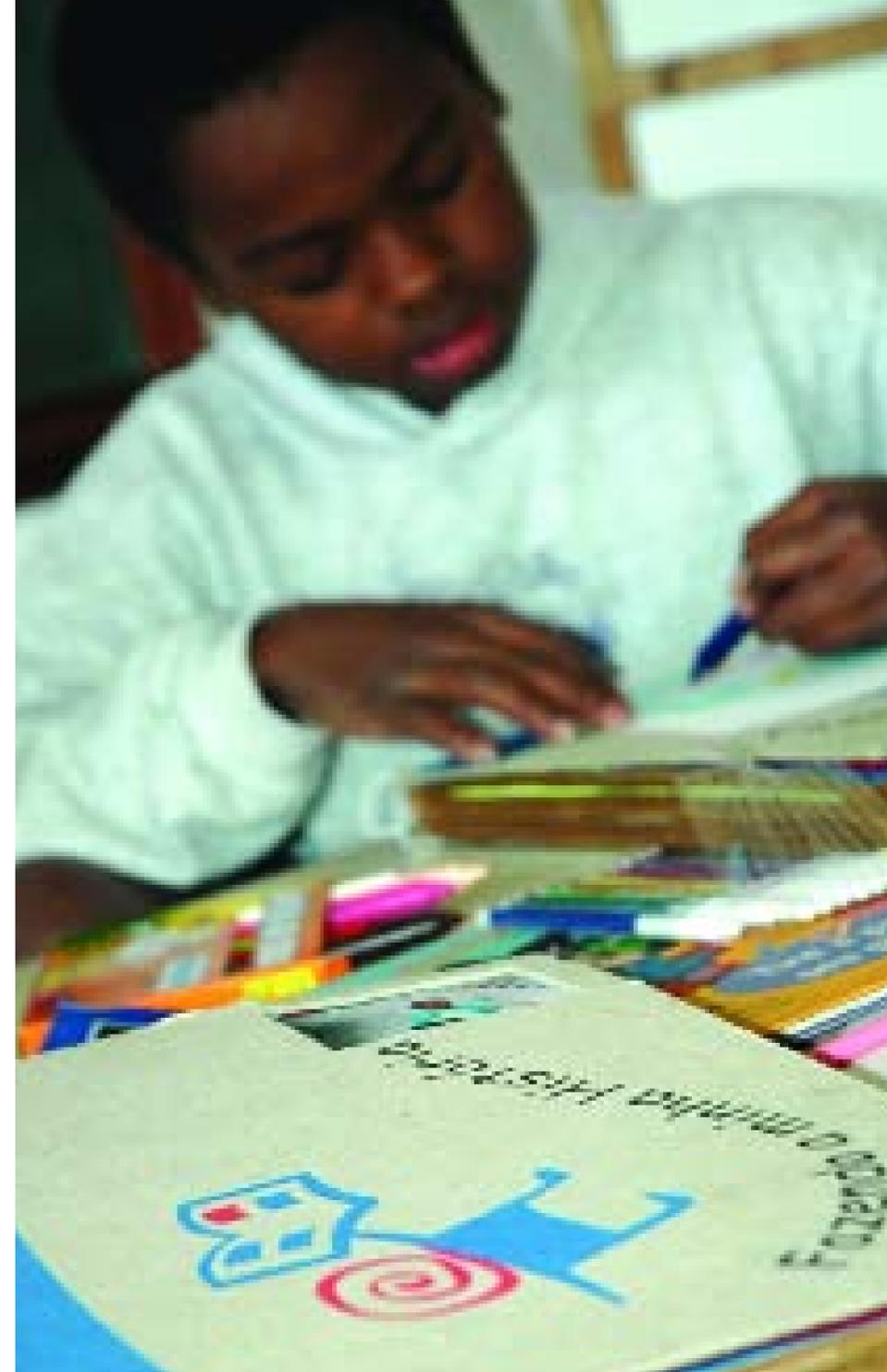


Página da mãe

O Henri tem paixão pela mãe. Então, ele arranjou uma foto dela, colocou no álbum e escreveu uma declaração de amor. Foi a primeira página feita e ele está sempre incrementando. Colocou recortes de carros que vai dar para ela, a casa que vai dar e pediu para fazer um coração para colar a foto dela. Tem também carros para todos os irmãos. Ele tem um orgulho enorme desse álbum cheio dos seus desejos.

Cristiane Brandt

Colaboradora do projeto no Educandário Dom Duarte



Adolescência

Quando o trabalho está sendo realizado com adolescentes, três situações merecem especial atenção:

- Nessa fase, o álbum pode ser alvo de intrigas entre os garotos e as garotas da casa. Pode-se chegar ao extremo de um adolescente atacar e destruir o álbum do outro durante uma briga. Portanto, vale redobrar o cuidado para que os álbuns fiquem a salvo de qualquer conflito;
- Alguns adolescentes tendem a transformar o álbum num verdadeiro diário. Ao invés de registrar histórias marcantes de sua vida, passam a escrever quase diariamente, focando o momento atual. Não há problema algum. Vale estimular o jovem a resgatar a sua origem e trajetória anterior, mas o registro da história presente também tem grande valor;
- Algumas vezes, os adolescentes participam do programa em formatos diferentes: em grupos ou individualmente, sem o acompanhamento de um colaborador. O importante é que ele possa ter um apoio, alguém para mostrar seus registros e compartilhar partes de sua história.

Cardápio de atividades

São várias as atividades possíveis para a feitura do álbum: há aquelas que partem da leitura de uma história que desencadeia as lembranças de cada um, outras usam estímulos variados como colagens, entrevistas e desenhos. Entretanto, nem sempre essas atividades resultam em produções para o álbum. Certamente, cada colaborador também acaba desenvolvendo novas idéias a partir da sua bagagem pessoal e das situações vividas a cada semana.

A seguir, uma seleção de atividades que têm se mostrado bastante adequadas para a produção de conteúdo para o álbum.



A VERDADEIRA HISTÓRIA?

Material: Livro “A Verdadeira História dos Três Porquinhos”

Vamos lá: Leia a história e abra um debate. Será que essa história de lobo é verdadeira? Será que as narrativas não parecem diferentes quando contadas por pessoas diferentes? O interessante seria buscar uma história da vida das crianças que possa ser contada por uns de um jeito e por outros, de outro. Pergunte, por exemplo, como cada um vê a casa em que vive. Veja as diversas respostas e explore o mundo das diferenças como algo possível, real e importante.

Sabe por quê? Muitas vezes as histórias são contadas por uns de um jeito e vividas e sentidas por outros, de outro. Isso é normal e importante, afinal de contas, cada pessoa tem uma maneira de enxergar o mundo a partir das experiências anteriores. É bom poder ver que não há uma só verdade a respeito das coisas, mas várias possibilidades de vivências de uma mesma situação.

ÁRVORE GENEALÓGICA

Material: Lápis de cor, canetinha ou giz de cera e papel sulfite.

Vamos lá: Desenhe uma árvore. Dentro da copa escreva os nomes das pessoas da família da criança de cima para baixo, começando pelo nome dos avós maternos de um lado e paternos, do outro. Siga essa divisão e, na seqüência, escreva embaixo o nome dos pais e tios, mais embaixo os dos irmãos e primos e assim por diante. Não tem problema se não soubermos todos os nomes, sempre vale deixar o lugar desses parentes presentes na árvore. Pesquise com bastante cuidado para obter mais informações com os técnicos e familiares da criança.

Sabe por quê? Porque é importante que a criança saiba e tenha registrado no álbum quem são as pessoas que compõem a sua família. É claro que, no caso daquelas com quase nenhuma informação, a atividade deve ser repensada. Essa é uma excelente maneira de envolver a família no projeto. Às vezes um tio ou uma tia podem trazer muitas informações...



CADA UM É UM

Material: Espelho, folha sulfite, lápis de cor e canetinha.

Vamos lá: Na frente do espelho, descreva-se detalhadamente e peça para a criança se descrever também: cor dos olhos, cabelo, altura, etc. Converse sobre a descrição de cada um, sobre as semelhanças e diferenças e, depois, convide ela para fazer um auto-retrato.

Sabe por quê? Esta atividade permite que a criança olhe para si mesma, além de possibilitar a percepção sobre semelhanças e diferenças entre as pessoas. Mais do que qualquer coisa, trata-se de uma atividade de auto-percepção.

Livros sugeridos para o tema: “Circo Catástrofe”, “Bruxa Onilda”, “Nestor”, “Picasso”, “Portinari”, “Van Gogh” e “Cabumm”.



CASINHA FELIZ

Material: Livro “O Trem da Amizade”, cartolina colorida, cola, tesoura e fotos das pessoas que moram na casa.

Vamos lá: O livro serve como aquecimento para a atividade. Utilize cartolinas coloridas para fazer o abrigo. Conte quantas pessoas moram na casa e recorte o mesmo número de janelas. Dentro de cada uma delas cole a foto de uma pessoa, até que todas estejam lá. Quando tudo estiver pronto, cole a casa no álbum.

Sabe por quê? Porque é importante que a criança tenha registrado em seu álbum quem são as pessoas que moram com ela e que são importantes para a sua vida.



CARTEIRA DE IDENTIDADE

Material: Papel e lápis.

Vamos lá: Proponha para a criança que faça sua “carteira de identidade” escrita, registrando algumas coisas importantes sobre ela, como:

Eu me chamo: _____

Gosto de ser chamado de: _____

O que eu mais gosto em mim: _____

Meu endereço é: _____

O que eu mais gosto de comer é: _____

Detesto quando alguém: _____

Mas adoro quando alguém: _____

Minha cor preferida é: _____

O animal de que mais gosto é: _____

Gosto de brincar de: _____

Sabe o que mais? _____

Sabe por quê? Porque é muito importante que a criança possa olhar para si mesma e perceber aquilo que lhe pertence, suas características, seus gostos e desejos, e assim ir construindo sua identidade.



CONSTRUIR LEGENDAS PARA AS FOTOS

Material: Fotos tiradas em dias anteriores.

Vamos lá: Em casa ou um pouco antes do encontro com a criança, faça o seguinte exercício: escolha duas fotos e tente fazer pelo menos quatro perguntas sobre cada uma delas. Pense em coisas que possam ser respondidas pela criança, elabore questões que um futuro observador/leitor daquele álbum não consiga responder simplesmente olhando para a imagem; coisas que ele só saiba porque a criança informou. Um exemplo: imagine uma foto com uma criança sentada num cadeirão. Na bandeja há um prato de comida, mas não dá para identificar através da foto. Poderíamos pensar em perguntas tais como:

ONDE VOCÊ ESTAVA NESTA FOTO? O QUE VOCÊ FAZIA? (ATÉ AQUI, QUESTÕES QUE QUALQUER OBSERVADOR PODERIA RESPONDER).
A QUE HORAS DO DIA FOI TIRADA A FOTO? (BRECHA PARA FALAR SOBRE A ROTINA DA CASA). QUEM TIROU A FOTO? O QUE VOCÊ MAIS GOSTA DE COMER? GOSTA DE SOBREMESA, QUAL É A SUA PREFERIDA? VOCÊ JÁ COME SOZINHA? USA GARFO E FACAS OU COLHER? E POR AÍ VAI... É SÓ TRANSFORMAR AS INFORMAÇÕES EM LEGENDAS DAS FOTOS JUNTO COM AS CRIANÇAS.

Sabe por quê? Porque essa é a essência do nosso trabalho. Colar as fotos no álbum depois de conversar sobre elas. Damos outra dimensão para a imagem! Além disso, muitas fotos sem legenda viram depois cenas desconhecidas, pois a criança não a reconhece sem uma descrição. Principalmente os bebês.



DESCOBRINDO AS MINHAS MEDIDAS

Material: Barbante e fita métrica (caso tenha!)

Vamos lá: Qual é a distância entre o seu cotovelo e as pontas dos dedos da mão? Use uma fita métrica para determinar o comprimento e explorar metros e centímetros. Escreva em uma folha de papel "do joelho ao chão" e registre a medida. Sugestões:

- Da cintura ao chão;
- Do ombro às pontas dos dedos da mão;
- Do alto da cabeça ao queixo;
- Do alto da cabeça aos dedos do pé.

OUTRAS MEDIDAS: As medidas também podem ser feitas usando unidades não padronizadas, como mãos e pés de outras crianças ou adultos. É possível determinar a altura de uma criança também com as mãos e assim dizer que a Adriana, por exemplo, tem o mesmo tamanho de sete mãos da Carolina. Anote a data, pois passado um tempo é possível repetir essa atividade e, com certeza, os resultados serão diferentes.

Sabe por quê? Porque essa é uma maneira das crianças se conectarem melhor com os seus corpos e perceberem seu desenvolvimento.

É HORA DE...

Material: Folhas de papel, grampeador ou barbante, canetinha e lápis de cor.

Vamos lá: Dobre as folhas de papel, uma dentro da outra, até obter um livrinho de dez ou doze páginas. Grampeie. Pense junto com a criança sobre as várias atividades que ela tem diariamente durante a semana e como elas acontecem. Pergunte o que ela gosta e o que não gosta. Na página da esquerda, sugira que ela desenhe um relógio com os ponteiros mostrando as horas (se a criança for muito pequena, o colaborador terá que dar um auxílio maior). Na página da direita, escrevam (por exemplo) "É hora de levantar". Como será que ela levanta? Bem disposta? Com mau humor, preguiça, fome? Vamos descobrir e registrar! Ela pode fazer um desenho dessa hora do dia, colar uma foto ou escrever algo. O livrinho será colado no álbum, retratando a rotina da criança em detalhes.

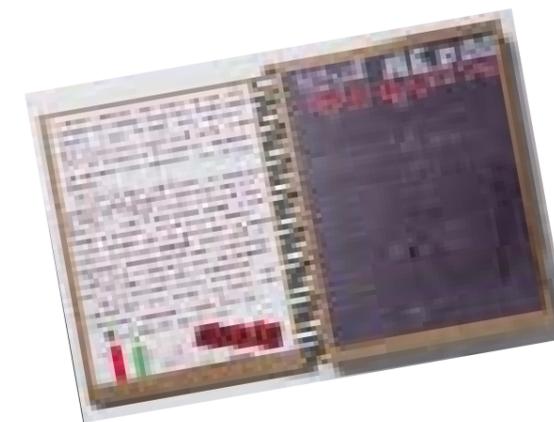
Sabe por quê? Essa pesquisa divertida dirá muito sobre as crianças e suas características pessoais, que ficarão registradas no álbum junto com a sua rotina.

HISTÓRIA ILUSTRADA

Material: Folha sulfite, lápis de cor e canetinha.

Vamos lá: Diga para a criança fazer um desenho com tema livre. Quando ela terminar, peça para contar uma história sobre ele. Escreva a história inventada em uma folha à parte e, depois, conte novamente para a criança.

Sabe por quê? Porque estimula a criatividade e dá a possibilidade da criança falar de si indiretamente.



IMPRESSÃO DIGITAL

Material: "Almofadinha de carimbo" com tintas coloridas, papel e lupa.

Vamos lá: Surpreenda a criança com o fato de que não existem sequer duas impressões digitais iguais! Examine o dedo indicador de algumas delas e depois use carimbo ou tinta para fazer as impressões em uma folha de papel. Por fim, peça para a criança examinar as impressões digitais com uma lupa. Só existe uma de cada tipo, pois cada pessoa é única! Há diversas formas, animais e expressões que podem ser desenhadas nas impressões para completar a atividade.

Sabe por quê? Porque é muito importante para as crianças entender que são 100% únicas e diferentes umas das outras. Vamos validar e saudar a singularidade!

JAMAIS ESQUECEREI

Material: Papel e caneta.

Vamos lá: Peça para a criança pensar em um momento que foi muito importante em sua vida. Algumas lembranças são mais alegres, outras mais tristes. Registre escrevendo com a criança em uma folha sulfite ou diretamente no álbum.

Sabe por quê? Essas lembranças são as memórias de nossas vidas, são a nossa história. São elas que nos constituem e nos fazem ser quem somos. É importante ter registrado tudo aquilo que marcou a sua vida.

MEDO, MEDINHO, MEDÃO

Material: Livro "Chapeuzinho Amarelo", folha sulfite, giz de cera e canetinha.

Vamos lá: Leia a história e, ao final, pergunte à criança do que ela tem medo, qual é o seu lobo. Daí é só deixar fluir. A sugestão é criar a página do medo, que pode ser pintada de giz preto de fundo, e nela colar desenhos do que amedronta a criança ou descrever o ela fez e disse.

Sabe por quê? Porque os medos estão presentes na infância em forma de bichos, monstros, escuro, e é importante poder falar sobre eles.

PESSOAS DA MINHA VIDA

Material: Fotografias de pessoas importantes para a criança, cola, tesoura, durex colorido, lápis de cor, canetinha e revistas.

Vamos lá: Converse com a criança e sugira que ela faça uma página no álbum com as pessoas mais importantes de sua vida. Cole as fotos e, junto com ela, faça uma "moldura" com o durex colorido. Talvez, existam várias pessoas importantes das quais a criança não tem foto. Nesse caso, sugira que ela desenhe todos que quiser na página, como se fossem retratos.

Sabe por quê? Muitas vezes pessoas queridas, que desempenham papéis importantes na vida de uma criança, vão embora do abrigo ou se afastam não deixando registro de quem foram - como eram, seus nomes, o que faziam, como faziam...



PESSOINHA

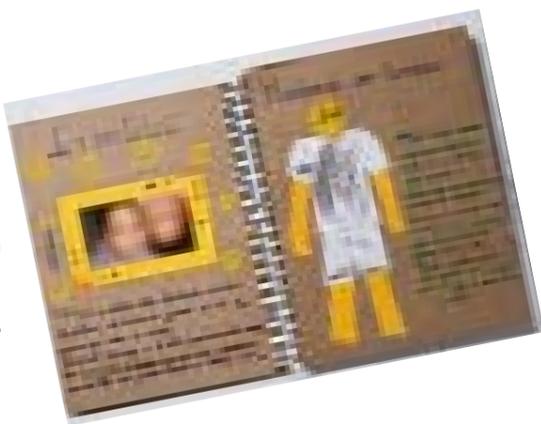
Material: Folha sulfite e canetinha.

Vamos lá: Peça para a criança desenhar uma figura humana, da cabeça aos pés. Quando terminar, peça para inventar um nome para a figura e dar vida a ela, desenhando balões saindo:

- da cabeça: um pensamento;
- do lado esquerdo da boca: uma frase que disse e se arrependeu;
- do lado direito da boca: uma frase gostaria de ter dito e não disse;
- do coração: uma paixão;
- na mão direita: um sentimento que tem para dar;
- na mão esquerda: algo que gostaria de receber;
- no pé esquerdo: uma meta;
- no pé direito: três passos para alcançar a meta.

Quando terminar a atividade, converse com a criança sobre as semelhanças e diferenças entre ela e a personagem criada.

Sabe por quê? Porque ao fazer o desenho de uma pessoa e dar-lhe vida, a criança vai refletir sobre si mesma. Essa atividade funciona melhor para as crianças com mais de sete anos.



PEDRO E TINA: MELHORES AMIGOS

Material: Livro "Pedro e Tina", giz de cera, lápis grafite e folha sulfite.

Vamos lá: O mediador apresenta o livro que conta a história. Em seguida, as crianças falam sobre o seu melhor amigo, quem é, onde o conheceu, o que gosta de fazer/brincar com ele, etc.

Sabe por quê? Amigos são importantes, alguns ficam para sempre, outros a gente não vê mais, mas sempre nos acompanham, então, tê-los registrados conosco trará sempre boas lembranças.

QUEM É QUEM/FAMÍLIA

Material: Folha sulfite, lápis, borracha e canetinha.

Vamos lá: Leve a ficha de atividade (abaixo, podendo conter variações) ao encontro e preencha junto com a criança, conversando sobre as relações de parentesco e seus familiares.

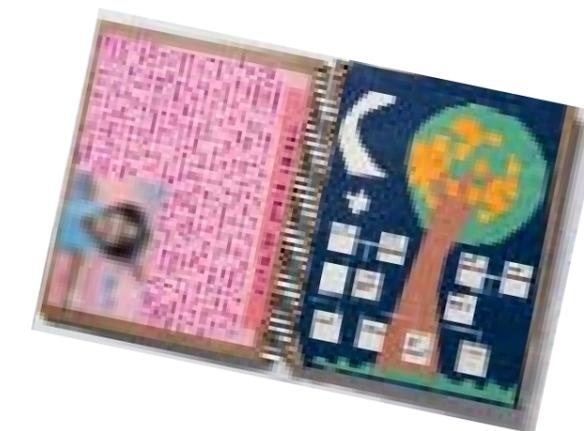
Quem é quem:

- O filho da minha tia é meu;
- A filha do meu tio é minha;
- Eu e meus primos somos netos da minha;
- O irmão do meu pai é meu;
- O que meu irmão é da minha tia?
- A irmã da minha mãe é minha;
- Meu tio é filho da minha;
- O filho da minha mãe, que não sou eu, é meu;
- A mãe do meu irmão é minha;
- Meu irmão é filho do meu;

Depois do quem é quem, pode-se dar nomes a alguns desses "personagens" como: o seu tio é o João, a sua avó é a Moema e assim por diante. Após essa atividade é possível completar a árvore genealógica.

Sabe por quê? Para a criança aprender a identificar como se formam as relações de parentesco: tios, sobrinhos, primos, etc.

Livros sugeridos para o tema: "O homem que amava caixas", "Vó Nana", "Tanto tanto", "Lúcia já vou indo"...



REPÓRTER POR UM DIA

Material: Folha sulfite e canetinhas ou lápis.

Vamos lá: Viraremos repórteres junto com as crianças. Cada uma delas terá nas mãos papel e caneta (se alguma não souber escrever, o colaborador pode redigir por ela) e entrevistará seus amiguinhos do abrigo, educadores e coordenadores da casa. As perguntas devem ser variadas, mas, principalmente, sobre a própria criança. São depoimentos de várias pessoas sobre ela.

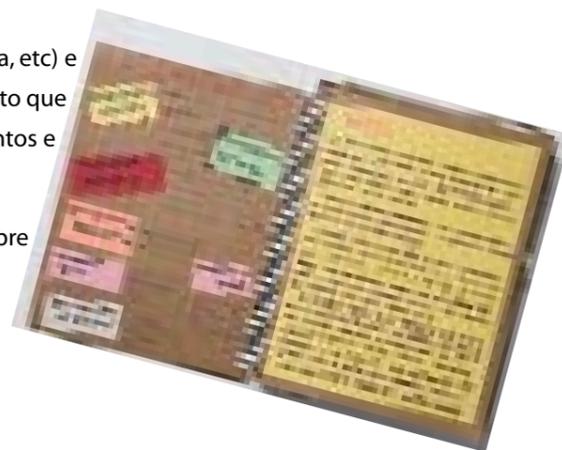
Sabe por quê? Porque é muito gostoso ver e ouvir outras pessoas contando coisas interessantes sobre como somos e como nos relacionamos com o mundo e com os outros ao redor.

SÃO TANTAS EMOÇÕES

Material: Livro “Mania de explicação”, fotografias, tesoura, cola e canetinhas.

Vamos lá: Peça para a criança fazer diferentes expressões (feliz, triste, “mau-humorada”, brava, etc) e fotografe todas elas. Depois de reveladas, recorte, cole no álbum e escreva embaixo o sentimento que está expresso em cada foto. A partir disso, você pode aproveitar e conversar sobre os sentimentos e emoções, perguntando em que situações a criança se sente de um ou de outro jeito.

Sabe por quê? Porque essa é uma atividade divertida, que possibilita que a criança fale sobre os seus sentimentos e emoções com maior tranquilidade.



SONHO

Material: Papel, canetas coloridas, purpurina, cola e envelope.

Vamos lá: Converse com a criança sobre os sonhos e desejos dela. Convide-a para escrever sobre aquilo que deseja alcançar, sobre o que quer muito que aconteça em sua vida. Depois sugira que faça um desenho ou apenas enfeite uma folha com purpurina e canetinha colorida. Em seguida coloque o que foi feito em um envelope e cole no álbum. Afirme que o que tem dentro do envelope é precioso e precisa estar bem guardado. Sugestão: para marcar essa atividade leve um sonho de padaria para comer junto com a criança.

Sabe por quê? Essa atividade faz com que a criança pense sobre seus projetos de vida, sobre o que a motiva e impulsiona para a vida. É muito importante e saudável que ela tenha planos e queira realizá-los no futuro. O conteúdo do envelope vai sempre lembrá-la sobre seus sonhos.

VIAGEM NO TEMPO

Vamos lá: Peça para a criança fechar os olhos e pensar em si atualmente. Fale a data e o ano. Em seguida, peça para ela se imaginar dez anos depois: como está? O que está fazendo? Com quem está? Peça, então, para ela abrir os olhos e fale que vocês estão dez anos mais velhos. Diga a data e conte um pouco sobre como você está no futuro. Na sequência, peça para a criança falar o que fez nesses dez anos, como está a sua vida, com quem está e como se sente. Após a conversa, peça novamente para ela fechar os olhos e lembrar como era há dez anos. Fale a data atual e deixe-a abrir os olhos e reencontrar o presente. Converse com a criança sobre como se imaginar no futuro.

Sabe por quê? Porque através dessa atividade, criamos a oportunidade de construir uma visão de futuro para a criança. É preciso um vínculo forte já estar estabelecido.



PARA O COLABORADOR PENSAR

Lembrei-me de uma brincadeira animadíssima que fazia quando pequena usando uma bola. Acho que seria legal realizar uma atividade diferente hoje, mas será que tudo bem?

O álbum não será o foco do trabalho em todos os encontros. Algumas vezes é preciso quebrar um pouco a rotina e, nessas horas, as brincadeiras cabem perfeitamente. A criança diz muito de si enquanto está brincando, então, vale ficar atento.

4. Parâmetros para um bom álbum

4.1. O que registrar

Não há um roteiro fixo a ser seguido na elaboração do álbum. O melhor é utilizar os assuntos que vão surgindo na interação com a criança. Porém, depois de alguns meses de trabalho, vale a pena ir observando se a riqueza da sua história está sendo registrada. Nesse sentido, caso ainda não tenham aparecido, alguns conteúdos podem ser estimulados:

SOBRE A CRIANÇA/ADOLESCENTE

- Nome completo;
- Data de nascimento;
- Local de nascimento;
- Fotos atuais e antigas;
- Brincadeiras preferidas;
- Relatos do seu modo de ser, gostos, preferências, qualidades, fragilidades e potencialidades;
- Linha do tempo com os momentos marcantes na vida da criança.

SOBRE A FAMÍLIA

- Nome dos pais e fotos;
- Nome dos irmãos e fotos;
- Nome de outros familiares;
- Nome de vizinhos e amigos;
- Fotos legendadas dos pais;
- Fotos legendadas dos irmãos.

SOBRE O PROJETO FAZENDO HISTÓRIA

- Foto legendada do colaborador do Fazendo História;
- Referência ao Projeto Fazendo História (folder/esclarecimento).

SOBRE O ABRIGO

- Nome, telefone e endereço;
- Fotos dos lugares preferidos do abrigo;
- Fotos legendadas dos educadores;
- Relatos/depoimentos dos educadores;
- Fotos legendadas dos técnicos e do coordenador;
- Relatos/depoimentos dos técnicos e do coordenador;
- Fotos legendadas das demais crianças e adolescentes do abrigo;
- Relatos/depoimentos das demais crianças e adolescentes do abrigo;
- Fotos das visitas familiares;
- Os melhores amigos da instituição;
- Datas e festas importantes: Natal, aniversário, aniversário de amigos, Dia das Crianças;
- Atividades desenvolvidas na casa;
- Fotos e relatos de passeios externos;
- Rotina da criança ou adolescente;
- Desenhos e relatos de como cada um se vê.

SOBRE A ESCOLA

- Nome e endereço;
- Nome dos professores;
- Série que cursa;
- Atividades desenvolvidas na escola;
- Passeios e festas;
- Matérias preferidas;
- Amigos da escola.

PASSADO

- Dados e fotos da primeira infância;
- Motivo de abrigamento, data de chegada na casa, sensações e percepções desse momento;
- Desenhos, relatos ou lembranças da época em que morava com a família;
- Trajetória da família (pais e avós);
- Trajetória pelos abrigos que já passou.

FUTURO

- Projetos a curto prazo;
- Sonhos: o que quero ser quando crescer, profissões, como me vejo no futuro, minha casa;
- Perspectiva de desabrigamento;
- Despedida (ao final da confecção do álbum ou diante do desabrigamento).



PARA O COLABORADOR PENSAR

Ana, de três anos, foi abrigada após a morte de sua mãe por uso de drogas. Considerando o motivo do abrigamento da criança como um dado importante, como devemos pensar no registro?

Nessa situação é importante refletir: o que registrar, para que registrar e como registrar. Falar sobre a história e escrevê-la deve ocorrer de acordo com as perguntas e necessidades da criança. A cada idade, haverá um nível possível de dúvidas e de compreensão; devemos acompanhar o ritmo dela.

4.2. Estética do álbum

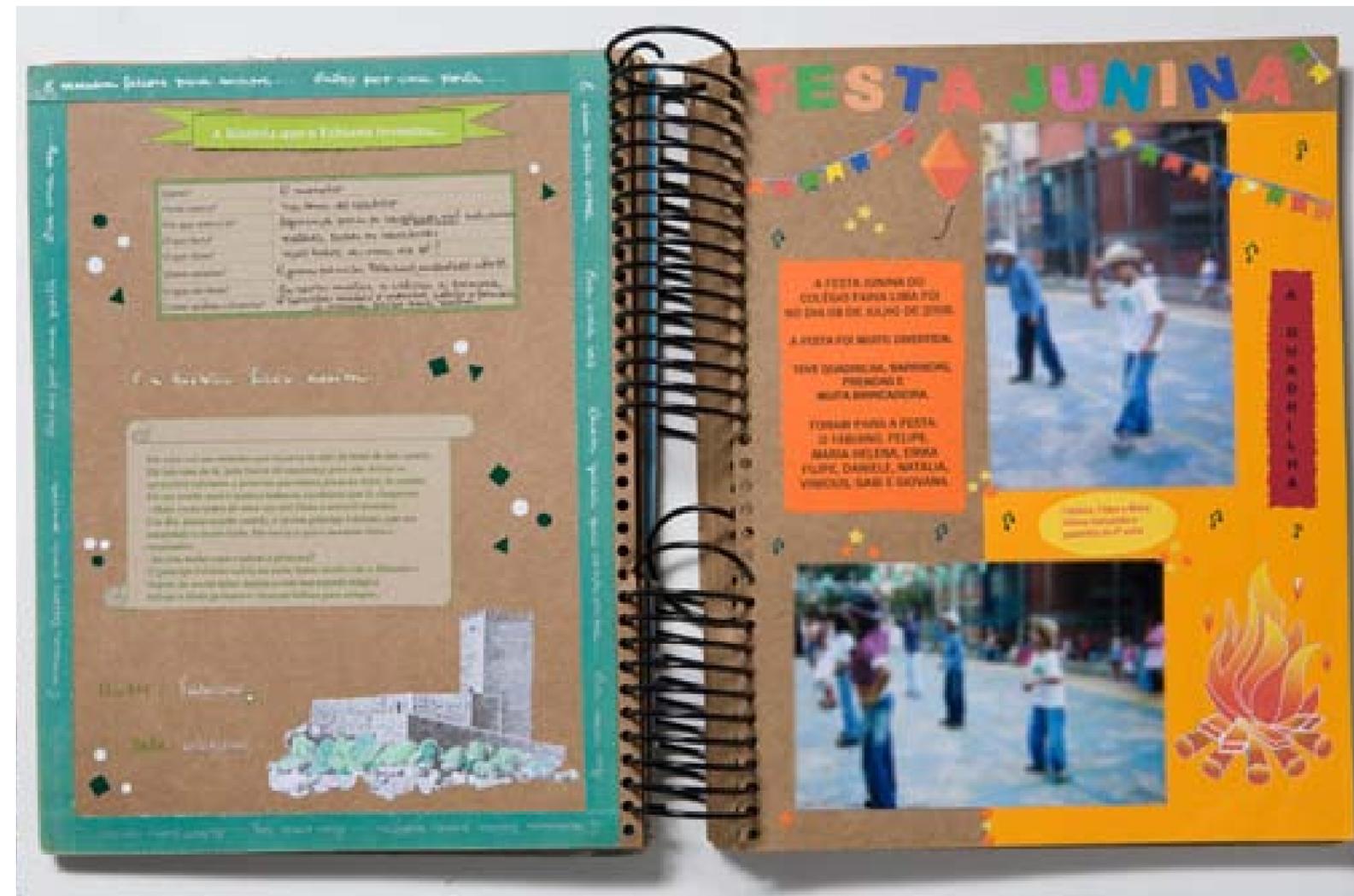
O capricho na letra, cores, desenhos e acabamento das molduras de uma foto ou colagem reafirma para a criança a importância do álbum e, principalmente, da sua história. Nesse sentido, alguns detalhes são essenciais:

Escrever de forma legível - Para que se possa entender (hoje e no futuro) o que está escrito no álbum é fundamental que o conteúdo seja legível. Use canetas ou canetinhas hidrográficas, pois o lápis apaga com o tempo, e dê preferência à letra de forma. Por isso, quando a criança está sendo alfabetizada e quer “escrever” no seu álbum, o colaborador pode, depois, “traduzir” ao lado.

Enfeitar o álbum - Enfeitar o álbum é bacana, mas é preciso estar atento ao que faz sentido para a criança, ao que ela gosta e ao que tem a ver com o seu jeito de ser, afinal, o livro deve ter a cara do dono. É importante equilibrar desenhos, textos, fotos e colagens. Uma sugestão é fazer os fundos das páginas com papel colorido.

Fazer molduras nas fotografias - As molduras enfeitam e valorizam as imagens e podem ser feitas utilizando materiais diferentes. Alguns exemplos: moldura com durex colorido, desenhada, com cartolina colorida, com colagem, etc. Não é necessário fazer molduras em todas as imagens, este é apenas mais um recurso para você e a criança se divertirem e construírem um álbum bonito.

Usar a criatividade - Todos nós temos a capacidade de criar e, quanto mais usamos a nossa criatividade, mais a ativamos. Seja curioso e observe o mundo a sua volta - essa é uma importante fonte de inspiração. Ouse, seja corajoso, invente, inove!



Dicas com o material

- Deve ser organizado material gráfico para o trabalho. A melhor opção é preparar um kit para cada colaborador. Este é responsável por guardar e cuidar do seu material, que nunca deve ser esquecido nos encontros.
- Fazem parte do kit materiais básicos como: cola, lápis grafite, canetinhas, tesoura, giz de cera e durex colorido. Se a atividade planejada precisar de outros itens, é importante que o colaborador providencie.
- Uma dica: o uso de tinta pode ser um grande sucesso, mas a chance de virar uma bagunça é enorme. Por isso, merece ser uma atividade bem planejada, quando já houver mais entrosamento, especialmente, com uma criança.
- A cada encontro, o colaborador deve selecionar e apresentar somente o que será utilizado. E, caso a criança não conheça o material, deixe-a manipulá-lo antes de iniciar a atividade.

4.3. Organização

Além do conteúdo e do visual, a organização também é fundamental na construção de um bom álbum. Títulos nas páginas são importantes para organizar e contextualizar os conteúdos, assim como datar as produções.

Como o álbum não tem uma ordem cronológica no que diz respeito à história da criança, a atividade da linha do tempo é um recurso que possibilita a organização de suas vivências.

5. A magia das fotos

A fotografia é um dos principais recursos para o registro da história no álbum. Mais do que ilustrar, as fotos trazem em si novas histórias e compõem um verdadeiro patrimônio pessoal, que todos gostam de preservar para o futuro.



Foto do meu pai

Ele era uma criança um pouco apática a tudo. A mãe o abandonou e ele era criado pela avó, que teve que se mudar para outra cidade e o deixou sozinho. O pai é presidiário. A irmã que ficava com ele no abrigo fugiu, ficou um tempo na rua e acabou indo para outra instituição. Nós soubemos, fomos visitá-la e ele levou o álbum. A irmã fez até dedicatória. Outras coisas foram acontecendo. A vizinha da avó começou a ir visitá-lo constantemente e o menino foi mudando. Hoje em dia é uma criança mais solta, brinca, joga futebol. No último Dia dos Pais, o pai dele teve a oportunidade de ir visitar a família e encontrou o filho. Nossa! Ele está super feliz. Ganhou uma foto que logo foi colada no álbum. O menino disse assim: - Tia, estou com duas fotos para colocar no meu álbum. Colou e mostrou para os colegas, todo orgulhoso.

Marta Mursa

Colaboradora voluntária do Fazendo Minha História no ABCD Nossa Casa



A tiracolo

Quando vamos fazer uma visita para a família, levo a câmera para ficar registrado também esse momento. Não só a vida da criança dentro do abrigo, mas também lá fora com a família e nos passeios.

Maria das Graças F. d'Almeida

Mãe social, Lar 4 da Associação Maria Helen Drexel

Quais fotos?

Normalmente, as crianças e os adolescentes costumam ter consigo poucas fotos sobre suas vivências passadas. Por isso, quando é possível, vale a pena convidar os familiares para reunir fotos antigas dos parentes, da casa, entre outras, para que elas passem a fazer parte do acervo da criança e possam ser coladas no álbum.

Muitas vezes, as próprias instituições fotografam as festas, os encontros e até o dia-a-dia das crianças. São imagens que pertencem primordialmente ao acervo institucional e cópias podem ser feitas para serem coladas nos álbuns de cada um.

Além das ocasiões marcantes, as cenas do dia-a-dia também merecem um belo registro, como as brincadeiras, a hora do almoço, do estudo e o ambiente do quarto. Nessa tarefa de fotografar, os educadores e funcionários da casa têm um papel essencial, pois muitas vezes apenas eles podem “flagrar” certos momentos.

Faz parte do material do projeto uma máquina fotográfica e recursos para filmes e revelação. É importante que o gestor guarde o equipamento e se lembre de providenciar a compra e a revelação dos filmes em sintonia com o ritmo das atividades do projeto.

Vale ressaltar o cuidado necessário em relação ao uso das fotografias feitas durante o trabalho, pois elas pertencem à criança ou ao adolescente e têm como destinação exclusiva o registro no álbum, não podendo receber nenhuma outra finalidade por parte do colaborador.



Hora do clique

- No começo, vale apresentar a máquina fotográfica para as crianças que não conhecem e explicar a proposta de tirar fotos delas, de coisas, pessoas e fatos importantes de suas vidas para serem registrados no álbum. Elas adoram fotografar desde o início.
- Uma das primeiras fotos a fazer é um retrato da criança ou adolescente para colocar na capa do álbum. Vale a pena caprichar e fazer mais de uma imagem, assim, caso a criança queira trocar essa foto no decorrer do trabalho, é possível.
- Se em alguns momentos é melhor o fotógrafo passar despercebido, em outros é possível transformar a sessão de fotos num grande acontecimento. Reunir as pessoas, brincar e pedir que elas façam poses pode ser muito divertido.
- Quando um grupo se junta para uma foto, vale a pena tirar mais de uma, assim, garante-se que todos possam ter e colar a imagem no seu álbum (cópias são sempre mais complicadas de conseguir).

Selecionar e legendar

Nem todas as fotografias produzidas devem ir para o álbum. Na verdade, a seleção do conteúdo é um ponto-chave no trabalho. O participante vai aprendendo a escolher, a decidir o que quer ou não guardar e a pensar em reservar espaço para novas imagens.

Outro detalhe importante é sempre identificar os conteúdos. Cada foto escolhida precisa, portanto, de uma legenda. Elas são fundamentais para que, no futuro, cada um possa se localizar em relação àquele momento. É preciso informar a data, o local, o acontecimento que foi retratado e o nome das pessoas que aparecem.

No entanto, tão importante quanto as informações mais objetivas é a história da fotografia. Muitas vezes, uma imagem é escolhida pelo jeito como foi tirada, pelo momento que representa ou pelo seu significado. É uma história que está guardada naquela foto e ela merece ser contada e registrada.

6. Ainda bebês

Bebês que estão em abrigos precisam em dobro da atenção e cuidado dos educadores, pois são eles os responsáveis por lhes apresentar o mundo em que vivem. Os colaboradores também serão pessoas importantes, que vão estabelecer vínculos com essas crianças na primeira infância. Diferentemente de quando a criança é maior, a confecção do álbum do bebê está, em grande parte, sob a responsabilidade do adulto, afinal, ainda não consegue expressar verbalmente vontades e desejos e nem fazer registros de fato.

Observação ativa do bebê

Desde os primeiros meses, as crianças já demonstram suas próprias preferências, que podem ser expressas de formas sutis. Por isso, é preciso observar o bebê: seu temperamento, linguagem verbal e não-verbal, o que lhe agrada ou desagradar. Estas são informações que poderão constar no álbum.

Conversando com o bebê

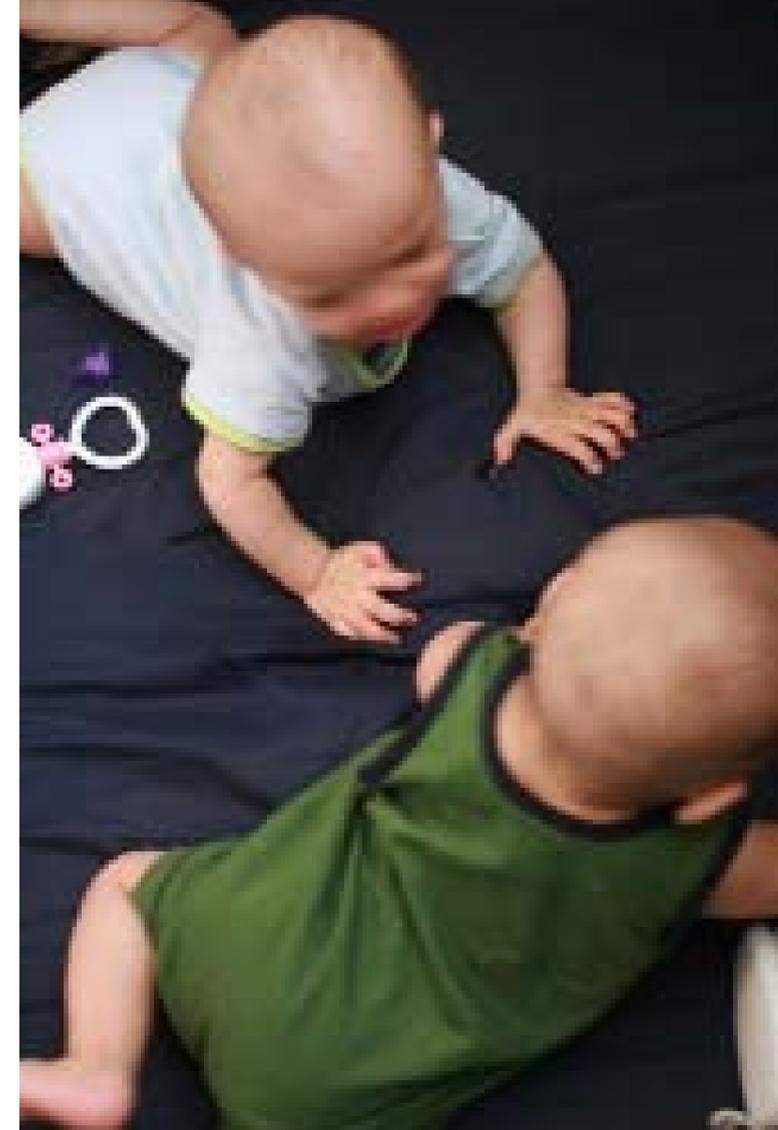
Durante os encontros, o colaborador pode - e deve - conversar com o bebê. A linguagem adulta ajuda a dar sentido ao que está acontecendo com ele. Dessa forma, o mundo vai sendo apresentando à criança: “Olha aquela árvore?”, “Você viu aquele passarinho?”, “Essa cor é o vermelho”. Nesse sentido, vale nomear tudo o que está sendo feito com o bebê. Por exemplo: “Vou te pegar no colo para tirarmos uma fotografia”, “Agora vamos para a biblioteca escolher um livro para ler”. Uma vez que tudo o que acontece e sente são novidades para ele, também é necessário acolher e nomear as suas próprias reações e sentimentos, como medo, desconforto, alegria, tristeza... É desse modo que o bebê vai conhecendo o mundo e a ele mesmo.



PARA O COLABORADOR PENSAR

Gabriela, de sete meses, tem o álbum para registro de sua história como as demais crianças do abrigo. Como fazê-lo nesse caso?

A compreensão de que o bebê, por não falar, não entende o que está a sua volta é muito comum, mas bastante equivocada. Eles estão o tempo todo decifrando o mundo e cabe ao colaborador participar ativamente desse processo nomeando os fatos, pessoas, lugares e emoções que ele conhece e percebe no bebê. O conteúdo do álbum será um registro de seu desenvolvimento, a descrição de suas características, da casa e das pessoas que cuidam da criança e, também, de sua história passada na medida do possível.



Conhecendo a sua história

A história do bebê é algo precioso e que não estará registrado em sua memória consciente, já que são raras as lembranças dessa etapa da vida. Conhecer essa história junto à coordenação do abrigo e colocá-la no álbum é muito importante. Por que ele foi morar no abrigo? Como foi a sua chegada? Quem são os seus irmãos e familiares? Outros dados de seu passado que possam ser relevantes também devem ter lugar no álbum, pois podem “desaparecer” de sua vida se não prestarmos atenção.

Criando ritos

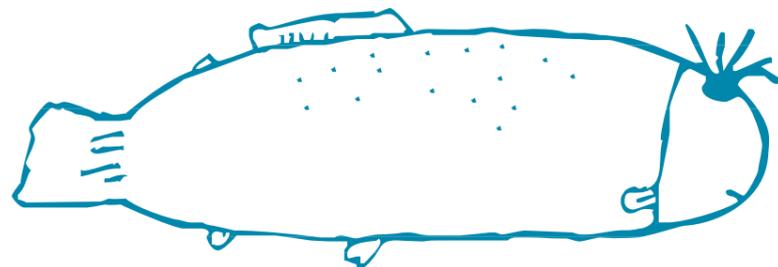
A partir de um ano, as crianças entendem melhor a presença do colaborador se o encontro for marcado pela delimitação de um espaço físico. Definir um mesmo lugar para a maioria das atividades, com um tapetinho bonito ou uma canga, almofadas ou algo que circunscreva o espaço, ajuda a criar um território. Outra maneira de marcar a visita é criar um “ritual” de chegada e despedida. Pode haver, por exemplo, uma mesma música para iniciar o encontro, sentar-se em roda (se, porventura, trabalhar com mais de uma criança), massagear o bebê cantarolando uma música curta, bem como encontrar outras maneiras de ritualizar o momento.

Poder da música

Todo bebê gosta de ouvir músicas calmas e melódicas. Cantigas infantis são muito valiosas e complementam bastante o trabalho com os livros que, muitas vezes, não despertam grande interesse nos menorzinhos. Por meio da música, o bebê se familiariza com as palavras pela repetição constante, além de entrar em contato próximo e prazeroso com os adultos. Uma sugestão para os colaboradores é providenciar um aparelho de som e criar uma trilha sonora para os encontros.

Parceria com educadores

São os educadores do abrigo que passam a maior parte do tempo com o bebê, tendo acesso a informações sobre seu desenvolvimento, seu sono, sua alimentação, etc. Portanto, é essencial que o colaborador e o educador se aproximem e conversem sobre a criança. Uma boa prática, por exemplo, é o colaborador perguntar como o bebê passou a semana cada vez que chega ao abrigo. Os educadores, por sua vez, podem e devem acompanhar a feitura do álbum e, até mesmo, participar escrevendo depoimentos, tirando fotografias com os bebês, buscando informações com seus familiares, etc.



Conteúdo do álbum

A proposta é registrar todas as informações que os pais, em geral, costumam colocar no álbum de seus filhos pequenos: peso, tamanho, cor do cabelo, olhos, qual é seu brinquedo favorito, que comidinha prefere, que cor chama mais a sua atenção, etc. As informações de como a criança interage com o mundo ao seu redor também são significativas. O colaborador pode aproveitar e registrar as reações, descobertas e características do bebê observadas durante os encontros. Tirar fotos mês a mês e fazer legendas sobre elas é uma maneira muito legal de documentar o desenvolvimento dos primeiros meses da criança. Outra questão já abordada anteriormente é o registro de sua trajetória de vida que, embora “ainda curta”, merece destaque.

Atividades para fazer e registrar

- Brincar de esconder o bebê com um paninho e depois achar (depois inverte, o colaborador se esconde). Brincar de jogar objetos longe e depois devolvê-los;
- Fazer bolinhas de sabão;
- Levar um espelho e mostrar para ele;
- Experimentar texturas, formatos e temperaturas;
- Massagem pode ser uma forma rica de comunicação e expressão entre colaboradores e bebês;
- Brincar com cores e contrastes;
- Colocar à disposição da criança alguns brinquedos e ver por qual ela se interessa mais;
- Cantar cantigas infantis;
- Ler histórias de livros infantis;
- Marcar as mãozinhas e pezinhos no álbum;
- Entrevistar os educadores sobre o bebê.



7. Para além do álbum

O foco do relacionamento entre o colaborador e a criança é sempre a realização do álbum. Mas, certamente, surgem diferentes situações que extrapolam os encontros semanais e devem ser bem aproveitadas:

Visitas de familiares ao abrigo

Existem as visitas dos familiares. O colaborador pode participar de alguma delas para conhecer os pais, tios ou avós da criança e aproveitar para tirar fotos para colocar no álbum. Mas, antes, sempre vale checar com a própria criança e com a coordenação do abrigo se essa é uma boa ideia e combinar todos os detalhes.

Passeios e saídas

Freqüentemente, as crianças pedem aos colaboradores para passearem juntos. Observamos que essas saídas atrapalham o processo e a rotina do projeto e devem ser evitadas.



PARA O COLABORADOR PENSAR

Chega a hora de ir embora. São onze da manhã e não tenho nada marcado após o Fazendo História, acho que vou ao parque. Então, a Adriana, de quatro anos, a minha queridinha, pede: posso ir com você? Me leva vai, senão vou ficar aqui o dia todo, sem fazer nada...

Os colaboradores estão lá para contar, ouvir histórias e construir em conjunto com a criança um álbum sobre a sua história de vida. Não é nossa proposta levar as crianças para sair. É importante que o colaborador e a criança tenham isso claro. Uma saída já é suficiente para que a criança peça outras vezes para passear e, assim, a natureza do vínculo e do trabalho ficam confusas.

A criança com a qual eu trabalho sempre pede algo que estou vestindo!

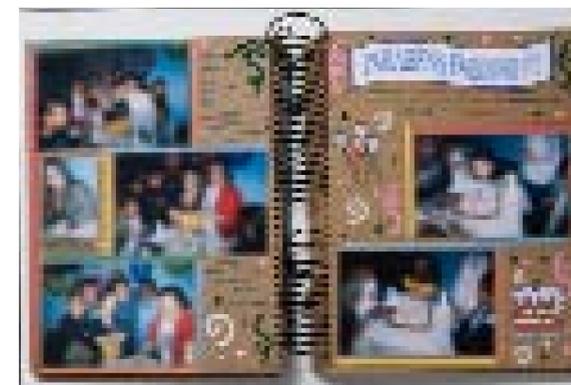
Em alguns momentos, a angústia que eles - e nós também! - sentem pela grande falta que suas histórias apresentam parece poder ser aplacada por doações materiais, mas é importante termos claro que a falta é de outra ordem (é afetiva) e precisamos suportar.

Essa situação é comum, já que você se tornou uma pessoa importante e a criança pode querer mantê-lo presente de alguma forma... Entretanto, existem outras possibilidades não concretas dela "ficar com algo seu" (um desenho, um faz de conta...).

Como qualquer outra, a criança que mora em abrigo precisa de cuidados, mas também de limites. É importante saber o que é seu e o que não é e que nem sempre ela deve pedir tudo para todos.

Aniversários

Esta é uma data importantíssima. É uma grande oportunidade de fazer a criança se sentir especial, querida e única. O colaborador deve se informar, desde o início, sobre qual é o dia do aniversário dos meninos e meninas com quem trabalha. Vale a pena saber como a casa celebra a data e, se for o caso, propor um bolo e uma festinha simples. Um cartão e um pequeno presente também são bem-vindos.

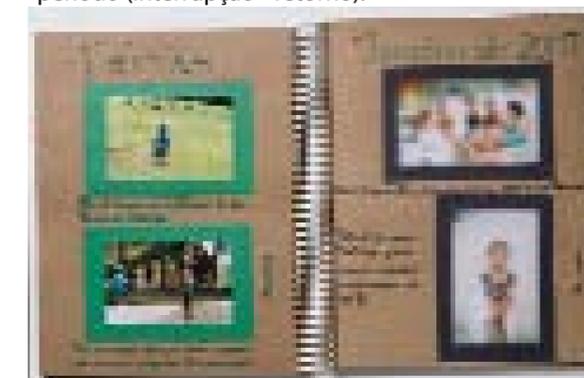


Natal

O Natal é outra data muito especial e aguardada, especialmente, pelas crianças. Normalmente, os abrigos organizam festas, uma ou duas semanas antes, para comemorar o dia com os colaboradores e familiares. É uma ótima oportunidade para estar com a criança e a sua família em um encontro diferente do semanal e, se quiser levar algum presentinho simples, esta é uma data apropriada.

Férias

Vale lembrar que durante as férias escolares a rotina de todos muda. O colaborador e o coordenador do projeto no abrigo podem checar se convém fazer alguma alteração nas atividades. Normalmente, os abrigos suspendem os trabalhos entre o Natal e o Ano Novo. No caso do colaborador sair de férias, não pode se esquecer de avisar a criança e o abrigo, e combinar a retomada dos encontros. Ele pode também levar ou construir com a criança um calendário sobre esse período (interrupção - retorno).





8. Registro do trabalho

Registro dos encontros feito pelo colaborador

O registro que o colaborador faz de cada encontro ajuda no planejamento do próximo. Além disso, esse documento auxilia na qualidade das supervisões. É muito comum o colaborador vivenciar alguma situação importante que, após algum tempo, pode se perder e ser esquecida se não for registrada.

A ficha de registro que desenvolvemos segue um modelo simples e funcional. É essencial que ela ajude o colaborador e a equipe do projeto na busca por qualidade e não por controle ou burocratização.

Registro dos encontros promovidos pela gestão e coordenação do projeto

É importante também que haja um registro dos encontros promovidos para os adultos pela coordenação do projeto, como as reuniões de formação inicial, de capacitação, supervisão e discussão de casos.

É fundamental sabermos quanto de reflexão e tempo estamos dedicando a esse trabalho.

Relatório anual

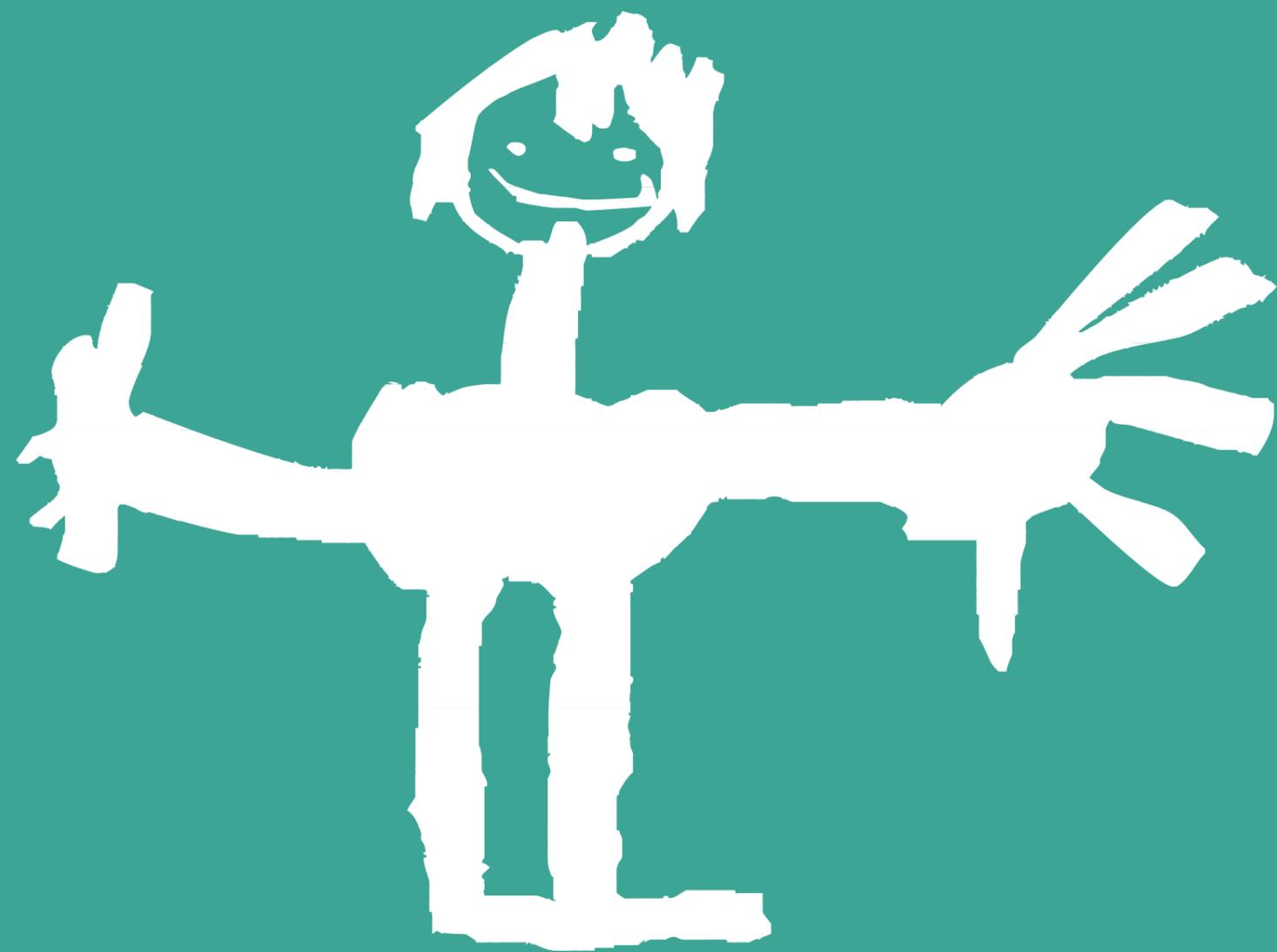
Assim como o registro dos encontros é importante, o registro do processo como um todo também é necessário para o projeto e para os abrigos. Fazendo isso, facilitamos uma prática de reflexão que é fundamental para o crescimento e desenvolvimento de todos os participantes. Esse documento serve também para que o trabalho e as riquezas de seu caminho não se percam no caso de mudanças no quadro de funcionários, por exemplo.



PARA O COLABORADOR PENSAR

O inverno chegou. Percebo que a casa possui agasalhos suficientes para que as crianças não passem frio, mas, ainda assim, tenho vontade de doar algumas peças de roupa que não uso mais. Será que devo?

As possíveis doações devem ser encaminhadas para o abrigo e não para as crianças individualmente. Assim, fica claro para elas que nosso papel ali não é o de levar presentes ou coisas, mas sim de levar e dar lugar às histórias: dos livros e de cada um.



FECHAR O CICLO

O desenvolvimento do projeto costuma se completar com cada criança em um período, em média, de 12 meses. Esse tempo pode ser alterado por uma mudança na vida como a volta à família, o encaminhamento para outra instituição ou a adoção. De qualquer maneira, nunca é um projeto infinito. Tão significativo como iniciar o trabalho é marcar o encerramento do ciclo com cada participante. A criança deve, então, ficar com a certeza de que o hábito de saborear os livros e registrar a sua própria história pode continuar. Na verdade, espera-se que dure a vida toda. Mesmo o vínculo entre ela e o colaborador também não acaba; termina o projeto, mas o afeto pode permanecer.

Presente valioso

A Fernandinha chegou ao abrigo com meses. Todo mundo tinha paixão por ela ser o bebezinho da casa e sofremos quando foi embora. Mas a pessoa que a adotou era muito legal. Então, ela foi à instituição para a festa de despedida e, quando recebeu o álbum, se emocionou. As crianças viram a sua felicidade e, enquanto ela ia folheando as páginas, vinham mostrar: - Olha, esse aqui sou eu.

Beatriz Carneiro

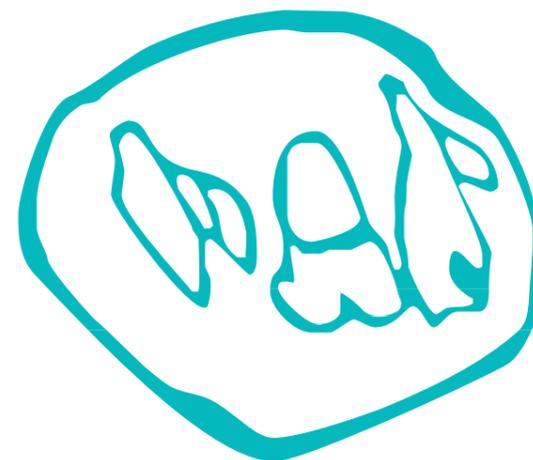
Colaboradora no Minha Casa



PARA O COLABORADOR PENSAR

Ao chegar ao abrigo, não encontro a criança com a qual trabalho. A educadora me diz que ela foi adotada naquela semana.

Na maior parte dos casos, a adoção ou o retorno à família acontecem com tempo suficiente para avisar o colaborador e prepará-lo para uma despedida, o que é, sem dúvida, fundamental. Os rituais são muito importantes para a criança ir dando significado e se apropriando de sua história. Eventualmente, porém, pode acontecer um desabrigamento brusco. O que pudermos fazer para evitar essas rupturas é bem-vindo. É importante percebermos os sentimentos inevitáveis que temos e teremos ao trabalhar com as crianças dos abrigos. Vale sempre retomarmos o caráter provisório do abrigamento. É preciso que fique claro para todos que o lugar ideal para a criança é junto com a sua família e, caso isso seja impossível, é em uma outra família que ela deve crescer.



1. Atividades de finalização

Preparar a saída

Durante vários meses, o colaborador esteve presente no abrigo, encontrando semanalmente com a criança. Portanto, o desfecho não pode ocorrer de uma hora para a outra. Ele deve ser preparado para não gerar uma sensação de perda ou abandono. Nos casos de volta à família ou adoção, essa data segue o prazo marcado para a saída do participante.

Às vezes, o colaborador tem necessidade de deixar o projeto antes da data combinada, afinal, a vida tem imprevistos e mudanças de rumo. Mas, desde o início, propomos que ele assuma o compromisso de realizar um processo de fechamento e passagem para outros colaboradores. São necessários pelo menos três encontros para fazer essa transição.

Completar o álbum

No encerramento do projeto, o álbum deve estar o mais completo possível. No decorrer dos meses, ele é elaborado seguindo o ritmo e o caminho de cada um, entretanto, perto do final, o colaborador deve observar em qual ponto está o trabalho e o que mais é possível fazer para garantir a riqueza e diversidade de conteúdos. Nesse momento, o roteiro sugerido para o álbum deve ser retomado e atividades podem ser planejadas para “completar” o registro.

Entrega do álbum

A entrega do álbum pode se tornar um ritual que marque de maneira significativa o encerramento do trabalho e a conclusão de um produto especial. Muitas vezes, ele é o único objeto material que a criança ou adolescente leva consigo quando sai do abrigo. É um valioso “patrimônio”, que, no caso de volta para a família ou adoção, merece ser apresentado de forma “solene”. Se o projeto termina e a criança segue no abrigo, vale organizar um momento especial de encerramento no qual ela recebe o seu álbum e pode mostrá-lo para todas as demais crianças, adolescentes e adultos da casa.

Quando a criança é adotada

O momento de adoção é extremamente especial e, por isso, deve ser pensado e conduzido com muita atenção e carinho. O álbum construído pela criança e pelo colaborador pertence a ela e a acompanhá-la onde for.

No momento que se inicia o processo de adoção, o colaborador deve ser avisado para que possa revisar o conteúdo do álbum, retomando o roteiro sugerido, e tentar entregá-lo o mais completo possível para a nova família.

Durante o processo, os pais adotantes são convidados a participar da confecção do álbum, podendo entregar fotos e relatos para serem acrescentados no trabalho. Quando a adoção é oficializada, a coordenação do projeto no abrigo organiza com os colaboradores, pais adotantes e profissionais da casa a passagem do álbum da criança para a nova família.

Algumas vezes, os pais adotantes preferem não conversar com a criança sobre o período de abrigamento, pretendendo que ele seja esquecido. Porém, essa conduta não a ajuda a entender sua história e a se constituir como uma pessoa que pode, ao longo de sua trajetória pessoal, compreender acontecimentos de sua biografia. Cada pessoa é sempre atravessada por sua história, seja ela qual for.

Quando a criança ou adolescente volta para casa

Desde o início do projeto, as famílias são convidadas através de uma carta a participar da construção do álbum, podendo doar fotos e relatos que serão entregues ao colaborador para serem incluídos no álbum. Entretanto, muitas vezes durante o período de abrigamento as famílias são afastadas de seus filhos. Nessas situações o álbum pode servir também como um elo entre as partes.

Quando se efetiva o retorno para casa, o procedimento é semelhante ao que é feito na hora da adoção: o abrigo avisa a coordenação do projeto e os colaboradores sobre o retorno. A dupla (colaborador e criança/adolescente) faz uma revisão do conteúdo do álbum, garantindo que tudo de importante conste nele no momento da partida.

É sempre feita uma passagem do álbum, convidando a família a dar continuidade a essa história com o mesmo cuidado e carinho.

Saber esperar

No começo, eles ficavam tão ansiosos... Chegava um voluntário e todos queriam fazer o álbum. Agora, já sabem esperar a hora de cada um. Eles sabem que aquele dia é deles e não invadem o espaço do outro. Eles foram se organizando e hoje aprenderam a esperar a sua vez e respeitar os limites.

Maria das Graças F. D'Almeida

Mãe social, Lar 4 da Associação Maria Helen Drexel

Gosto de contar

As crianças parecem despertar para essa coisa de contar história de tudo que a gente faz. Outro dia, fizemos uma pintura coletiva e pusemos para secar. Não falei nada e elas imediatamente disseram: - Agora vamos contar a história da pintura. E cada uma contou uma.

Marta Mursa

Colaboradora voluntária do Fazendo Minha História

Brincar de Fazendo História

Estavam cinco meninas no quarto e uma delas me pediu: - Tia, me dá folha, cola, tesoura... - O que vocês vão fazer? - Vamos brincar de fazer história. Mas o que vocês vão fazer? - Vamos montar o nosso álbum de história.

Beatriz Carneiro

Colaboradora do projeto no Minha Casa

2. O que fica com cada um

Cada criança e adolescente encerra o projeto com a sua história registrada em um álbum, que pode lhe acompanhar para sempre. E este, além de ser um produto concreto, indica diferentes ganhos conquistados.

Para começar, ele é fruto de uma relação de confiança, respeito, afeto e colaboração estabelecida com um adulto - apontando que essas relações são possíveis e valem a pena. É, também, fruto de uma rotina de atividades, que exigiu muitas vezes dedicação, disciplina e persistência, além de criatividade e parceria. É resultado, ainda, da descoberta da riqueza dos livros, das histórias - das inventadas e das reais, dos outros e da sua própria - da descoberta de si como autor e protagonista da sua trajetória de vida.

A experiência do projeto pode ser apenas o ponto de partida para uma crescente interação das crianças e adolescentes com os livros, as narrativas e a valorização da memória - o “fazer história” torna-se uma prática do dia-a-dia e, às vezes, vira até uma gostosa brincadeira.

Da mesma forma, os resultados para o abrigo vão além dos livros e álbuns conquistados. O principal é vivenciar a importância de conhecer e registrar as histórias de vida das crianças e dos adolescentes - contadas por eles próprios e ouvidas com toda a atenção; é não se assustar com as experiências que as crianças e adolescentes já viveram, por mais dolorosas que sejam; é criar maneiras rotineiras de registrar e preservar a história de cada um, do trabalho e da própria instituição; é, também, incluir a presença dos livros na casa e descobrir espaços e tempos para a leitura, a roda, o encontro prazeroso e criativo. E mais: é acumular uma nova experiência de parceria incluindo, muitas vezes, o trabalho de diferentes voluntários.

3. Avaliação

Para avaliarmos os resultados do trabalho, é preciso termos claro aonde queremos chegar e definirmos, de forma detalhada e específica, os objetivos do nosso programa, as estratégias propostas para atingi-los e os indicadores de resultado. Assim, no caso de um objetivo não estar sendo alcançado, podemos repensar as estratégias e recriá-las após o processo de avaliação do trabalho no abrigo.

Todos os registros já citados são fontes de informações para a avaliação e temos alguns instrumentos específicos para utilizar com os colaboradores, com a coordenação do abrigo, com os educadores e com a criança para garantir a obtenção de todos os dados que buscamos. Além disso, temos uma ficha de avaliação do álbum que pode nos indicar com precisão a sua qualidade.

É importante que a avaliação seja feita em parceria com a equipe do Fazendo História, aproveitando portanto esses instrumentos.

O processo de avaliação de resultados deve contar com um marco-zero, com avaliações após 6 meses, havendo ainda a possibilidade de mudanças para adequar o trabalho durante o processo e, por fim, com o encerramento.



Para saber mais

SUGESTÕES DE LEITURA

- *Acordais : Fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias* - Regina Machado - Difusão Cultural do livro, 2004.
- *Adolescência* - Contardo Calligaris - Publifolha, São Paulo, 2000.
- *A história das crianças no Brasil* - Mary Del Priori - Contexto, São Paulo, 1999.
- *Como amar uma criança* - Janus Korczak - Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1983.
- *Compreendendo seu bebê* - Lisa Miller - Imago Editora, Rio de Janeiro, 1992.
- *Compreendendo seu filho de 1 ano* - Deborah Steiner - Imago Editora, Rio de Janeiro, 1992.
- *Compreendendo seu filho de 2 anos* - Susan Reid - Imago Editora, Rio de Janeiro, 1992.
- *Compreendendo seu filho de 3 anos* - Judith Trowell - Imago Editora, Rio de Janeiro, 1992.
- *Compreendendo seu filho de 4 anos* - Lisa Miller - Imago Editora, Rio de Janeiro, 1992.
- *Compreendendo seu filho de 5 anos* - Lesley Holditch - Imago Editora, Rio de Janeiro, 1992.
- *Compreendendo seu filho de 6 anos* - Deborah Steiner - Imago Editora, Rio de Janeiro, 1993.
- *Compreendendo seu filho de 7 anos* - Elsie Osborne - Imago Editora, Rio de Janeiro, 1993.
- *Compreendendo seu filho de 8 anos* - Lisa Miller - Imago Editora, Rio de Janeiro, 1993.
- *Corpos que gritam* - Caroline Eliacheff - Editora Ática, São Paulo, 1995.
- *Curando com histórias* - Gilberto Safra - Edições Sobornost, São Paulo, 2005.
- Estatuto da Criança e do Adolescente - *BRASIL* - lei n 8069/90, de 13 de julho de 1990.
- *Fadas no Divã: Psicanálise nas histórias Infantis* - Diana Lichtenstein Corso e Mário Corso - Artmed, 2006.
- *Febem, família e identidade* - Isabel da Silva Kahn Marin - Editora Escuta, São Paulo, 1999.
- *Giramundo: E outros brinquedos e brincadeiras dos meninos do Brasil* - Renata Meirelles - Ed. Terceiro Nome - 2007
- *História social da criança abandonada* - Maria Luiza Marcílio - Hucitec, São Paulo, 1998.
- *O Brincar e a realidade* - Winnicott D.W - Ed. Imago, Rio de Janeiro, 1975.
- *Poema Pedagógico* - Anton S. Makarenko - Brasiliense, São Paulo, 1983.
- *Por uma política de abrigos em defesa das crianças e dos adolescentes na cidade de São Paulo* - Rita de Cássia, São Paulo, 12 agosto de 2004.
- *Trabalhando abrigos* - IEE - PUC/SP - Forja Gráfica e Editora Ltda, São Paulo, 1998.
- *Um olhar para o abrigo: Reflexões sobre a prática do educador e mãe social e sua influência na vida das crianças e dos adolescentes abrigados* - Maria Lacombe Pires, São Paulo, 2006 (mimeografado) - Biblioteca da PUC-SP.
- *Violências* - Isabel da Silva Kahn Marin - Editora Escuta, São Paulo, 2002.



NA INTERNET:

LIVROS E HISTÓRIAS

- Contador de História - www.ilan.com.br
- Associação Vaga-lume - www.expedicaovagalume.org.br
- A Cor da Letra - www.acordaletra.com.br
- Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) - www.fnlij.org.br
- Museu da Pessoa - www.museudapessoa.net
- Os Tapetes Contadores de Histórias - www.tapetescontadores.com.br
- Ruth Rocha - www2.uol.com.br/ruthrocha

DIREITOS DAS CRIANÇAS

- ANDI - Agência de Notícias dos Direitos da Infância - www.andi.org.br
- Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança e do Adolescente - www.fundabrinq.org.br
- Portal EducaRede - www.educarede.org.br
- Portal Pró-Menino/RiSolidária - www.risolidaria.org.br
- CMDCA - www2.prefeitura.sp.gov.br/cidadania/conselhoecoodenadorias/cmdca
- Berço da Cidadania - www.bercodacidadania.org
- Conanda - www.planalto.gov.br/sedh

VOLUNTARIADO

- Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social - www.ethos.org.br
- Portal do Voluntário - www.programavoluntarios.org.br
- Seja um Voluntário - www.voluntarios.com.br

Créditos

Realização

Instituto Fazendo História

Sistematização, redação e edição geral

Immaculada Lopez

Produção de conteúdo

Cláudia Vidigal

Bruna Elage

Juliana Braga

Projeto gráfico e diagramação

Marina Siqueira

Teresa Guarita Grynberg

[Estúdio Colírio]

Ilustrações

João Grynberg

Gil Soares de Mello

Maria Soares de Mello

Fotos

Laura Wrona

Fotos dos álbuns

Luciano Munhoz

Revisão ortográfica

Mônica Storino

Participação

Clarissa de Toledo Temer Lulia

Tatiana Grinfeld

Lola Knoplech Cuperman

Maria de Lourdes Trassi Teixeira

Isabel Penteadó

Maira Susi Bertanha

Rodas de história

Anatália Palmeira Mota dos Santos (Casa Semeia)

Beatriz Carneiro (Minha Casa)

Bernadette Penkal (Educandário Dom Duarte)

Cristiane Brandt (Amem)

Cristiane Laloni (Associação Maria Helen Drexel)

Domingas Novais de Brito (Associação Maria Helen Drexel)

Isabel Arnoni (ABCD Nossa Casa)

Jailma Gomes de Araújo (Educandário Dom Duarte)

Laila Rebelo (Associação Maria Helen Drexel)

Lia Olival (Associação Maria Helen Drexel)

Luzineide Pires dos Santos Belcho (Associação Maria Helen Drexel)

Maria das Graças F.d'Almeida (Associação Maria Helen Drexel)

Maria Pires (ABCD Nossa Casa)

Marilza Ogata Trovão (Casa de Amparo ao Pequeno São João Batista)

Marly Correia do Nascimento (Casa de Amparo ao Pequeno São João Batista)

Marta Mursa (ABCD Nossa Casa)

Mirian Cristina da Conceição (Educandário Dom Duarte)

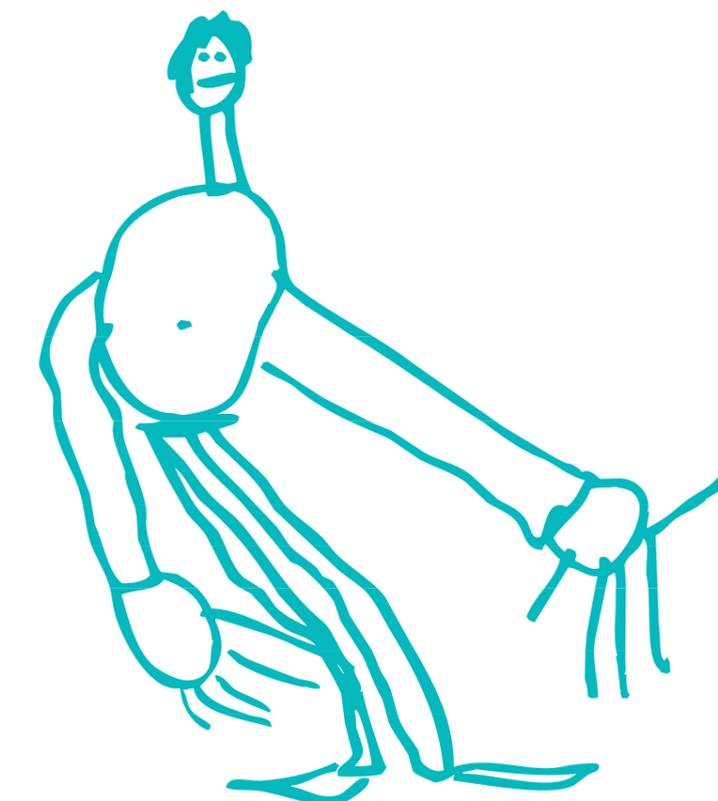
Rita de Cássia Otoboni B. Silva (Educandário Dom Duarte)

Rosemeire Mateus Cruz (Associação Maria Helen Drexel)

Sofia Aparecida de Almeida (Educandário Dom Duarte)

Solange S. F. Nossetti (Casa Semeia)

Sueli Felizardo (Associação Maria Helen Drexel)



Agradecimentos

A todas as pessoas que fazem parte desta história.



**instituto
fazendohistória**

Rua Alberto Faria, 1308 • Alto de Pinheiros

São Paulo • SP • 05459 001 • Brasil

Tel/fax: (11) 3021-9889

E-mail: contato@fazendohistoria.org.br

www.fazendohistoria.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fazendo minha história : guia de ação para
abrigos e colaboradores / [sistematização,
redação e edição geral Immaculada Lopez] . --
São Paulo : Associação Fazendo História, 2008.

Vários colaboradores.

1. Abrigos 2. Crianças - Cuidados
institucionais 3. Histórias de vida 4. Instituto
Fazendo História 5. Projeto Fazendo Minha História
I. Lopez, Immaculada e Vidigal, Cláudia

08-03010

CDD-362.732

Índices para catálogo sistemático:

1. Crianças abrigadas em instituições :
Histórias de vida : Bem-estar social
362.732

APOIO INSTITUCIONAL:



PATROCÍNIO:

